

CONCURSO
LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO, CRÔNICA E POESIA

**CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA
POESIA, CRÔNICA E CONTO**

Realização

Prefeitura Municipal de Santa Maria: Prefeito Jorge C Pozzobom
Vice-prefeito: Sergio Cechin
Secretaria de Município de Cultura Esporte e Lazer
Secretária: Marta Zanella
Secretária Adjunta: Marcia Teston
Superintendente da Cultura: Cassio Corbellini

Comissão Organizadora do Concurso

Coordenação Geral: Secretária - Marta Zanella
Coordenação Executiva: Rosângela Beatriz Rechia
Equipe: João Carlos Lima, Fabrício da Silva
Gustavo Lau Druzian e Tânia Regina S. Bomachar

Projeto Gráfico e Diagramação: Denise Reis

Capa: Gibran Carrazzoni (Superintendência de Comunicação)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C744 Concurso Literário Felipe D'Oliveira : conto, crônica e poesia -
Premiados 2017 e 2018 / Organizadora Rosângela Beatriz Rechia.-
-Santa Maria : Imprensa Universitária/UFSM 2018.

243 p. ; 14 x 21cm: il.
ISBN : 978-85-66929-08-9

1. Literatura Brasileira. 2 . Conto. 3 Crônica. 4. Poesia. I. Rechia, Rosângela
Beatriz. II. Título.

CDU 821.134.3(81)
CDD 869.9

Ficha Catalográfica elaborada por Fernanda da Silva Santos CRB10/2189
Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide - Santa Maria

Edição e Impressão
Imprensa Universitária - UFSM

Rosangela Beatriz Rechia
Organização

CONCURSO
LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO, CRÔNICA E POESIA

Premiados
2017 - 2018

Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município da Cultura Esporte e Lazer
Santa Maria/RS
2018



Câmara lenta

Meus pensamentos estão dormindo.
A solidão verte luz no aquário
e dentro dela os meus pensamentos
que adormeceram adquirindo volume
têm a mobilidade aparente, a refração
de uma paisagem submarina.
De repente,
uma carícia de antigamente
vai subindo
à tona da memória
e por toda a espessura da minha inércia se propaga
uma vibração de sino tangido no fundo
d'água
resolvendo o silêncio entorpecente da
minha sodoma submersa,
por onde se arrasta,
flutuando,
flácido e elástico como um polvo,
o resíduo em recalque de uma
volúpia esquecida.

Felipe D'Oliveira

Sumário

Prefácio	9
Ao longo de quatro décadas	13
A Leitura de um bom livro alimenta	15
Concurso Felipe D'Oliveira	17
O Concurso Literário Felipe D'Oliveira	19
Poesia, Crônica e Conto - 40ª Edição	21
XL Concurso Literário Edição 2017	22
Poesia - Comissão Julgadora	23
Premiados	24
André Telucazu Kondo - Amoras - 1º Lugar	25
Eder Rodrigues da Silva - Sem Título - 2º Lugar	28
Marcos Ferreira de Souza - Sacerdócio - 3º Lugar	30
Odemir Paim Peres Jr. - Cinco Marias - Incentivo Local	31
Eder Rodrigues da Silva - A Natureza de Nossos Pequenos Desastres -1ª Menção	36
Diego Rodrigues Souto Calazans - Memento - 2ª Menção	37
Henriette Effenberger - Descalça - 3ª Menção	38
Crônica - Comissão Julgadora	39
Premiados	40
Emir Rossoni - Era Uma Caixa de Madeira - 1º Lugar	41
Flávio César de Freitas - O Jardineiro da Rua do Ouro - 2º Lugar	43
Henriette Effenberger - O Futuro Chegou! - 3º Lugar	48
Ceura Fernandes - Canção de Ninar Para Uma Cidade Insone Incentivo Local	51
Luiz Cunha Pimentel - O Mote - 1ª Menção	55

Elizabete Rabello Machado Brandão - Sinais - 2ª Menção	57
Marcos Ferreira de Souza - Músico e o Mendigo - 3ª Menção	59
Conto - Comissão Julgadora.....	63
Premiados	64
Edileuza B. de Lima Longo - Nas Malhas do Pescador - 1º Lugar	65
Marcos Ferreira de Souza - O Transe de Nicole - 2º Lugar	77
Tatiana Alves Soares Caldas - Indulto - 3º Lugar.....	91
Odemir Paim Peres Jr - Joela - Incentivo Local.....	103
Fernando Jesus Nogueira Catossi - Ecos de Uma Estrada - 1ª Menção.....	107
José Wilson Oliveira Fontinele - Teatro das Câmaras - 2ª Menção.....	113
Esechias Araújo Lima - Benjamim Beija-Mão - 3ª Menção.....	122
Poesia, Crônica e Conto - 41ª Edição	137
XLI Concurso Literário Felipe D'Oliveira - Edição 2018.....	138
Poesia - Comissão Julgadora.....	139
Premiados	140
Gabriel Santos de Araujo - Genealogia do Mundo - 1º Lugar.....	141
Cefas de Carvalho Silva - Febre - 2º Lugar.....	144
João Nery Pestana - Anotações Para Uma Epifania - 3º Lugar.....	145
Júlia Parreira Zuza Andrade - A Mala da Mulher Que Foge - 1ª Menção	148
Thássio Gonçalves Ferreira - Desfiladeiros - 2ª Menção.....	152
Fernando Ernesto Baggio Di Sopra - Poesia Simbolista da Boca do Monte -3ª Menção.....	154
Crônica - Comissão Julgadora.....	157

Premiados	158
Úmero Card'Osso - Olhamo-nos Com Nossos Olhares Sem Olhos - 1º Lugar	159
Luis Cunha Pimentel - Mãos - 2º Lugar	164
Paulo Cezar Alves Monteiro - Velejares: (Veleiros Parte II) - 3º Lugar	166
Athos Ronaldo Miralha da Cunha - A Última Tarde de Agosto - Incentivo Local	170
Valentina Ceolin Gindri - Porto Alegre ao Meio Dia - 1ª Menção	172
Ronei Francisco Tadeu Gulke - A Pequena Luz - 2ª Menção	176
Ademir Moreno Aguilar - Palavra - 3ª Menção	178
Conto - Comissão Julgadora	181
Premiados	182
Danilo Drumond Avelino - Dízimos, Mentiras e Crendeuspadres - 1º Lugar	183
Isabel Tereza de Araujo Galvão - Óleo de Coco - 2º Lugar	195
Hector Lumen - Um Conto Nada Perfeito - 3º Lugar	202
Felipe Clos Bassedone - Em Busca de Exílio - Incentivo Local	207
Danilo Drumond de Avelino - Sorte Grande - 1ª Menção	214
Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Max - 2ª Menção	224
Ana Luiza Figueiredo - A Coroação - 3ª Menção	233
É com grande satisfação	241
Apoio	243

PREFÁCIO

É, sem sombra de dúvida, uma honra para a Academia Santa-Mariense de Letras, parceira da Secretaria de Município de Cultura, Esporte e Lazer de Santa Maria, fazer o prefácio de tão importante obra, que reúne os textos vencedores do Concurso Literário Felipe D'Oliveira, edições 2017 e 2018.

O Concurso, hoje em sua 41ª edição, que conta entre seus jurados com membros da Academia Santa-Mariense de Letras desde seus primórdios, em 1977, já com 400 participantes, teve como vencedor, em Primeiro Lugar, na categoria Conto (Trajetória da Loucura) e em 4º Lugar na categoria Poesia (Ode à Ternura) o escritor Humberto Gabbi Zanatta.

Visa o Concurso, instituído pela Lei Municipal número 1916/77, além de prestar justa homenagem à Felipe D'Oliveira, estimular novas produções literárias nas modalidades Conto, Crônica e Poesia, sendo dirigido a candidatos de nacionalidade brasileira, residentes no país ou no exterior.

O escritor santa-mariense Felipe D'Oliveira, nasceu dia 23 de agosto de 1890 e é filho de Felipe Alves D'Oliveira e Adelaide Alves D'Oliveira.

Foi farmacêutico, vivendo no Rio de Janeiro, onde deu continuidade à sua obra, escrevendo para jornais e revistas cariocas, além de títulos como Vida Extinta, Lanterna Verde, Alguns Poemas, Terra Cheia de Graça e outros.

Exilou-se em Paris em 14 de outubro de 1932, por ser frontalmente contrário ao regime ditatorial imposto por

Getúlio Vargas, vindo lá morrer em acidente automobilístico em 17 de fevereiro de 1933, com apenas 33 anos.

O XL Concurso, realizado em 2017, recebeu trabalhos de candidatos residentes em 22 Estados Nacionais e Distrito Federal, além de 2 candidatos residentes em Estados Estrangeiros, totalizando 1047 obras, sendo 377 contos, 269 crônicas e 401 poesias.

Já o XLI Concurso, ocorrido em 2018, contou com a participação de concorrentes residentes em 18 Estados Nacionais e Distrito Federal, além de candidatos residente em 3 Estados Estrangeiros, totalizando 705 trabalhos, sendo 276 contos, 159 crônicas e 270 poesias.

O Concurso conta com o trabalho gratuito dos profissionais da área de Letras da UFSM, UFN, PUC, ASL, CAPOSM e professores da rede de ensino estadual como jurados que emprestam seu ofício para o sucesso do evento.

Esses dados são importantes para demonstrar a abrangência, grandiosidade e grau de dificuldade que o evento ganhou ao longo dos anos, sendo, talvez, um dos Concursos mais relevantes para a Literatura Nacional.

O escritor escreve para ser lido, não para ficar rico, que isso é coisa que poucos alcançam. Ser lido é ser valorizado, mesmo sob riscos de críticas, que essas são necessárias para o aprimoramento do escritor.

Vivemos em um país que lê pouco e escreve menos ainda, sendo absolutamente necessário que iniciativas como essa sejam divulgadas e valorizadas.

Por isso, mais do que ganhar o prêmio, a publicação do texto é a sublimação da obra, a possibilidade de imortalizar o autor, registrar para todo o sempre a produção literária.

Essa obra, além de prestar homenagem aos autores vencedores, é uma prestação pública de contas dos esforços e recursos utilizados nessa epopeia que é receber e selecionar tantos textos de qualidade, escolhendo os melhores em cada categoria, o que atesto não ser tarefa fácil, pois já tive a honra de participar do Concurso como Jurado.

Mesmo sendo uma tarefa hercúlea examinar e julgar centenas de textos, não resta dúvida que os jurados, movidos pelo amor à literatura, sentem-se privilegiados e valorizados pelo convite. Assim, desejamos aos leitores que tiverem a sorte de colocarem os olhos nessa obra magnífica, uma boa leitura.

João Marcos Adede y Castro

Presidente da Academia Santa-Mariense de Letras

Ao longo de quatro décadas, o Concurso Literário Felipe D'Oliveira consolidou-se como uma das mais importantes vitrines para a apresentação de novas obras literárias, de diferentes gêneros. Um espaço valorizado e muito bem ocupado, não apenas por escritores santa-marienses e gaúchos, mas, sim, de todo o mundo. E não se trata de exagero, visto que até textos da França, de Portugal e do Japão foram submetidos à avaliação da comissão julgadora nas duas últimas edições do concurso, em 2017 e 2018, cujos textos vencedores compõem esta publicação.

Felipe D'Oliveira, como outros tantos ilustres santa-marienses, levou o nome da cidade Coração do Rio Grande pelo Brasil e pela Europa, e merece todo nosso reconhecimento. Por isso, além do concurso literário que já possui o seu nome, pela primeira vez em 45 anos de história, a Feira do Livro de Santa Maria escolheu Felipe D'Oliveira como escritor homenageado, em 2018. O sobrinho-neto do escritor, o economista Ricardo José Daudt de Oliveira, veio do Rio de Janeiro para receber a homenagem póstuma durante a Feira do Livro.

Patrono do concurso literário mais importante da Cidade Cultura, homenageado na Feira do Livro de Santa Maria, Felipe D'Oliveira já escreveu com letras douradas

seu nome da história, mas, agora, é ele quem abre caminho para novos talentos na escrita, seja no conto, crônica ou poesia. Nas próximas páginas, serão apresentados textos de alguns escritores que se destacaram nas edições recentes do Concurso Literário Felipe D'Oliveira. Nomes que talvez sejam desconhecidos do grande público, mas que, no futuro, quem sabe, poderão estar batizando concursos e feiras literárias pelo mundo a fora. Afinal, não há limites quando se ingressa na fabulosa viagem das letras.

Jorge Pozzobom

Prefeito Municipal de Santa Maria

“A leitura de um bom livro alimenta a alma e engrandece nossas emoções.”

Maria de Fátima B. Oliveira

A Lei Municipal nº 1916/1977, de autoria do vereador Orcy de Oliveira, instituía o Concurso Literário Felipe D’Oliveira de Conto, Crônica e Poesia, com o intuito de incentivar a escrita e descobrir novos talentos.

O concurso Literário recebeu o nome do poeta santa-mariense Felipe D’Oliveira que escreveu várias obras em jornais e revistas, e a cada edição, atrai um número maior de participantes, de todo Brasil e inclui o Município de Santa Maria no cenário nacional literário, e no ano de 2017, chegou a sua XL edição.

Concursos Literários propõem a discussão de assuntos que têm relevância para a sociedade, e é de grande relevância que as gerações futuras pesquisem e escrevam, neste sentido, o Parlamento Municipal juntamente com a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer estão comprometidos com a cultura em nossa cidade, incentivando as mais diversas manifestações artísticas e culturais.

“Produzir textos é expor uma imagem de si. Nada é tão complexo quanto suscitar o gosto e a motivação para a escrita.” Dolz, Gagnon e Decândio

Quando se trata de cultura e educação, pode-se dizer, que unidas, são aliadas no processo ensino-aprendizagem, tornam-se meios socializadores.

Como Presidente do Parlamento Municipal no ano de 2017, deixo minha mensagem: Devemos investir em políticas públicas voltadas para cultura e educação e em ações educativas nas escolas, além de incentivar e reconhecer novos talentos. A cultura é o melhor instrumento para a inclusão social, é o elo de ligação para uma sociedade mais justa!

“SIMPLES ASSIM

Por que escrever é mais que um ofício?

Por que em mim lembra até um vício, já

Que a poesia jamais tem fim para mim?

Sinceramente, não sei o porquê deste

Porque e até poderia arriscar em te dizer

Que é porque escrever é não morrer!”

Guria da Poesia Gaúcha

Admar Pozzobom

Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria - 2017

O Concurso Literário Felipe D'Oliveira, instituído no ano de 1977 pela Lei Municipal nº 1916, visa conceder espaço a escritores emergentes e a fomentar o surgimento de novos talentos nos gêneros de Conto, Crônica e Poesia, bem como presta sua homenagem à memória do poeta santa-mariense que lhe empresta o nome.

Após 40 anos do início do concurso, constata-se, anualmente, o valor inestimável que a literatura agrega de geração em geração. Nela não há limites nem restrições quanto a cor, raça ou credo. E assim é este Concurso Literário, no qual não se encontram óbices aos seus textos, sendo escritos pelos multifacetados brasileiros que, de várias partes do Brasil e do mundo, não olharam as fronteiras territoriais como empecilho para participar, de tal forma que já foram submetidas belas produções de mais de 20 estados brasileiros e de outros países, como Japão e França.

E assim como um coração precisa bombear sangue para todo o corpo, mantê-lo saudável e apto para a realização das funções essenciais à vida, também é o dever da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, a qual deve reunir forças para que este valoroso Concurso Literário se mantenha vivo a cada edição, pois sua relevância sociocultural transcende a sua função local, haja vista ser um importante instrumento de arte, inovação, criatividade e transformação por meio da escrita. Afinal, a cultura herdada das diversas etnias que marcam o povoamento de nossa

cidade, há 160 anos, faz de Santa Maria um lugar em que a arte, cultura e inspiração são capazes de transformar o espaço em que vivemos.

Portanto, a Casa do Povo se sente honrada em participar do XLI Concurso Literário Felipe D'Oliveira no qual, como sempre, surpreende-se com as produções literárias submetidas e presta, assim, seu imenso agradecimento a todos os concorrentes e aos vencedores que farão, para todos que dessa obra se deleitarem, um momento especial.

*Entrei na imensidade dessas águas,
de alma feliz, cantando em tons de trova...
E ao batismo de um sol chispando fráguas
eu jurei esquecer antigas mágoas
numa esperança ideal de vida nova...*

Felippe D'Oliveira (1911)

Alexandre Pinzon Vargas

Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria -2018

Concurso Felipe D'Oliveira

O Concurso Felipe D'Oliveira criado pela Lei de Ex-vereador Orcy de Oliveira, no ano de 1977, chega ao ano de 2018 com produções repletas de sensibilidade, criatividade e próprios de quem entende a arte e a cultura. A edição extraordinária 2017 e 2018 apresenta os inscritos nas categorias conto, crônica e poesia em comemoração e homenagem aos 160 anos da Emancipação Política de Santa Maria. Participaram do XL Concurso Literário Felipe D'Oliveira, 22 estados e Distrito Federal e 2 países, totalizando 1047 trabalhos inscritos. No XLI Concurso Literário Felipe D'Oliveira foram 18 estados e Distrito Federal e 3 países num total de 705 trabalhos inscritos.

A Prefeitura Municipal de Santa Maria através da Secretaria de Município de Cultura, Esporte e Lazer quer agradecer e enaltecer as parcerias sem as quais este trabalho não seria possível. Agradecer especialmente, a Rosângela Rechia e equipe, servidores do Município, que com amor e dedicação conduziram este concurso.

Agradecer a Comissão Julgadora que, eficientemente e voluntariamente, selecionaram com sucesso os vencedores.

Agradecer aos escritores que com sensibilidade e talento criativo garantiram mais esta edição do concurso Felipe D'Oliveira.

Agradecer a Editora da UFSM através de seu diretor, Prof. Daniel Arruda Coronel, o Reitor Prof. Paulo Afonso Burmann, Vice Reitor Prof. Luciano Schuch e ao Secretário Geral de Gabinete do Reitor Marivaldo da Costa Ferreira que possibilitaram mais esta edição, contribuindo com a consolidação da literatura em nosso município.

Agradecer a todos que de uma forma ou outra contribuem para tornar Santa Maria, cidade Cultura que queremos.

Marta Zanella

Secretária de Município de Cultura, Esporte e Lazer

**XL CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA, CRÔNICA E CONTO

40ª Edição

Santa Maria - RS

2017

21

**XL CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE
D'OLIVEIRA**

Edição 2017

Jorge Cladistone Pozzobom
Prefeito Municipal de Santa Maria

Sergio Cechin
Vice-prefeito

Admar Pozzobom
Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria

Marta Zanella
Secretária de Município de Cultura Esporte e Lazer

Cassio Corbellini
Superintendente de Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora do Concurso

**João Carlos Lima – Fabricio da Silva - Tania Regina
Salamoni Bomachar**
Equipe

Participaram do XL CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D' OLIVEIRA – edição 2017 - 22 Estados
e Distrito Federal, RS, SC, PR, SP, RJ, M G, BA, MT, M S, GO,
PA, MA, AM, PE, CE, ES, RN, PI, TO, SE, PB, AL, DF e 2
Países : França e Japão, totalizando 1047 trabalhos inscritos.
Assim distribuídos: Conto: 377, Crônica: 269, Poesia: 401

XL CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

POESIA

Comissão Julgadora:

Aristilda Rechia - ASL

Denise Reis - CAPOSM

Letícia Raimuidi Ferreira - ASL

Premiados

1º Lugar:

Amoras

André Telucazu Kondo - Judiaí /SP

2º Lugar:

Sem Título

Eder Rodrigues da Silva - Belo Horizonte/MG

3º Lugar:

Sacerdócio

Marcos Ferreira de Souza - Mossoró/RN

Incentivo Local:

Cinco Marias

Odemir Paim Peres Jr.- Santa Maria/RS

1ª Menção Honrosa:

A Natureza de Nossos Pequenos Desastres

Diego Rodrigues Souto Calazans - Aracaju/SE

2ª Menção Honrosa:

Memento

Eder Rodrigues da Silva - Belo Horizonte/MG

3ª Menção Honrosa:

Descalça

Henriette Effenberger - Bragança Paulista/SP

André Telucazu Kondo - Judiaí /SP -1º Lugar

Amoras

No precipício
dos parapeitos das cegas janelas
jogo o olhar em infinito suicídio
não mais a vista saudosa
de maduras rubras amoras
nem o desfazer da viúva cama
de lençóis desbotados de tanto sol e rio
se a razão de uma vida é amar
por que a solidão é maior
neste peito, neste porto?
O pó suspenso em meu plúmbeo quarto
é arquipélago
de pupilas deslumbradas que o tempo
deita nos incômodos desta casa

Tudo neste mundo é curva
esquina de ópio
ilusão de Macau
mares de fim de mundo
onde navegar não é mais preciso
pois se um dia fui porto
hoje sou mar
do qual não se retorna

As amoras no quintal
esperam ansiosas pela colheita
mas sei que minha mão

não é mais afago — e posso esmagá-las
é melhor deixar as amoras
para quem ainda possui
a delicadeza das plumas
ouço canoros agradecimentos
de quem nunca me conheceu

Amoreiras
entre o orvalho e o cascalho
brilha um fio de navalha
que corta os dias
e sangra as manhãs

Se há silêncio entre meus dedos
é porque a floração das mãos
perdeu o néctar, a canção
ouço murmúrios alegres
crianças celebrando infância
córregos de palavras que deságuam
no meu portão
nenhuma delas é capaz de irrigar
o quintal debaixo das minhas unhas
cheias de terra
e nenhuma semente

Há muito
não sinto as amoras
apenas rumino
das amoreiras
as folhas amargas

Bicho-da-seda
a fiar lembranças
para o lenço macio
que tenta enxugar as duras lágrimas
mas a textura da seda não serve
para absorver saudades
e meu rosto continua inundado
no naufrágio
do casulo

Colho pela janela – com o olhar inane –
as amoras do quintal
a madeira da mesa apodrece
depois das amoras — tão frágeis —
a madeira — tão forte —
mas no fim
tudo isso apodrece
até as janelas
pelas quais saltam os olhares
apodrece o olhar?
Não
o olho apodrece, o olhar não

Preservo o olhar
que atravessa a janela

No limiar da podridão
as amoras são
ainda mais doces...

Eder Rodrigues da Silva - Belo Horizonte/MG-2º Lugar

Sem Título



Antes,
os poemas surgiam na praia
dentro de garrafas seculares
que os protegiam
das tormentas da superfície
e dos silêncios que coabitam o fundo.
Como de costume,
traziam os sentimentos
de uma época incerta que bendiziam vã.

Na urgência de um dia serem lidos,
vinham comprimidos no desespero habitual
daqueles que os embalam
feito um filho de colo
e entregam ao léu dos oceanos.

Antes os poemas chegavam salvos
dentro de garrafas que o mar devolvia,
depois de se embriagar da dor
que imaginava estar dentro delas.

Agora,
o poema surge sem qualquer proteção.
Rodeado por palavras
que não deu tempo de aprender direito.
Chega morto até o limite das pedras.
Onde não se avista
nenhuma margem ou ponte
entre a arte que se crê moderna
e a “comovida” ciência dos naufrágios.

E fica ali,
imóvel aos olhares reticentes
que falam dele
como se conhecessem a odisseia toda.

Mas depois,
sepultam-no ali mesmo,
como se o tivessem lido.

Foto de Aylan Kurdi, menino sírio encontrado morto em nas
praias turcas em 2 de setembro de 2015

Marcos Ferreira de Souza -Mossoró/RN - 3º Lugar

Sacerdício

O ofício de escrever é meu enleio,
É o transe mais completo e obsessivo.
É o mundo que reinvento e que floreio
Às vezes sem saber por que motivo.

Escrevo e escrever mantém-me vivo.
É tudo o que me resta e quanto anseio.
A escrita é um sacerdício intransitivo.
Um misto de flagelo e de recreio.

O verbo é exatamente o que me nutre.
- É um sonho condoreiro que se alteia
Nos olhos e nas asas de um abutre.

O ofício de escrever é mais ofício.
- É um tipo de micróbio que me enleia
E vive na minha alma como vício.

Odemir Paim Peres Jr. - Santa Maria/RS - Incentivo Local

Cinco Marias

1º MOVIMENTO

[como se as dúvidas e as dividas de uma vida inteira
coubessem em cinco contas de areia, grão, ou pedra
espargidas ao chão (na aspereza fria do chão!), cinco
destinos são entregues às habilidades das mãos. Maria
suspende-as – como pássaros cegos – ao voo, aceitando o
jogo. Recolhe – com dedos lépidos – a primeira Maria: a
do brinquedo, dos contos de fadas, a menina que ainda
descobre palavras.]

: espalhadas como rizomas

corpo de pano ou de pedra
(no silêncio duro de pedra)

- em qual Maria deste mundo
há de caber nossa fala?

- qual palavra, Maria que calas?
(cinco contas de Maria,
em qual delas caberia
o delicado arco dos dedos?)

te recebo (única) Maria, sem alarde
e sem medo, na delicadeza rude da palma...

ciranda na alma que se abre.

2º MOVIMENTO

[é como uma descoberta, um desvelo ; é como se o sol rachasse de luz a potência sólida e silenciosa das rochas; é como um segredo, como um baú de vidro; uma Maria acorrentada na palma, espera pelo vôo de chegada de outra Maria, para silenciar sua asa.

Já no jogo, a segunda Maria: a de vestido curto, a menina de sonhos e de amanhãs.]

muito mais Maria, o osso
entre a carnadura da pele,
que pele, Maria, o teu calo;

onde o voo mais calmo
é tua breve à palma

onde do solo(vestal e calma)
ergue-te mais uma, outra Maria.

duas na coragem da alma
onde antes quase vazia

duas meninas na alegria-maria

3º MOVIMENTO

[há o equilíbrio entre o que permanece e o que se move; o jogo provoca o balanço e pondera sobre a vida, esta Maria que pede altura, pertence ao meio, é a menina jogada às

bonecas, é mulher jogada aos desejos, aos favores; na lâmina do toque a carne sangra poças cordiformes e arrepia. A terceira Maria: menina dos encantos, mulher de amores.]

: o ar pede teu colo, Maria,
teu suor mais distinto,

teu pudor de rosa
tua rosa mais vadia.

em teu rastro, o caminho
espia um par de luas cheias,

e no lastro da cama, Maria, teu olho
(no delicado voo antes da palma)
brilha no sol ardente da alegoria.

- qual a destreza da mão
na simetria do teu corpo?

- onde o ludo alumia
tua alma de encanto, Maria?

4º MOVIMENTO

[são três estrelas no húmus da noite(três sementes na mão do firmamento). Espelho, o chão sugere colheita, três marias no calabouço da palma (na lavra da palma). Entre duas, a da vez parte em voo, deixando solidão a derradeira irmã, e já asa de mãe-maria, que reparte também sonho, e que à cama

– após a lida – se aninha para renascer no outro dia: Maria
menina das casas, do sono de seda e dos filhos nos seios.]

... e Maria e Maria e Maria,
quando em si não basta
(tem que ser múltipla a vária)

tem que caber na redenção do dia
e nos afazeres da cama

- Maria!

é quando implora vida
o teu seio Benito, teus filhos.

é mulher quando a fome
chama teu corpo, o beijo –
em êxtase – explora teu regaço.

e de repente um disparo:
um universo! e já não se sabe
para onde venta o silêncio
quando – súbita – a vida rebenta.

5º MOVIMENTO

[é como se divisasse a queda e o cadafalso que toda vida
impõe à frente sabe tempo: onde olhar para trás já é muito
maior o caminho. E já não resta Maria para ser, resta a espera
judiciosa de seu epitáfio, então , sentada a soleira da

memória sorri, como se cada á tomo fosse um adeus, uma despedida compulsória: menina que mais que rugas, deixa uma história.]

: tempo de rodar a saia da reza,
Maria das crenças, das almas
e das remissões,

onde ao rés das chãs
planta seus joelhos.

- a qual dívida pertence
o teu sorriso, Maria?

- em qual dente ficou cravada
a carne de tua história?

[...]

e como se vida fosse o próprio jogo
(onde o ato vale mais do que o valor)

todas as Marias retornam suas raízes,
(seus rizomas) o pó dos próprios ossos,
o chão, a derradeira palma, o cão
de nosso consolo, sono de todas
que um dia também foram Maria.

Eder Rodrigues da Silva - Belo Horizonte/MG
- 1ª Menção Honrosa

A NATUREZA de NOSSOS PEQUENOS DESASTRES

Cada cicatriz
nasce de um sopro
que se lança no impossível
das correntezas do vento.

A arte de empinar pipas
mora nos olhos do garoto
que vê o céu como
continuidade do seu quintal.

Até que o cerol das coisas
passa a ferir a doce distância
que outrora impedia
a odisseia do Menino
em ter que brincar de ser Homem.

[Não é só um fio que se desprende]

Todo poeta morre um pouco
quando as medidas do possível
lhe roubam os jeitos de voar.

Diego Rodrigues Souto Calazans - Aracaju/SE
- 2ª Menção Honrosa

Memento

o que deixamos é o nome.
o resto é sombra.

ao Hades só desce a alma.
a alma é sobra.

o que fica com os vivos,
isso é o espírito
– o sopro que traz o nome.

que importa o Hades
enquanto o nome for vivo?

Henriette Effenberger - Bragança Paulista/SP
- 3ª Menção Honrosa

Descalça

Quando meus medos me abandonaram,
minha alma descalça pisou cacos de saudade
e meus pés feridos sangraram angústias inúteis.

Foi então que a vida me encontrou.

Devolvi a capa de sonhos,
o par de óculos azuis, os anéis, as alianças,
as luvas que guardaram afagos...

Vencidos os moinhos de vento,
despi a armadura enferrujada,
prendi Rocinante à linha do horizonte
e parti.

**XL CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CRÔNICA

Comissão Julgadora:

Carlos Alberto Bellinaso - ASL
Elisolete Kolpstein - E.E.E.M.Maria Rocha
Maximo José Trevisan - ASL

Premiados

1º Lugar:

Era uma Caixa de Madeira
Emir Rossoni - Porto Alegre/RS

2º Lugar:

O Jardineiro da Rua do Ouro
Flávio César de Freitas - Belo Horizonte/MG

3º Lugar:

O Futuro Chegou
Henriette Effenberger - Bragança Paulista/SP

Incentivo Local:

Canção de ninar para uma cidade insone
Ceura Fernandes - Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção :

O Mote
Luiz Cunha Pimentel - Rio de Janeiro/RJ

2ª Menção:

Sinais
Elizabeth Rabello Machado Brandão - São Paulo/SP

3ª Menção:

O Músico e o Mendigo
Marcos Ferreira de Souza - Mossoró/RN

Emir Rossoni - Porto Alegre/RS - 1º Lugar

Era uma caixa de madeira

Era uma caixa de madeira que ele mesmo havia construído. Era madeira bruta, com dobradiças de câmara de pneu na parte posterior e uma tampa com lasca de couro a encaixar num pequeno prego torcido. Cabia em seu colo.

Era uma caixa envernizada. Obra-prima aos meus olhos. Talvez assim a percebesse por ser velha, ter a idade que parecia ter meu avô. Hoje, penso que era uma obra-prima porque tudo que eu queria para minha vida podia ser guardado nela.

Era uma caixa que deslumbrava ainda mais quando meu avô a abria. Havia algumas divisões lá dentro. Construídas com a mesma madeira. Envernizadas pelo mesmo verniz. Eram poucas as divisões. Mas eu percebia uma aventura em cada uma delas.

Era uma caixa que continha anzóis de quatro ou cinco tipos. Para mim, toda a variedade de anzóis existentes no mundo estava ali. Poderia haver qualquer espécie de catástrofe global, acidente automobilístico ou enrosco de anzol em pedra. Ali haveria um material que, usado pelas mãos hábeis de meu avô, resolveria o problema em instantes. Havia chumbadas. Havia linhas de náilon e até linhas de cobre. Eu não sabia que cobre era cobre. Mas percebia que era uma linha especial, feita de metal brilhante e certamente serviria para pescar peixes enormes.

Quando meu avô chegava a nossa casa, abria o porta-malas do Chevette e colocava a caixa de madeira envernizada ao alcance dos meus olhos. Eu sabia que teria horas inesquecíveis pela frente. Depois de aberta, ela revelava um universo onde os pés eram molhados de rio e onde o olfato sentia cheiro refrescante de mato. Era sabor de fruta esquisita colhida no pé. Com tudo aquilo, eu não me importava muito com os peixes.

Então meu avô parou de aparecer. Levaram-no para Porto Alegre. Ficou quase um mês. Até que o trouxeram de volta. Mas ele nunca mais chegou com sua caixa. Até o dia que o vi, ele mesmo, dentro de uma caixa enorme, de madeira, cor verniz. Estava imóvel. Mas quando me aproximei, pude sentir o cheiro refrescante do mato. Foi a última vez que o vi.

O Chevette permaneceu parado na garagem. Ninguém mais entrou nele. Encheu-se de poeira. Mas numa ocasião, quando ninguém estava olhando, abri o porta-malas. Era só apertar um botão. Difícil foi acompanhar, com meu braço curto, a porta subindo. Porém, valeu o esforço. Lá no canto do porta-malas, do mesmo jeito, estava a caixa de madeira do meu avô. Fechada, com as dobradiças de borracha de câmara de pneu e um monte de aventuras dentro. Olhei-a por um tempo, detalhe por detalhe, reparei inclusive nas imperfeições da madeira. E fechei o porta-malas sem tocar em nada, pois tudo que lá havia era do meu avô. Conservar a caixa do jeito que ele deixara significava que sua presença continuaria ali, do jeito que sempre fora. E, assim, voltei para brincar com meus primos, decidido a construir, quando crescesse, uma caixa igualzinha àquela para guardar minha vida lá dentro.

Flávio César de Freitas - Belo Horizonte/MG - 2º Lugar

O Jardineiro da Rua do Ouro

Pontual como um relógio suíço, às sete horas e quarenta e cinco minutos de todas as manhãs, ele passava em frente à minha casa. Era um homem baixo, um tanto gordo, seus cabelos brancos ditavam-lhe a idade e um bigode fino, ajustado sobre os grossos lábios, dava-lhe o respeito de todos. Eu, ainda criança, o vi pela primeira vez, logo que mudamos para a Rua do Ouro. Carregava nas mãos uma enxadinha, um ancinho e uma tesoura que me chamou a atenção pelo comprimento das suas hastes, quase eram do tamanho de seus braços. Às costas, uma mochila que lhe cobria da nuca à cintura, presa ao peito e aos ombros por correias de couro e fivelas. Na cabeça, um boné de lona grossa. O peso dessa mochila era tanto que o obrigava caminhar encurvado, a cabeça voltada para o chão. Mesmo assim, seus olhos não se dobravam e caminhava sempre olhando para frente. Com esmero, trazia o seu nome bordado logo acima do bolso de seu macacão verde escuro, o que orgulhava ainda mais a sua figura e o seu trabalho: Josué – O Jardineiro da Família. Acompanhado de um cachorro, um vira-lata pintado de branco e marrom que, salvo engano, segundo soube, atendia pelo nome de Gentileza, pois nem latir o bicho latia, não incomodava ninguém. Parecia um menino caminhando ao lado do pai. Assim andavam os dois – uma pintura surreal - Josué e o Gentileza, um homem e

seu cachorro, amizade serena pelas calçadas de pedra da minha rua. O que ainda era mais interessante e pictórico, Gentileza levava na cabeça um bonezinho perfeitamente ajustado, levemente amarrado ao focinho, o que lhe cobria os olhos do sol quente de todo o dia.

Pela manhã, lá vinham os dois, os mesmos passos ritmados pelas batidas das horas do sino da Igreja de Santana.

Josué tinha o seu ritual. Primeiro, caminhava pelo lado direito da rua, percebia tudo, investigava cada jardim, árvores e galhos secos pedindo podas, gramas altas que necessitavam de aparas, o pedaço de terra que pedia uma flor, um adubo, um carinho especial. Tocava as campainhas das casas, oferecia o seu trabalho. Sempre lhe atendiam.

Cada semente que plantava, a planta crescia. As flores vingavam

– O senhor tem a mão boa, seu Josué – lhe diziam.

Ele as olhava, mãos calejadas, ressecadas, e respondia:

– É de Deus. É Deus quem brota o chão

Na hora de pagarem-lhe os serviços, era sempre assim:

– Quanto lhe devo, seu Josué?

– A senhora é quem sabe. Eu apenas plantei o que colhi da terra.

– Entra, toma um café.

Naquele tempo, havia o bom hábito de se oferecer café e almoço às pessoas que trabalhavam nas casas. Ele entrava. Gentileza ficava do lado de fora, esperando, deitado

sobre as gramas do jardim. Pegava o pagamento que lhe era dado. Colocava-o dentro do bolso do macacão verde escuro. O fato é que nunca contava o quanto de dinheiro havia recebido. Agradecido, com a mão direita erguia a aba do boné, em respeito à dona da casa. Ao sair, dava uma última olhada para o chão trabalhado, acenava para o Gentileza, que vinha correndo, o rabo balançando de um lado para o outro. Assim, saíam os dois, novamente pelo lado direito da rua, como figuras das histórias mágicas de Grimm.

Percebia que, muitas vezes, ficavam em uma praça próxima à minha casa, onde havia um pequeno jardim. Da janela, podia vê-los. Josué estendia sobre o chão uma toalha branca que se contrastava ao verde da grama. Gentileza, sentado sobre o banco de cimento, parecia compreender. Josué se benzia. Fazia três vezes o Sinal da Cruz. Postava as mãos sobre o peito, parecia rezar. Após alguns minutos, tirava de dentro da mochila vários saquinhos de papel que, com cuidado, eram distribuídos em cada lado da branca toalha. Então, abria o primeiro, deixando que de dentro se soltassem pequeninas bolinhas escurecidas, que se esparramavam sobre a toalha. Depois, outro saquinho, assim por diante. Ao final de algum tempo, dispostas sobre a toalha branca havia uma quantidade dessas bolinhas que, sopradas pela natureza, se espalhavam, indo cair entre as pedras da rua. Outras, ainda mais leves, se deixavam voar, caindo dentro de quintais e casas, canteiros de hortas ou simplesmente flutuavam como se pensassem ou mesmo procurassem o melhor lugar para pousarem. Mas nem sempre, Josué e Gentileza, ficavam nesta pracinha. Havia os dias certos. Com o tempo, notei que esses dias eram feriados santos, finados, Natal ou Ano Novo. Em determinadas ocasiões, ele se vestia de branco sobre o macacão verde

escuro. Acendia uma vela, deixando-a queimar até o fim.

Como minha casa ficava bem próxima a essa pracinha e podia vê-los de minha janela, também podia sentir a fragrância da fumaça. Era um cheiro bom, de ervas secas e folhas misturadas com terra.

A verdade é que dessas bolinhas escuras, aonde fossem lançadas pelo vento, flores nasciam das mais diversas cores. Amarelas, brancas, roxas, rosas, enfim, uma variedade que transformava a Rua do Ouro em um canteiro de beija-flores.

Um dia me aproximei. A princípio, com receio de perturbá-lo. Ele estava em pé, de costas para mim, mesmo assim, me percebeu. Com um aceno de mão permitiu a minha presença. Ele se virou, perguntou pelo meu nome. Disse-lhe que eu morava na casa próxima.

– Eu sei – respondeu, com os olhos baixos. Você fica na janela, me olhando.

Sem graça, sem saber o que lhe dizer, pedi desculpas.

– Não precisa pedir desculpas. Eu já te esperava...

– Me esperava? Estava curioso com tantas bolinhas pretas...

– São sementes de vida – respondeu-me, desta vez olhando dentro dos meus olhos.

– Sementes de vida?

Ele se agachou. Da toalha branca, escolheu uma bolinha. Abriu a mochila, pegou um saquinho plástico que encheu com a terra do jardim. Com o dedo indicador abriu

um pequeno espaço, colocando dentro a bolinha preta escolhida por ele.

– Guarda, é sua. Talvez demore um pouco a nascer. Ou talvez não. Tudo na vida depende.

– Depende de quê? – Perguntei a ele.

– De tudo. De seu sol. De sua lua.

Ele me olhava, sentia minhas dúvidas. Esboçou um sorriso.

– Preocupa, não. Com o tempo, a vida lhe dirá.

Sem graça, meio encabulado, até mesmo um pouco arrependido, lhe agradei.

Já em casa, procurei um melhor local para deixar o saquinho plástico com semente plantada. Achei, ao lado do muro, um lugar bem fresco, onde o sol batia pela manhã. Voltei à janela. Josué não estava mais lá. Nem o Gentileza. Tudo estava limpo, como se nada houvesse acontecido. Nada havia que pudesse indicar a sua presença. Nem respingos de velas queimadas, nem uma bolinha preta. Nada.

Era dia de São Judas Tadeu. Feriado na cidade

Henriette Effenberger- Bragança Paulista/SP - 3º Lugar

O futuro chegou!

Não fosse o gato branco estirado no tapete, dir-se-ia que ela estava completamente só. Que nem seus pensamentos ecoavam dentro de sua cabeça e que seus sonhos, se ainda os tinha, não a movimentavam para qualquer direção. No entanto, ledo engano, tal como sua casa, ela estava povoada de lembranças: porta-retratos com fotos preto e branco de adultos falecidos, e outras, em cores esmaecidas, de crianças que já se tornaram adultas. Bibelôs, móveis que herdara da avó, toalhas que foram da mãe, utensílios de cozinha que passaram por diversas tias e chegaram a ela acostumados ao fogão antigo quase sabendo cozinhar sozinhos.

A colher de pau, cansada de mexer compotas e cremes, perdera a ponta arredondada e, tal como sua dona, já apresentava ranhuras e rachaduras.

O alumínio da panela de pressão não ostentava mais o brilho de outros tempos, acostumara-se a ser lavado apenas com esponja e detergente e mal se lembrava da antiga palha de aço que o fazia reluzir como um espelho.

A velha talha de água, de argila descascada e sem pintura, fora relegada a um canto da pia, substituída pelas garrafas de plástico que não guardavam a mesma frescura mas, em compensação eram práticas, descartáveis e nem necessitavam da água da biquinha. Vinham da fonte ao

consumidor e voltavam a ser plástico após a politicamente correta reciclagem.

É certo que ela se modernizara, se adaptou aos novos tempos, trocou a máquina de escrever pelo computador, o coador de pano por uma cafeteira elétrica, a antena de TV pelo cabo que trazia além da programação televisiva, a internet e o telefone. Frequentava redes sociais, passava e recebia e-mails, trocara a versão impressa do jornal pela digital e realizava suas transações bancárias pelo banco eletrônico.

No entanto, a modernidade da geração saúde não a atingira, pois não abandonara o vício de fumar, não frequentava academias de ginástica, nem consultórios de cirurgias plásticas.

Mantinha empinado o nariz adunco, herança genética que a incomodara quando jovem e que ainda hoje passa a falsa impressão de arrogância e intelectualidade. Sobre ele os óculos que, se antes corrigiam o alto grau de astigmatismo e miopia, impedindo-a de enxergar ao longe, hoje a protegem também da incômoda presbiopia.

Nesse momento, ao pensar na presbiopia, entendeu que a natureza humana é mesmo compensatória: enquanto os músculos ciliares se enrijecem com a idade, os demais se tornam flácidos, tais como os seus seios, orgulho dos tempos de juventude e maturidade. Da mesma forma, a gordura que dava forma roliça aos dedos e preenchiam as mãos impecáveis, transferira-se para a cintura, a engrossando e arredondando o abdome.

Descobriu quão inútil é a sabedoria da terceira idade. A quem, aos sessenta anos, interessa saber que dor de amor dói e passa, se não irá apaixonar-se novamente?

Que é inútil abrir mão de prazeres para se poupar de dores futuras, pois elas virão de qualquer forma? ´

Olha para o gato branco estirado no tapete enquanto preenche o formulário do departamento de trânsito para usufruir o direito de estacionar em vagas privativas dos idosos e constata sem mágoas: o futuro chegou!

Canção de ninar para uma cidade insone

Os carros correm, como se voassem pelas avenidas. Rugem como feras às pressas procurando suas presas. Homens e mulheres, dentro desses carros, consomem suas vidas, geralmente à procura de consumidores. Querem mais, sempre mais.

Veza ou outra, uma sirene corta a uniformidade do barulho. Não imaginamos o que possa ter acontecido. Já não temos tempo para nos interessar por outras tragédias, a não ser as que nos atingem diretamente. Veza ou outra uma ambulância sufoca a ânsia dessa corrida desbragada. Será que alguém desistiu de viver? Ou teria sido algum bruto que interrompeu a trajetória de um sonhador que corria para seu amor?

Do 18º andar em que me encontro, como que de fora do mundo, pergunto:

– Será que essas pessoas que correm pensam que, correndo, a vida dobra? E o que fazem com o tempo que sobra? Por que a cidade de São Paulo não dorme? Está com insônia crônica? E isto tem cura? Quanto tempo dura? Há médicos para tratar a epidemia de ansiedade desta cidade? E quem trata da agonia dos médicos diante do abandono a que está relegada a saúde?

E sigo perguntando. Mesmo sem respostas, converso

com a dúvida. Sei apenas que São Paulo não dorme e, estando no espírito de São Paulo, também eu não durmo. E, sem dormir, fico me perguntando

Será que mudou a natureza humana ou os humanos mudaram a relação com a natureza? Teria a estética do consumo consumido a ética dos costumes?

São sólidas as perguntas, escassas as respostas.

Da perspectiva do alto de um arranha-céu, diminui o tamanho dos carros. Vejo-os como besourinhos metálicos, que correm por caminhos que se cruzam e se afastam. Pela velocidade que andam, seus motoristas parecem desafiar a morte. Será que pensam ser imortais? Cada um desses seres enfileirados, embora já não tenham tempo de perceber se é verão ou primavera, continuam sendo gente, não são feras. Incorporados ao ritmo rápido dessas cidades, não cultivam a paciência da espera.

O que sei é que São Paulo não dorme. E eu, preocupada com a falta de sono desta cidade, também não durmo.

São 12 milhões de pessoas que fazem deste pedaço de mundo uma espécie de formigueiro de interatividade humana. Então, sem dormir, aproveito e rezo, me concentro em pensamento para que estas pessoas apressadas não se arrependam do lugar para onde estão indo.

Cidade, tu que tens a santidade no nome, acalma e protege tua gente destas máquinas que rugem e exalar poluentes pelas tuas avenidas. Ensina tuas crianças que a vida tem outros cheiros. Mostra-lhes a natureza a fluir com suavidade. Leva-as a sentir aromas dos nossos campos. Conhecer árvores e pássaros em festa nas nossas florestas.

São Paulo, com tanto conhecimento e sabedoria que tens nas tuas vísceras e entranhas, saiba digerir com vagar tantas pessoas – migrantes ou visitantes – que engoles todo dia. E que as devolva para a vida mais sábias e felizes.

Do alto de onde estou, olho e oro por São Paulo. Não sei se alguém tem tempo para ouvir minha oração, e imaginar que alguém pede harmonia e alegria para uma anônima multidão. Mas isto tranquiliza meu coração. E, enquanto uma ambulância chora pedindo passagem, pergunto: por quem chora esta ambulância? Será por alguém que cansou de correr e enjoou da ganância? Seria mais uma vítima de política e ignorância? Agarrada na esperança, rezo, então, por quem leva essa ambulância.

Tateando à procura da verdade, fico sem saber como será, no futuro, a insanidade desta cidade. Como estarão amanhã os que agora correm na frente e decidem o trajeto da maioria, os que se deixam levar e aqueles que, por não saberem onde estão e para onde vão, hoje são atropelados. Como será a vida deles, a nossa vida lá na frente?

Escondida no meio desta alquimia de solidão ruidosa, neste apartamento – uma dessas milhares de caixinhas que guardam gente – me concentro no bom lado de São Paulo.

Então, penso na maravilha da tecnologia, na beleza da pesquisa e da ciência que, na quietude do silêncio, vivem espalhadas por prédios à espera do momento de vir para a rua, melhorar a minha vida e a tua. Penso em notáveis artistas e pensadores, nos corajosos investidores, nos incansáveis trabalhadores que garantem progresso e segurança, homens e mulheres que mantêm a limpeza, floristas que vendem

flores, mestres que deixam legados como herança, mães que orientam filhos e tanta gente boa, pessoas que inspiram confiança.

Ah! São Paulo, com tanta gente que acolhes, quanto tens de riqueza humana! Tua fórmula de crescer vem do trabalho e da esperança. Esqueço teu barulho e tua pressa, e me encanto com tanto encanto silencioso do teu dia a dia.

Me arranjo no travesseiro, rezo mais uma Ave Maria.

Assumo meu melhor jeito maternal, fecho os olhos e canto: – Nana neném... que lobo mau não tem. O bicho mais temido está perdido neste vai e vem. Mamãe chegará depressa e papai logo vem. Nana, São Paulo, nana neném...

Luiz Cunha Pimentel - Rio de Janeiro/RJ
-1ª Menção Honrosa

O Mote

A bolsa trema com o barulho do celular e a moça, revira tudo até encontrá-lo.

Aciona o botãozinho e começa ronronar:

– Sei. Compreendo. Está bem. Eu compreendo, sim. Não faz mal. Tudo certo. deixa para lá. Entendo, entendo. Fica pra outro dia. Tchau. Um beijo.

Desliga e, enquanto guarda o telefone no fundo da bolsa, murmura entre dentes:

– Cachorro...

Uma crônica pode nascer assim. A gente escuta o diálogo (no caso, monólogo, pois só ouvimos as falas dela) entre as moça que está ao nosso lado, no Metrô, e alguém que liga para o seu (dela) celular. Quem terá ligado? Quem é o cachorro? O marido? O namorado? Um amigo? E o que ele fez para ser trado com tamanho desprezo? Algo há. Não sabemos, claro, mas podemos e devemos tentar decifrar esse enigma. Correr atrás do personagem oculto e encontrar o “cachorro”.

Ou, no caso, “o mote” da crônica.

O mote de uma crônica pode ser a oscilação climática, a passagem ou permanência do tempo, as estações do ano, o amor perdido, o amor renascido ou recém-encontrado, a rua, o bairro ou a cidade onde a gente vive, o excesso ou falta de assunto, o trabalho ou ausência dele, a

dor ou a alegria (a dor costuma dar mais samba), os filhos, os pais, o time do coração, e até, “o cachorro” que liga pra moça.

Definição escola e convencional diz que crônica” é uma narrativa histórica que expõe fatos seguindo uma ordem cronológica” A se apegar à origem da palavra, garantindo que vem do grego chronos e significa “tempo”, faz todo o sentido. Mas por que “histórica”, se narrativa pode se atemporal, mundana, momentânea, circunstancial ou mesmo leviana – a depender, claro, do mote?

Instando a oferecer uma definição para o gênero no qual foi mestre maior, Rubem Braga foi crônico e definitivo: “ se não é aguda, é crônica!” Aconselho que se evite definições apressadas, pois a boa e velha crônica, como esta dito, tem como matéria prima o tempo. E ao tempo (até para que os contratempos sejam evitados) deve ser dado todo o tempo necessário.

Depois que se encontra mote, é só dar asas à imaginação(se possível, evitando usar expressões manjadas como “asas à imaginação”) e deixar que contraiam doenças agudas e exibam sintomas ou manifestações que se tornem crônicas. Na história que imaginei, mas que não tive coragem de escrever, a moça do Metrô desce na estação mais próxima e vai atrás do cachorro do telefonema, disposta a pegá-lo na mentira.

Antes do encontro, para se pergunta: “E se ele falou a verdade, com que cara eu fico?

Não seria melhor deixar essa história inacabada?

Claro que seria. Pra que estragar o dia dele, o dela, e o ganha-pão do cronista?

Elizabete Rabello Machado Brandão
- São Paulo/SP - 2ª Menção

Sinais

Levanto atrasada. Banho rápido, café pretinho, sem mais. Saio correndo! O carro não pega. Vizinho me ajuda. Ladeira abaixo, no tranco, é o que resta. Na esquina, curvinha chata e com muitos pedregulhos, pneu fura. Largo o carro por lá e vou a pé para o trabalho. Dou as três primeiras aulas e no intervalo peço ao diretor do colégio ajuda para a troca do pneu. Volto para completar a jornada da manhã. Saio de lá para ir buscar dindim no banco. Não consigo. Outro pneu furado. E não tenho estepe pra trocar. Desço ladeira abaixo correndo atrás do redondinho, que desliza mais rápido do que meus pés. Subo carregando todo aquele peso ladeira acima, com pneu consertadinho. Troco com auxílio dos alunos. Já no Banco, tudo certo, mas ao sair do estacionamento, o carro empaca feito mula persistente. Tanque de combustível vazio. Logo em frente uma loja de comércio de veículos usados. O dono vem em meu auxílio e me “DÁ” um pouco de gasolina. Ele próprio fez aquela chupação toda com mangueira improvisada de um carro a outro. Ligo, engato, saio. Tranco. Barulho. Morte final! Correia dentária do meu velho Volks que arrebenta. O mesmo dono vem de novo me ajudar. Troca a correia, que por sorte está de reserva no meu porta-malas. Ligo de novo e parto aliviada e agradecida por tudo acabar bem. Na garagem

guardadinho, ali o deixo e volto para as aulas vespertinas.
Sou recebida até com flores pelo vizinho de frente do colégio, que acabara de ganhar na Loteria com os números da chapa do meu carro!

O Músico e o Mendigo

Ele se encontrava ali há quarenta ou cinquenta minutos. Muitos ônibus já haviam passado sem que ele embarcasse em nenhum. Duas ou três vezes se ergueu do banco, impaciente. Miro o céu sem estrelas, esticou a espinha, estalou os dedos. Distraiu-se um momento olhando o outdoor luminoso com propaganda da prefeitura impacientou-se, consultou o relógio e tornou a sentar-se. Talvez esperasse por alguém. Mas esse alguém não chagava, Não parecia ser isso. O homem exibia certa aflição, angustiado. Transava os dedos, comprimia as mãos.

Sujeito moço, boa-pinta, cerca de vinte anos segura sobre o colo um instrumento pequeno – um violino, a julgar pelo formato da valise. Usava óculos de grau, calça azul-marinho e camisa de branca de mangas compridas. Dividia-lhe o peito achatado uma gravata que parecia combinar com a cor da calça. Os sapatos podiam estar gastos, mas tinham brilho.

O banco de espera se renovava e ele lá com o violino sobre o colo. Foi ficando sozinho. A noite se alteava no cume dos edificios; um cão atravessou a rua urinou contra o poste. Outro ônibus passou e as últimas pessoas ali embarcaram indiferentes ao jovem músico.

Súbito, colocou-se de pé , acenou aflito ao um carro

que passava rente ao meio-fio. Embalde. O motorista prosseguiu, ignorou completamente o pedido de carona. O rapaz voltou a sentar-se, arreliado.

Devia morar distante, talvez no Sumaré. De outro modo ele não faria o percurso em menos de hora e meia. Acomodou-se no banco, trançou os dedos sobre a valise sem ânimo para acenar a outro motorista. Um mendigo foi se chagando até ele. Era um tipo sexagenário, mastigava alguma coisa que trazia numa embalagem de plástico. Não fez lamentações, não formulou peditório, não estendeu-lhe a mão desvalida. Como se buscasse apenas um pouco de companhia.

O rapaz encolheu-se, olhou-o de esguelha, observou-lhe as mãos miúdas, os dedos grossos as unhas crescidas, pretas nas extremidades, os pés idem. Era aquele um típico inquilino da via pública um morador do relento. Pobre-diabo pensou o rapaz com o violino sobre o colo. O velho sentou-se próximo a ele, cruzou a perna, balbuciou um cumprimento e indagou as horas. Vinte para as dez, respondeu o músico. Agradecido, o mendigo ofereceu-lhe um do que comia. O outro fez que não com a cabeça, consertando o óculos na cara imberbe.

No minuto seguinte um principio de chuva os recuou para junto da parede. Ambos agora se encontraram de pé, lado a lado. O espaço onde a garoa não alcançava era bastante reduzido. A distancia entre eles ia encurtando trocaram algumas palavras e o homem retirou do bolso da calça esmolambada um punha de moedas. Contou-as sobre a palma da mão e entregou uma parte a suposto violinista. Este hesitou em recebê-las, mas terminou por ceder à oferta.

Veio outro ônibus e moço embarcou no carro o levaria ao seu destino, acenando agradecido ao velho mendigo, como a prometer-lhe um segundo encontro.

Não sei se aqueles dois tornaram a se encontra. Talvez não. Mas fechei a janela e fui dormir menos descrentes da espécie humana.

XL CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO

Comissão Julgadora:

Antônio Candido de Azambuja Ribeiro - Escritor

Flavi Ferreira Lisboa Filho - UFSM

Moisés Silveira de Menezes - ASL

Valdo Barcellos - ASL

Premiados

1º Lugar:

Nas Malhas do Pescador

Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo/SP

2º Lugar:

O Transe de Nicole

Marcos Ferreira de Souza - Mossoró/RN

3º Lugar:

Indulto

Tatiana Alves Soares Caldas - Rio de Janeiro/RJ

Incentivo Local:

Joela

Odemir Paim Peres Jr - Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção:

Ecos de uma Estrada

Fernando Jesus Nogueira Catossi - Jundiaí /SP

2ª Menção:

Teatro das Câmaras

José Wilson Oliveira Fontinele - Rio janeiro/RJ

3ª Menção:

Benjamim Beija-mão

Esechias Araújo Lima - Vitória da Conquista /BA

Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo/SP -1º Lugar

Nas Malhas do Pescador

Etá bicho tihoso que só, sô! Mas está certo. Ele é malandro, sabe se escafeder.

O senhor é o primeiro pescador que fica feliz quando o peixe foge de sua vara, seu Tião.

Gosto do sujeito que sabe se defender, seu Beto. Mas, sobre o que era mesmo que a gente estava proseando? De vez em quando me escapam os pensamentos e se peixam ao longo do rio.

O senhor não disse que a gente não podia falar para não espantar os peixes? Fala ou não fala? Sou meio surdo. Não sei sussurrar como o senhor. Um rojão estourou perto do meu rosto e fiquei assim. Engulo meias palavras e outros eu rumino. Por isso, acho mais fácil escrever.

Tá certo. Mas, aqui em Vila Pompéia, no rio que leva o mesmo nome, os peixes já são conhecidos e se acostumaram com a nossa voz.

Tá um argumento que eu não entendo. Se pescam e depois comem o produto do trabalho, como é que esses peixes comidos reconhecem a sua voz, seu Tião?

Sei lá, mas a verdade é que se eu chamar uma manjuba, ela vem. Se eu chamar um namorado, ele vem. Se apenas pensar em uma tainha, ela vem. A coisa é assim como é. E tem uma coisa: a gente não gosta de muitas perguntas e não gosta de ser chamado de mentiroso, entendeu?

Só não entendo essas inverdades. O namorado não é um peixe do mar?

Está me chamando agora de inverdado, sô? Pois de vez em quando o namorado vem para o rio franguear com nossas manjubas. Acasalam-se e dá a famosa tainha que é um peixe que dá tanto no mar quanto no rio, sabia? Por isso que ele é chamado de namorado, pois se acasala tanto no rio quanto no mar. É um galanteador.

Bem, o senhor deve ser sabedor de todas essas histórias românticas entre o rio e o mar. Quem sou eu pra duvidar disso.

Afinal, seu Beto, todo rio corre para os braços do mar num afrescalhamento de águas machas, mas, os seus seres viventes se acomodam à natureza.

Outra coisa que não entendo, seu Tião, por que não se pode falar de Marinês? Eu só quero escrever minha história. Juro para o senhor que assim que eu tiver argumentos suficientes para isso, vou embora sem nem olhar pra trás.

E ainda por cima é um aproveitador, não é? Aí o senhor monta no jipe e vai se embora levando histórias pra jogar aos quatro ventos. E já disse também que esse assunto da Marinês é proibido por aqui. Não há um homem com coragem suficiente pra falar sobre isso. Aquiete-se nesse assunto.

Além do mais, é um mal agradecido. Quer dizer que eu lhe dou todo o palavório de que precisa para escrever, o senhor se lambuza de verbos e a gente fica falado por aí, é isso?

Ora, se o senhor quiser, quando o livro começar a dar lucros, eu envio parte para a Vila. Prometo.

Seu Beto, deixe de prosa dificultosa. Onde se viu um escritor aqui neste país de meu Deus, ganhar tanto dinheiro com as palavras? Principalmente, enquanto está vivo. Até que se morrer, os herdeiros pescam alguns peixinhos neste rio caudaloso que é um bom livro, mas do contrário... E isso se as letrinhas forem bem casadinhas e se multiplicarem bem como os peixes.

Agora o senhor me ofendeu. Tudo bem, não sou lá um Machado de Assis, mas estou procurando motivação para ser. Desse jeito, com o senhor acabando logo com a minha raça, vou dar com os burros n'água.

E, dependendo da água, seu Beto, seu burro empaca e pode ser morto rapidinho pelas piranhas. Já lhe disse que naquela parte mais ao norte do rio Pompéia nós temos um montão delas? Pois é, foi lá que o bilau do Padre foi engolido em meio segundo pelas danadinhas.

Bilau do Padre? Que história é essa?

Apareceu por aqui nos tempos de antigamente, não sei precisar o quanto, um Padre que fazia umas peregrinações por estas bandas. Ele tinha orgulho em dizer que era meio bandeirante como aqueles lá de São Paulo e que o seu tento era dar assistência às pequenas Vilas e Povoados, principalmente, à Comunidade indígena.

No começo, gostamos muito. Ele começou a ensinar as crianças e as moças que se interessassem por aprender. Tinha um montão de cartilhas na bagagem. Até eu quis, mas ele achou melhor dividir a turma. Os adultos, homens e mulheres, poderiam fazer o curso de desanalfabetização à noite.

Desculpe, seu Tião, mas o certo é alfabetização porque...

... Analfabeto a gente era, agora a gente seria um desanalfabeto, seu Beto e falo como entendo, entendeu? “Caminho suave” era o nome do livrinho: abelha – a; barriga – b; aí casando as duas letrinhas ficavam: ba. O bebê das duas letrinhas era baba: aquele líquido que escorre das bocas dos bebês e dos bêbados, aí a gente já aprendia mais duas palavrinhas e outra vogal – e.

A mesma palavra baba com um acento, vira babá, que é uma pessoa que cuida de um bebê. Veja quanto parentesco existe entre as palavras, seu Beto! Era divertido assistir o parto e a vivência das letras. Uai, está anotando aí o quê?!

Já estou degustando os seus palavreados. O senhor é um bom falante. Vou anotando. Posso não falar da Marinês, mas posso falar do senhor não posso? Bem, e daí, como foi a desanalfabetização de vocês? Nossa, isso é até difícil de falar.

Se quiser falar de mim pode, mas use um pseu... pseu...

Pode deixar que eu uso um pseudônimo para o senhor.

Ouvi isso do Padre. Achei bonita a palavra, mas me esqueci, significa um nome falso, né?

Arrã.

Sucedeu que um dia a filha do Ambrósio da barbearia, apareceu com golfadas d’água jorrando garganta afora. Uma leseira de repente! Dormia em cima do serviço, tanto que cortou um dedo quando colhia cana. Isso até parece a história daquele menino que tem nome de fruto do mar... Esquece!

Bem, a menina estava empanzinada, com o bucho

crescido. A mãe dizia que eram vermes. Aplicou vermífugo e depois de uns meses, ao invés de lombrigas, nasceu um moleque. Ambrósio apertou a parida e ela golfou ao invés de vômitos, o nome do dito cujo: o Padre.

Pegamos o maldito, cortamos o bilau a sangue frio...

Ai, pelo amor de Deus!

Imagine o tamanho do ai do Padre então...

Vocês fizeram isso...

...e jogamos pras piranhas que norsteiam o rio Pompeia.

... Com um Padre?

Arrã. E o bilau era tão pequeno que foi estraçalhado num segundo. Padre não precisa mesmo de bilau, né? Uai, que cara é essa, seu Beto? Está me achando um inverdadoso de novo?

Não. Mas, com um Padre?!

Deixe de ser besta, seu Beto. Era um homem, não um santo. Agora, é um meio homem e um cafajeste. Só que, depois deste acontecido, fomos amalditados por uma praga: nunca mais se nasceu um pintudo por aqui. Depois disso, só mulher. Não que a gente desgoste delas, mas a praga foi pra valer.

Eu mesmo tive três filhas. O Jonas teve cinco. Mário da padaria teve dois pares de gêmeas. Até Lucrecio que é um danado comedor de mulher, teve oito filhas com a mulher dele e mais duas com uma dadivosa. E todas estão em idade de parir. Estamos envelhecidos. Temos que ter mais gente e cadê os homens? Senão, vira uma cidade feminista.

Nossa, seu Tião, agora que atentei para o fato de que não tem nenhum rapaz com a idade das moças. O senhor tem razão. Então, isso foi uma praga que o Padre jogou? E o

que foi feito deste menino que hoje já deve ser adulto? Já pensaram neste assunto?

Mas não é o que estou tentando lhe dizer, homem de Deus? O Padre fugiu levando o nosso reprodutor natural. E agora, temos que achar outro. Já analisamos bem o assunto e... Espere um pouquinho aqui de banda: Genésio, Eustáquio, Tonho! Podem vir! Eis o homem.

Mas, o que é isso, pessoal? Me larguem. Eis o homem. Estão parecendo Pilatos lavando as mãos. O que foi que deu em vocês? Endoideceram?

Amarrem lá na árvore. Com cuidado. Não adianta gritar, seu Beto, que aqui nesses cafundós de mundo e na beira desse rio nem os peixes podem salvar o senhor. Como foi dito e redito, eles obedecem só a voz do dono e os donos dos peixes somos nós. Portanto, economize as letrinhas.

Seu Genésio, por favor, o senhor que é o capataz lá nas plantações e que tem o discernimento em saber o tempo certo ou não para se plantar; a hora para se colher, o que...

Deixe disso, seu Beto, o senhor está parecendo político quando aparece aqui só nos tempos das eleições. Pra início de conversa, eu não sou capataz de ninguém. Aqui a gente faz tudo de acordo com a aprovação de todos. Não temos chefes, mas se há alguém aqui que pode resolver alguma coisa é o seu Tião. Pela idade, ele tem mais vivência.

Já prometi que não quero mais saber da história da Marinês e querem saber? Não quero saber mais a história de ninguém daqui. Só quero ir embora. Ô gente esquisita, porra!

Olhe, seu Beto, não gostamos muito de palavreado feio, não, viu? Eu Tonho, já aceitei o acertado lá na reunião

do Bar do Eustáquio. O senhor foi o homem escolhido para embuchar nossas meninas. É bonito. Parece saudável.

E que venham machos que de fêmeas estamos lotados, né Tonho?

Uma perguntinha aqui do seu amigo Tião: tem alguma doença venérea? Ou pior, hoje em dia existe essa tal de AIDS, o senhor tem? Não queremos correr o risco de ter um monte de doentinhos. Nem hospital a gente tem.

Como é que é?! Claro que não tenho AIDS e eu sou um homem. Um ser pensante. Não um boi reprodutor. E que putaria é essa agora? Por acaso, na reunião, as meninas foram ouvidas? Sabiam que o cromossomo XY do homem é é fêmea?

Vige, esse “como somos” aí a gente nunca ouviu falar não, sô! Pensamos que era Deus quem comandava isso.

Não me faltava mais nada, puta que pariu. Vocês são doidos.

Engula o palavrão, homem! Olhe o respeito. Elas farão o que a gente quiser. Eu, Eustáquio, também votei a favor. Peraí, o senhor não se orgulha de ser responsável pela reprodução de uma raça, seu Beto? Com todo respeito, claro, mas com o sinal verde dos pais.

Pois eu, seu amigo Tião, lancei essa ideia que foi aprovada por todos. Já pensou que uma Vila inteira está botando fé no seu bilau, homem? Pois queria ter essa honra e competência, mas com a idade... Então, qual é a sua dúvida?

Pare de dizer que é meu amigo, seu Tião. Imagine, então, se fosse meu inimigo. Gente, eu não posso fecundar essas moças assim de qualquer jeito...

Mas não é de qualquer jeito, não, seu moço! Vige, compadre Tião, acho que ele não gosta muito do traçado não, vive escrevinhando poesias... Sei não, sô! Estamos

botando muito caldo no feijão desse florzinha.

Pare com isso, seu Tonho. Dou total garantia do meu poder do “crescei e multiplicai” instituído por Cristo; mas tenho que saber quem é a Marinês, pois qualquer uma dessas moças pode ser minha irmã, entenderam?

Não!

Era só o que faltava. Um “não” unissônico. Agora, viraram coro grego, né? Vocês são todos uns burros. Não entenderam ainda? Eu, Alberto Pelegrini, sou o menino que o Padre levou daqui. Ele me contou sobre a Vila antes de morrer, faz dois meses. Sempre soube que uma moça chamada Marinês tinha me abandonado na porta de uma Igreja. E, claro, se essa moça voltou a engravidar é bem provável que...

Impossível! Está me chamando outra vez de inverdadero? Depois de você...

Espere aí, gente! Uma coisa está falando alto aqui na minha cachola. Se Marinês perdeu a cabeça pras piranhas e virou a mula sem cabeça, pois foi mulher de Padre, o que será o resultado disso? Hein? Assuntaram?

Que besteira agora é essa, seu Eustáquio? Caraca... Só faltava acharem que como sou o filho do Padre; e já lavaram as mãos, eu sou o Cristo ressuscitado que retornou para salvar vocês, é isso que querem ouvir?

Não, ao contrário, você é o Anticristo, filho do diabo do Padre que veio trazer a desgraça para nossa Vila. Sabia que sua mãe se jogou nos braços das piranhas? E as danadas só comeram a cabeça dela. Por isso, a maldição. Nos dias de chuva, aqui não troveja. Berros saídos da garganta profunda de Marinês ecoam por sobre as montanhas. Não é Genésio?

E o que dizer, então, dos sapos que caem do céu coaxando feito uns loucos, Tonho? Os grilos cricrilando no último volume. Os animais silvestres abrem os bicos e as bocarras e jogam sons de terror sobre nossas telhas que ficamos semanas sem pregar os olhos. Conta pra ele, Eustáquio, nossas outras aflições.

Nossas plantações são afogadas pelas lágrimas da Marinês que corre pra cima e pra baixo berrando pela garganta, mas soltando água pelos outros orifícios. Aquilo não é uma mulher, seu Beto, é uma cachoeira.

Até o índio boliviano que vivia aqui e, a gente queria que embuchasse as meninas, ficou com tanto medo que se mandou pra terra dele. Só embuchou a Clara, outra filha do Ambrósio e a menina também teve uma menina. Ele não daria certo, Eustáquio. Só sinto porque a polícia queimou todas aquelas ervinhas da felicidade que ele plantava. Eta coisa danada de boa aquilo!

Ah, então está explicado, seu Tião. Gostam de um baseadinho, né? Dá pra me desamarrarem? Então, já que a Marinês não pariu mais ninguém, eu topo.

Topa o quê?

Fazer os homens pra vocês.

Tá louco, sô?! Isso é que não! Pra gente ter um monte de diabinhos? Queremos netos saudáveis. Eu já tenho idade até pra ser bisavô, sô! Aí é que a Vila vai ser motivo de chacota. Imaginem um monte de diabinhos pulando que nem os sapos? O senhor agora é um pirarucu perdido nas malhas de um pescador, seu Beto. Que o inferno seja em outro lugar não aqui em Vila Pompeia.

Pelo amor de Deus! Acreditam realmente que existem diabos?

Seu Beto, atente bem para uma coisa. Santos nascem a cada século e mesmo assim o Vaticano leva anos pra reconhecer os coitadinhos. Os diabos nascem aos montes e quase todo dia. E o Vaticano não tá nem aí. Nunca vi abaixo-assinados pra canonização de nenhum diabo.

É verdade, compadre Tião. Lembra-se do tal Romero que botou fogo em Roma? Que pena que não era o Romário! O Rita que provocou o holocausto? O Estalo lá na Rússia? O Satânico Não Sei daquele país de araque? Que é que tu acha, Genésio? Tu tá tão calado, homem. Que foi?

Tava matutando aqui. E posso contar os dedos das mãos mais os dos pés que ainda faltam dedos pra tantos demônios. E Deus é só um, Ele só muda de nome de vez em quando, de acordo com a necessidade de fuçar em um lugar ou outro. É Alá; God; Dios, Dio e daí por diante.

E isso sem falar no que andam fazendo da nossa bola azul, como disse aquele tal de Gagá, o astronauta. A música que a gente mais ouve hoje em dia é o som do Capeta, estrondo de bala pra tudo quanto é canto. Terrorismo é a moda.

Tem razão Tonho, até hoje eu acho que isso é praga não de um Padreco qualquer, mas é praga de Todos os Santos lá da baía da minha terra por causa do homem ter pisado na coitada da Lua. Inda deixaram marcas das pisadas. Apesar de que até hoje não acredito naquilo. Duvido que eles foram. Deus não ia deixar.

É. E ainda tiveram a coragem de espetar uma Bandeira no peito dela, como se fosse uma vampira. É isso mesmo, deu no que deu. Nossa bolinha azul já era. E Deus, ao invés de ser brasileiro, como a gente sempre pensou, não é. Que sacanagem! Só fala inglês.

E vocês com uma merdinha de cinema andam vendo muito filme americano. Não sei como leem as legendas. Muito bem, então, vão fazer o quê comigo? Vão me matar? Esperem um pouco que tenho que me concentrar para esse ato tão único e irrecorrível. “Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

É o jeito. E pare de arremedar o Cristo. Pessoal, preparem a força. Vamos ter que sacrificar o filho do Padre. Lá no fundão do peito está me criando um oco absurdo, pois gosto do senhor. Mas, não se atazane, não viu? Depois, a gente corta o senhor em pedacinhos para facilitar a comilança das piranhas e fato feito.

Porra, que reconfortante! Pensei ser filho da puta, mas sou do Padre, que alívio! Vou ser comido por piranhas, que felicidade! Essa parte até que estou gostando, mas o que me assusta mesmo é o fato de ficar sem ar durante a cerimônia do enforcamento. Sou asmático. Só durmo com o umidificador no quarto e, mais ainda, não mostro a língua pra ninguém, pois acho esse órgão um apêndice assaz deselegante e...

...Não sei se é assada ou não. Imagine quando ela pende por enforcamento. É um quadro feio e tanto! Mas, olhe, para que não sofra tanto, tome cá um copão de cachaça. É feita de nossas próprias canas. Coisa fina.

Agora sim, já posso morrer tranquilo. Vai ser uma morte confortável pra cacete! Pois saiba, seu Tião, que quando saí de Ribeirão Preto, deixei um roteiro de minha viagem com o Delegado Marcos Teixeira, um amigo. Disse ao que vinha. Vão procurar por mim, e aí... Danaram-se.

Seu Beto, não tenho muito estudo não. Aliás, tenho nenhum, mas segundo a lei, só há um assassinato quando

existe um corpo e já viu um cardume de piranhas em ação? O senhor é que se danou... Acho que é por conta disso que o povo dá o nome de piranha às putas. Come qualquer merda. Que é isso, homem? Ah... Ah... Ah! Se pudesse ver a sua cara! Dê cá um abraço, meu amigo. E então, não é uma história danada de boa?

Nossa, seu Tião, o senhor é um grande contador de histórias, sem dúvidas. Quase levei a sério e quase me borrei todo.

Ai, que dor!

Só de pensar no corte do bilau do Padre. E, cá entre nós, essa coisa das lágrimas inundarem as plantações, dos sapos... É verdade mesmo?

Que Deus me cegue, quero dizer, cegue a minha mãe se for mentira.

Mas, ela ainda é viva, seu Tião?

Bem, não é, mas podia ser. E mãe é como Deus: única, viva ou não. Pai a gente pode desconhecer, né?

E toda invencionice não é sempre no supositório? Pronto. Agora, já tem a sua história.

É só escrevinhar.

Marcos Ferreira de Souza - Mossoró/RN
- 2º Lugar

O Transe de Nicole

Ouvi outras histórias que Nicole me contou de ontem para hoje. Algumas até expressivas e relatadas em meio de lágrimas e alguns sorrisos. Mas aquela ocorrida na madrugada em que ela morreu, mais ou menos por volta da meia-noite e meia, é a mais grave e relevante. Naquela noite ela ainda não havia conseguido pregar o olho, encurvada sobre o colchão de molas, uma banda do rosto imersa no travesseiro. Antes de seguir em frente com este relato, quero citar um detalhe que julgo bastante curioso. É que Nicole, talvez em sua virtude de algum dom especial que a sua condição de espectro lhe permitia, parece ter a absoluta capacidade de enfiar isso tudo na minha cabeça com extrema clareza e precisão, como se eu estivesse ali, presenciando tudo o que se passou naquela trágica noite de 11 de setembro do ano passado.

Nicole esta prostrada sobre a cama, ainda em choque e totalmente insone. Não lhe saía do pensamento aquela imagem desconcertante e brutal que ela descobrira por acaso no fim de tarde, enquanto navegava na internet. Uma reportagem de quase dez anos antes, replicada na linha do tempo de algum dos seus contatos no Facebook, exibia a foto de cinco policiais civis posando triunfalmente em volta dos corpos de dois homens cravados de balas sobre a calçada de uma pequena agência bancária de Vila Negra, durante uma

tentativa de assalto. Um dos homens mortos era o pai de Nicole. Sim. Nicole. Uma mulher jovem e bastante atraente cujo nível de estresse e depressão havia chegado ao nível máximo.

No final da tarde, portanto, com o rosto banhado de lágrimas, ela baixou bruscamente a tampa do notebook e esbravejou sozinha.

– Aquele monstro matou meu pai.

O trágico fim de Nicole ocorreu exatamente naquele mesmo residencial de quinta categoria localizado na rua da frente, aonde fui certa vez à procura de madeira para queimar. Eu buscava por tábuas, janelas, porta e pequenos móveis.

Vejo Nicole encolhida sobre a cama. A janela estava totalmente aberta. A claridade do poste ali defronte iluminava parcialmente a cama e projetava um recorte de luz sobre o piso de madeira. O vulto de uma barata desceu pelo guarda-roupa, zanzou de um lado para o outro do cubículo e sumiu por de baixo da porta, em direção ao corredor. Nicole estava morando ali há dois anos e meio - um edifício de minúsculos apartamentos aqui no Alfredo Rangel o quarto ficava no segundo andar com vista para outro imóvel do mesmo gênero.

Nicole pensava no pai cravado de balas, que ela perdera quando tinha apenas treze anos de idade. Desde então sua vida se desmantelou aos quinze anos começou a se envolver com gente errada e daí a pouco estava fumando e compartilhando cigarros de maconha durante o intervalo na Escola Municipal Alcides Rosendo. Foi descoberta que duramente repreendida pela direção da escola . Nicole findou largando os estudos de vez.

Um ano depois, durante um surto depressivo tentou se matar na casa de uma colega de vício cortando o pulso esquerdo com uma faca de serra. Ganhou vários pontos e uma extensa cicatriz que permanece visível. Passou a tomara antidepressivos, porém a mistura com entorpecentes e álcool comprometeu a ação benéfica dos remédios. Intrigou-se com o padrasto e parou de frequentar a casa da mãe. Nicole agora estava só e à beira do próprio abismo existencial. As lágrimas lhe corriam pela face pálida, encharcando o travesseiro.

Quase uma hora da madrugada. Ela já pensava que ele não fosse aparecer, quando ouviu o ronco da picape se aproximando. Daí a pouco a luz intermitente do estroboscópio refletiu no forro branco do teto. Ela se pôs alerta, ficou sentada sobre a cama, as pernas trançadas, o cordãozinho dourado faiscando em volta do colo bastante alvo.

Nicole pressionou circularmente a órbita dos olhos, como se quisesse despertar de um sonho ruim, fez uma cara de aborrecida e apurou o ouvido. O cabelo negro lhe escorreu sobre os ombros agudos, os níveis seios espetando a camisolinha branca de algodão com uma estampa de Minnie Mouse. Ela decidiu que ficaria quieta, em total silêncio. Daria mais uma volta na fechadura e ainda reforçaria com os dois ferrolhos. Que ele chamasse o quanto quisesse. Talvez concluísse que ela não estava em casa e fosse embora. Tolice. Ele não iria embora de jeito algum. Além do mais, ela se recordou de que tinha uma cópia da chave .

– Que droga! - disse baixinho.

No rosto ainda muito jovem e belo a florou mais uma vez aquela indescritível expressão de choro. Nicole

maldizia a si mesma por ter-se envolvido com gente daquele tipo. Ela já completara dezoito anos quando seu destino cruzou com o dele num sábado a noite, por volta das oito e meia, ao ser apanhada no calçadão em frente ao West Shopping com certa quantidade de “substância alucinógena”. Ouviu isso dos policiais que prenderam em flagrante àquela noite. Ela ganhava uma grana de um cara conhecido por Chinês para entregar os minúsculos pacotinhos a certos indivíduos que simulavam caminhar no calçadão. À época o tal monstro já era delegado de polícia, vinte anos mais velhos. Graças a ele, no entanto, ela escapou de ser violentada por dois policiais dentro da própria cela em que a trancafiaram.

– Mas o que isso, senhores?! - irrompeu ele, como se vindo do nada. _ Eu não tolero esse tipo de coisa na minha delegacia!

– Me tira daqui , por favor! - gritou Nicole.

– Soltem a moça agora mesmo - ordenou o delegado

– Depois quero ter uma conversa particular com os senhores. Entenderam?

– Sim ,senhor - responderam os dois homens.

– Pode vir, moça - disse o delegado.

Mas tudo havia sido combinado entre eles. O próprio delegado estava em outro veículo com outros dois policiais à paisana, quando os agentes prenderam Nicole, meteram-na viatura e a levaram para delegacia. A garota já vinha sendo observada por eles há algumas semanas. Então, como se fosse por acaso, o senhor delegado surgiu bem na hora em que Nicole supostamente seria abusada. Bancou o herói salvador à porta da cadeia para impingir à garota um débito de gratidão que ele cobraria juros altíssimos. Além de “salvá-la” do estupro, isentou-a de complicações com a justiça. Ela sequer

teve o nome registrado em boletim de ocorrências. Escapou das agressões da cela e dos rigores da lei, porém se tornaria prisioneira dos achaques, da perversão sexual e da índole truculenta do delegado corrupto.

– Beba um pouco - disse ele entregando a Nicole um copo descartável com água que pegara ali no bebedouro.

– Fique tranquila, moça. Você agora esta segura.

Garanto que ninguém mais vai encostar um dedo em você.

– Obrigada . Não sei o que seria de mim se não fosse o senhor.

– Não precisa agradecer. Só cumpri com minha obrigação.

– O senhor é policia?

– Sim eu sou o delegado aqui. E pode me chamar de você, ok?

– Ok...

– Pois é, você teve sorte. Eu já havia saído para tratar de um assunto, mas esqueci meu celular e decidi retornar para buscá-lo.

Ali na pequena sala com ar condicionado, confortável na sua cadeira giratória por trás de um grosseiro birô de ferro, o falso herói deu início a um discreto interrogatório, sempre muito educado e cortês com a jovem e bela infratora:

– Pode se senta aí, moça - apontou o banco de madeira junto à parede. Aqui está a sua bolsa. Por favor, confira se está tudo certo.

– Sim, obrigada.

Trajando um shortinho jeans, tênis esportivo, blusa azul e bolsinha de tricô pendurada no ombro, Nicole,

simulava uma caminhada pelo calçadão do shopping na hora em que foi surpreendida pelos dois policiais civis.

– Eles machucaram você?

– Acho que não, mas quase rasgaram minha roupa.

– Abomino esse tipo de comportamento.

– Eu já posso ir, doutor?

– Sim, claro. Apenas se acalme, mais um pouco.

Ela enxugou o rosto na manga da blusa e murmurou:

– Eu não sabia que comprimidos eram aqueles.

– Não sabia?

– Não mesmo.

– Eu acredito em você. O agente Fagundes me contou mais ou menos o que se passou no calçadão. Você foi apenas mais uma vítima daquele malandro. Já estávamos de olho nesse Chinês há dois ou três meses. Ele agora está preso.

– Pois é ele me enganou.

O tal Chinês, que na verdade era coreano, tinha um sortido comércio de produtos *chinh ling* no babélico camelódromo da Vila Negra.

– Mas que safado! Ele só me disse que era comprimidos energéticos para essas pessoas que praticam esportes e fazem musculação.

– Comprimidos de êxtase - corrigiu o delegado.

– Êxtase?!

– Exatamente.

– Poxa, eu não sabia.

– Tudo bem, sabemos que você é inocente.

– E quanto a esses policiais que me atacaram Lá dentro?

– São dois imbecis. Garanto que serão punidos.

Cuidarei disso pessoalmente.

Só peço que não comente nada com ninguém a esse respeito. Até porque, aqui entre nós, não vale apenas ligar seu nome a uma história dessas. Além disso, se não percebeu, estou aliviando sua barra. Não fosse por mim, você estaria muito encrencada.

– Sim, eu entendo. Já posso ir?

Nesse momento o telefone tocou sobre a mesa, ele disse um monte de “sim, senhor; pode deixar” e a ligação terminou.

– Onde foi mesmo que paramos?

– Eu perguntei se já posso ir?

– Pode... Mas ainda nem sei seu nome.

– É Nicole.

– Hum... Belo nome.

– Obrigada.

– O meu é Jarbas.

– É, eu sei.

– Claro. Está escrito aí - disse ela erguendo levemente o queixo para indicar a peça de acrílico com o nome dele em cima do birô.

– Tem irmãos, Nicole?

– Sou filha única.

– E onde mora?

– Um pouco fora da cidade.

– Onde exatamente?

– Na Suçuarana.

– Hum, zona rural.

– Pois é.

– Mora com seus pais?

– Com minha mãe e meu padrasto. Meu pai já morreu.

– Sinto muito.

– Foi há cinco anos.

– Morte natural?

– Não, foi assassinado.

– A violência está em toda parte.

– Sim, está.

– E prenderam o assassino.

– Não... É que foi a polícia.

– A policia?! - espantou-se o delegado.

– Isso mesmo. Disseram que meu pai e mais quatro homens tentaram assaltar o Banco do Brasil da Alberto Maranhão, houve bastante troca de tiros com a policia e aí o meu pai e outro cara foram mortos durante o tiroteio..

Fez-se um breve silêncio. Ele pigarreou e disse:

– E isso foi há cinco anos?

– Mais ou menos.

– Creio que nesta época eu trabalhava no administrativo, mas lembro desse caso. Perdemos dois colegas nesse dia.

– Sim disseram que durante o confronto meu pai apagou dois policiais.

– Você parece ter orgulho disso.

– Não tenho, não. Mas não gosto de policia.

– Ora, e por quê?

– Tenho meus motivos.

– Você é corajosa, moça.

– Acho que puxei a ele.

– No que mais você puxou de seu pai?

– Além dos olhos verdes, tenho ótima pontaria.

– Hum, pontaria?!

- Sim. Meu pai começou a me ensinar quando eu ainda tinha 11 anos. Trenei bastante no sítio da minha avó, onde a gente costumava passar alguns feriados. Meu pai era um ex-fuzileiro naval e tinha uns amigos que sempre apareciam no sítio para treinar pontaria. Um desses foi morto na tentativa de assalto ao banco.

– Isso mesmo. Os outros dois conseguiram fugir.

– Ouvi dizer que conseguiram levar a grana.

– Infelizmente isso é verdade.

– Então, graças ao meu pai, aprendi a atirar.

– Não se ensina uma coisa dessas a uma criança. É um risco desnecessário.

Ainda mais se tratando de uma garotinha tão franzina.

– Minha mãe reclamava, mas eu gostava.

– Não tiro a razão de minha mãe. Há coisas muito melhores para uma mulher aprender. Arma, principalmente de fogo, é assunto par homem.

– Mulher também sabe atirar.

– Ora, sabe nada!

– Eu sei.

– Não posso acreditar nisso.

– Pois pode crer.

– Ao menos até hoje nunca vi nenhuma mulher que realmente saiba lidar com arma de fogo. Nem mesmo entre essas que estão na policia.

– Meu pai também me ensinou a tocar violão.

– Ah, ao menos uma coisa boa.

– Agora eu posso ir, doutor?- insistiu - Está ficando tarde.

– Como você pretende voltar para casa?

– Ainda não sei. Vou tentar um moto-taxi.

– Em qual ponto da Suçuarana você mora?

– Próximo a Capela de Santo Expedito.

– Olha, eu e meus agentes teremos que sair agora mesmo em uma diligência. Não é bem para aqueles lados, mas, se você quiser, posso lhe dar uma carona. Até porque, a essa hora da noite, um moto-taxi vai cobrar bastante caro.

– Poxa, Obrigada.

Ela aceitou a carona, mas pediu que parassem o carro um pouco afastado. Não queria que a mãe a visse em uma viatura da Narcóticos com brutamontes à paisana. Ela e delegado estavam no banco de trás. Ela tocou no joelho dele e disse:

– Aqui está bom.

– Tem certeza? O local é um pouco escuro.

– Minha casa é logo ali, onde está o orelhão - fez ela apontando o telefone público plantado sobre acalçada de casa.

– A residência verde?

– Essa mesma.

– Posso ver você de novo? - arriscou ele.

– Acho que sim.

– Ótimo. Diz aí o seu número.

– Não tenho celular.

– Ele retirou a caneta do bolso, pediu licença e escreveu o número do próprio celular na palma da mão de Nicole.

– Pode ligar a cobrar daquele orelhão.

– Ok.

Dias depois já estavam tendo um caso. Quase toda noite, sempre por volta das nove meia, ele parava a picape de vidros fumês junto ao poste apagado e ela se aproximava sorratamente. Davam um role pela cidade e findavam em algum motel barato. Após cerca de um ano, quando ela disse que estava grávida, ele a convenceu a abortar, prometeu casar com ela, falou de planos para o futuro, alugou o tal muquifo no Residencial Madressilva, no Conjunto Alfredo Rangel, e ela deixou a cada da mãe para morar sozinha.

Desquitado, sem filhos e com certa influência em Vila Negra, o delegado Jarbas levava uma vida cheia de mulheres vulgares e negócios escusos. Iludiu-a no primeiro momento com discurso de homem respeitador e bom samaritano:

– Olha só, que tal se eu lhe conseguisse um trabalho, talvez no comércio? Posso dar uns telefonemas e lhe arrumar alguma coisa.

– Ah, seria ótimo. Quero ganhar meu próprio dinheiro.

– Mas tem que prometer que vai retomar os estudos.

– Sim, claro.

Durante alguns meses, animada pela possibilidade de que lhe conseguisse um emprego de carteira assinada, Nicole passou a frequentar as aulas de ensino supletivo a fim de concluir o primeiro grau. Tempos depois, já havendo se esbaldado sobre a juventude e os encantos da garota, Jarbas manteve uma distância cada vez mais estratégica e foi cozinhando a farsa do casamento em banho-maria. Até que pouco a pouco ela começou a descambar para uma

sarjeta ainda pior. Dos antigos e eventuais tragos de maconha ela agora se afundava na cocaína, vício este despertado e patrocinado por ele, que também era viciado.

Nicole jamais concluiu os estudos e os sonhos da adolescência foram consumidos nas carreirinhas do pó que ela aspirava sofregamente; a esperança de um futuro melhor esmaecendo no verdes dos olhos; a mãe esquecida na comunidade rural da Suçuarana; o vestido de noiva mofado e amarelado na gaveta da cômoda. O ordinário vestido, presente que ela ganhou de Jarbas Peixoto logo após ter abortado a criança. Depois, quando ela tocava no assunto casamento, ele escapava pela tangente. Noutras vezes, porém, sentindo-se encurralado em uma cascata de exclamações, palavrões e gestos agressivos. Ela lhe devolvia alguns desaforos e, não raro, tinha a fala interrompida por uma bofetada.

Como sentisse vergonha da origem social da moça, ele sempre evitava ambientes mais requintados. Por último, vinha se limitando àquelas visitas tarde da noite, os vizinhos a escutar-lhes as brigas e fornicações sobre a cama.

Agora aqueles cento e dez quilos de mau-caratismo subiam os degraus da escada para servir-se dela mais uma vez. Nicole calçou as pantufas cor-de-rosa que estava perto da cama e se pôs de pé para recebê-lo. Sentiu-se tonta e se apoiou na cômoda. Comera quase nada o dia todo. Acendeu a luz e teve a sensação que tudo girava dentro do quarto. A mancha azulada abaixo do olho esquerdo recordava o bofete que recebera na véspera. Aquela mão enorme e suja agredira seu rosto de mulher fisicamente frágil, mas corajosa.

– Monstro! - ela rosnou entredentes.

Esperou por ele junto à porta, os pés descalços

sobre o piso de madeira, a mão atenta, segurando a chave na fechadura, esperando que ele chegasse a qualquer segundo. Jarbas Peixoto bateu duas vezes, levemente. Ela destrancou a porte e ele entrou silencioso no terno escuro. Sentou-se à beira da cama, o ar de culpa estampado na carranca oleosa, os pequenos olhos castanhos fitando os sapatos. Após um minuto, balbuciou:

- Ainda zangada?
- Não sei.
- Desculpa; fui um idiota.
- Trouxe alguma coisa?
- Sim, está aqui.

Nicole rasgou o saquinho plástico, dispôs a mínima quantidade numa ponta da cômoda e aspirou o pozinho branco. Moveu a cabeça para trás e ficou por um instante. Em seguida desfez o movimento e se aproximou o celular. Pôs no modo avião, retirou a pistola da cintura e a colocou em cima do criado-mudo.

- Você está cheirando a bebida - disse ela.
- Tomei uma dose de uísque com o Fagundes.
- Não parece que foi apenas uma dose.
- Mas foi...

Ele estava praticamente bêbado. Deitou para trás e ela lhe tirou os sapatos. Ninguém mais o satisfazia tanto naqueles ignóbeis ofícios entre quatro paredes. Sabia-lhe das taras mais sórdidas, dos fetiches mais hediondos. Além de conhecer perfeitamente o mecanismo de trava da ponto 40 ele sempre deixava em cima da mesa de cabeceira. Os dois rolaram sobre a cama e daí a pouco sussurrou dengosamente:

- Amor...

– O que é?

– Feche a janela.

Com equilíbrio afetado pelo álcool, o corpulento Jarbas obedeceu, deixou lentamente a cama e foi encostar a janela. Ainda pode ouvir o barulhinho metálico da trava. Ao se virar, recebeu o disparo no meio da testa. Cento e dez quilos de mau-caratismo tombaram pra trás. Era a pena máxima, aplicada com extremo rigor e precisão.

– Mulher também sabe atirar, seu monstro! - disse ela sentada sobre a cama, a pistola já apontada contra a própria cabeça.

Indulto

A construção que abrigava o orfanato era imponente, com um lindo jardim que a ele conduzia. Antes da escadaria que levava ao casarão, havia antigamente uma roda, resquício de tempos ainda mais cruéis: a infame *Roda dos Enjeitados* ou *Roda dos Expostos*. Era uma roda de madeira, na verdade um cilindro oco giratório, com a abertura voltada para a rua. Utilizada como único modo de comunicação com o mundo exterior, o artefato era originalmente utilizado para que ali fossem deixados alimentos para religiosos vivendo em clausura. Com o passar do tempo e com políticas religiosas que visavam a garantir o amparo a crianças órfãs, funcionava como solução para quem quisesse deixar um bebê indesejado sem ser notado. A portinhola giratória garantia o duplo anonimato, tanto de quem abandonava o bebê como o de quem o acolhia. Era perfeito para se evitar a condenação moral decorrente de uma gravidez que não pudesse ser levada a público.

Atualmente, o acesso era aberto, mas a ruela de paralelepípedos que levava à entrada do orfanato parecia saída de uma cena do século XIX, e talvez de fato remontasse a ele. O impacto dos pneus nos pedregulhos tornava aquela jornada ainda mais árdua, e a menina oscilava, ao sabor dos solavancos do carro do Conselho Tutelar.

— *Meninos, essa é a Jéssica. Ela agora vai morar*

aqui – a funcionária esboçou um sorriso ao apresentá-la ao grupo.

Nenhuma criança lhe fez qualquer pergunta. Ninguém quis saber qual das histórias – abandono, maus-tratos ou morte dos pais – a trouxera àquele lugar. Cada um tinha seu próprio drama, e não era reconfortante ouvir mais um.

Recebeu uma colcha cinzenta e surrada, e um travesseiro com um lençol dobrado em cima. Em seguida, foi conduzida a um cômodo enorme, com janelas em estilo gótico e dezenas de camas iguais.

— *Sua cama é aquela. Deixe suas coisas ali, naquele baú na frente, que daqui a pouco é hora do lanche* – a funcionária sorriu, compreensiva. Já trabalhava ali havia tanto tempo que era capaz, pelo olhar da criança, de perceber a história escondida em seu íntimo. No caso de Jéssica, a morte da mãe, que a criava sozinha desde que fora abandonada pelo pai, constituía apenas uma das possíveis trajetórias que invariavelmente desembocavam naquele lugar. Esta pelo menos tinha nome, sobrenome, certidão de nascimento, e talvez memórias boas a que se apegar. Sônia sabia o quanto elas seriam necessárias.

Chovia torrencialmente na primeira noite de Jéssica ali, e sua insônia era embalada pelo ruído emitido pelas outras crianças em seu ressonar. A aparente tranquilidade dos demais contrastava de tal forma com o turbilhão que lhe atravessava a mente que a menina retesava o corpo a cada trovoadas. Ali não havia alguém para vir confortá-la de um pesadelo, e isso a fazia temer o sono. Com o tempo, aprenderia a não beber muita água à noite, para não ter que cruzar sozinha, no escuro, aquele longo dormitório, cujas

janelas enormes exibiam a claridade do dia e os pavores da noite, amedrontadoramente oscilantes devido ao vento que castigava as árvores.

No dia seguinte, foi levada, junto com as outras, a uma espécie de terraço, onde tomariam banho de mangueira. O que poderia parecer, num olhar ingênuo, uma atividade lúdica em um dia quente era, na verdade, um meio econômico e rápido de administrar o banho de um monte de crianças ao mesmo tempo. Uma funcionária, bem menos simpática do que a que a recebera no dia anterior, deu-lhe um leve empurrão ao ordenar que se despisse. Era julho, fazia frio, e a nudez e a água gelada do banho de mangueira agrediam-na duplamente. Com o tempo, ela aprenderia que bastava fechar os olhos e se imaginar numa cachoeira, de férias, com a família que ela um dia teria. Era a essa imagem mental – um pai presente, uma mãe carinhosa, um irmão companheiro e um cachorro de estimação – que ela recorreria, muitas vezes ainda.

Em seus devaneios, ela sonhava com aquelas famílias perfeitas, de anúncio de margarina, em que tudo é lindo, feliz e harmonioso. Da partida do pai alcólatra – que sumira no mundo após o ultimato dado pela mulher, quando Jéssica tinha apenas três anos, – à doença degenerativa que levara a mãe havia um mês, tudo se encaminhou para uma situação em que ela se viu sem mais ninguém no mundo. Começou a ser cuidada por vizinhos, mas isso durou pouco. O marido da vizinha criticava, com o olhar, a cada vez que ela se servia de mais comida. Os filhos da mulher não a deixavam esquecer de que ela era uma intrusa ali. E ela, que começara a ajudar a *tia* no trabalho da casa para agradecer, minimamente que fosse, pelo acolhimento,

viu-se às voltas com encargos domésticos incompatíveis com os seus sete anos. Quando percebeu um olhar estranho do sujeito ao mirar seu corpo, decidiu fugir. Levou uma pulseira que a avó, já falecida, lhe dera quando ela ainda era um bebê, uma fotografia da mãe, esmaecida e amarrotada, e um chaveiro em formato de um cão beagle, também presente da avó, exatamente como o cachorro que teria um dia. Cachorro com cara de pacote de ração, ela pensava. Aqueles pertences sintetizavam seus afetos e recordações. Caberiam numa bolsa pequena, mas constituíam seu mundo.

Sem ter para onde ir, pegou um ônibus com algumas moedas que tinha, e foi parar no centro da cidade, lugar bem diferente do bairro afastado onde residia. Sentou-se na entrada de um prédio e depois na porta de uma lanchonete, mas não sabia como abordar desconhecidos nem como agir. Já era noite, e juntou-se, sem pedir licença, a um grupo de moradores de rua. Após sofrer a rejeição do grupo, formado por uma geração de crianças já habituada às ruas, muito mais malandras do que ela jamais precisara ser, viu-se vagando, sem rumo, até ser abordada por uma estranha, que trabalhava em um órgão de proteção a crianças, tendo sido assim encaminhada ao orfanato. Sem parentes ou ninguém que pudesse requerer a sua guarda, restou-lhe o caminho dos enjeitados. E, embora ela não tivesse consciência para racionalizar sobre o que seria mais cruel – se a privação súbita e repentina de uma família ou a tristeza de nunca ter conhecido uma –, lá estava ela, só e isolada, em um local onde não tinha voz ou identidade. Onde tudo era como em uma linha de produção, feito coletivamente, sem que houvesse espaço para uma atenção particularmente dedicada a alguém. Não havia indivíduos naquele lugar, apenas uma

massa indistinta, entregue à própria sorte, sem gostos ou necessidades específicas. No tom de alguns funcionários, havia ainda a mensagem implícita de que todos deveriam ser extremamente gratos pelo que recebiam, como um favor.

Cinco meses haviam se passado e o Natal se aproximava. Essa era, sem dúvida, a pior parte: a festa da família, com todos reunidos em volta de uma mesa farta, em meio a sorrisos e presentes, algo que parecia pertencer a outro mundo. Um mundo ao qual ela um dia pertencera, ainda que por pouco tempo, apesar de a ceia e a família serem mínimas. Vida de economias. Ouvira que o Papai Noel viria, e isso lhe dera um ânimo renovado. Embora alguns ali jurassem que o Bom Velhinho não existia, ela sabia que existia, sim. A mãe lhe dissera, e a mãe nunca mentira para ela. Uma vez, a mãe até lhe explicara que Papai Noel não poderia, naquele ano, trazer um presente de verdade, mas que ela poderia pedir outras coisas, como saúde ou amor, e essas ele poderia trazer. Ela havia antes pedido uma boneca, não daquelas de plástico duro e olhos pintados, mas aquelas que piscam os olhinhos de vidro azul. A mãe sorriu e explicou que Papai Noel tem muitas crianças para visitar, então nem sempre todas podem ganhar presente. Jéssica então abraçou a mãe, e disse que pediria que elas nunca se separassem. Papai Noel deve ter estranhado o pedido, pois a mãe morreu alguns meses depois, mas nem assim a menina deixou de acreditar nele.

— *O Papai Noel vem no dia 22* – ela vibrou.

— *Viu como ele não existe? É um homem comum, vestido de Papai Noel, que vai estar no dia 24 com a família dele, e por isso não vem. Não vai perder a noite*

de Natal aqui com a gente.

— *Mas ele passa de madrugada, não é? Lá em casa ele sempre passava quando eu estava dormindo.*

— *Isso era a hora em que os adultos aproveitavam para trazer o seu presente. A gente aqui nunca teve adulto colocando presente escondido, não. Você acha que se ele existisse só ia aparecer pra quem já tem um monte de presentes? Em casa de rico ele sempre vai. Em favelas e abrigos, é só alguém fantasiado, levando aquelas bolas e bonecas sem graça – o tom do menino mesclava ceticismo e revolta. Outros começaram a rir, concordando com ele.*

— *Pois eu acredito nele, e sei que ele vem! –* teimou Jéssica. – *E já ganhei presentes muito legais dele.*

— *Eu aposto que não vem, não –* provocou outro. – *Os presentes eram comprados pelos seus pais.*

A lembrança súbita dos pais, especialmente a da mãe, turvou seu olhar.

Num instante, várias crianças riam dela, até que um a desafiou:

— *Então vamos fazer uma coisa: você pede um presente pra ele, diferente do que ele costuma trazer. Se você ganhar, é porque ele existe.*

— *Tá bom –* ela concordou, mais para se manter fiel à confiança no que a mãe lhe dissera do que pela aposta propriamente dita. A crença na existência do Bom Velhinho era agora, para ela, uma estratégia de sobrevivência.

No dia 22, um voluntário, trajando uma roupa de Papai Noel, chegou, no meio da tarde, para lanchar com as crianças. Laurinha, uma das meninas do lugar, colocou uma

fantasia de princesa para recebê-lo. O fato de a roupa ser para uma criança bem menor destoava do luxo presente na imagem de uma princesa, mas mostrava que nela o sonho e a ilusão ainda perduravam. Braços e pernas de uma Gata Borracheira que crescia espalhavam-se para além da roupa, e a coroa pendia, meio torta, da cabecinha da menina, que corraera para receber o voluntário.

— *Eu sabia, eu sabia!* – gritou Jéssica, correndo com a outra para abraçar o Papai Noel, que se adiantava. Os compromissos comerciais tomariam o dia seguinte e a véspera de Natal, de modo que a visita como voluntário antecipou a festa daquelas crianças.

— *Oh, minha menina!* – o rapaz disfarçou o fato de não saber o nome dela, já que no ano anterior ela ainda não estava ali. Já havia alguns anos que ele ia ali, como Coelho da Páscoa e como Papai Noel, de modo que acabava conhecendo cada criança do orfanato.

— *Tem que esperar a sua vez. O Papai Noel vai sentar ali, naquela cadeira, e distribuir os presentes. Ai, cada um vai poder conversar com ele. Não é, Papai Noel?* – o olhar da funcionária antipática continha uma indisfarçável censura em relação à quebra de protocolo do voluntário.

— *Tudo bem. Vamos fazer assim, então* – o rapaz não ia entrar no jogo dela nem permitir que aquela criatura desagradável estragasse a magia do momento.

Jéssica obedeceu, pacientemente. Já havia cinco meses que estava ali, e nesse período aprendera que em todo grupo há um jogo de forças tácito, cabendo ao mais frágil ceder.

Quando chegou a sua vez, seus olhos brilhavam de

emoção. Sentada no colo do Papai Noel, segredou-lhe ao ouvido:

— *Papai Noel, muita gente aqui não acredita em você, mas eu sei que você é real.*

— *Claro que sou, minha querida!* – disse ele, naquele tom que geralmente precede o característico *hohoho*. – *E você nunca deve deixar de acreditar nisso.*

— *Então eu vou pedir o melhor presente da minha vida: eu quero a minha mãezinha de volta.*

— *Claro! Tenho certeza de que quando as coisas se resolverem, ela vai voltar para buscá-la, querida* – confortou-a o voluntário, julgando tratar-se de um daqueles casos em que a criança é temporariamente tirada do convívio com a família, mas retorna assim que as condições melhoram.

— *Não, Papai Noel. Ela morreu, você esqueceu? Você não sabe de tudo o que acontece com a gente?*

Os olhos do rapaz ficaram embaçados e ele por alguns segundos não sabia o que dizer. Tinha consigo um repertório com algumas respostas para usar em situações constrangedoras, mas essa o desconcertara.

— *É por isso que estou pedindo pra você – a menina prosseguiu. – Eu quero um milagre. Traz a minha mãe pra mim, por favor. No ano passado, eu pedi pra ficar sempre junto dela, e ela morreu. Será que você nunca dá o que as crianças pedem?* – a menina estava com a voz levemente alterada.

— *Eu não posso fazer isso, querida. Eu faço presentes e entrego. E as crianças ficam felizes.*

— *Então talvez você não exista mesmo* – rebateu ela, com a voz embargada, antes de se afastar.

Após a festa de Natal antecipada, Jéssica entregou a Laura a boneca de olhos pintados e o jogo de damas que ganhara. Ela não fazia mais questão de nenhum presente físico e estava triste, pois seria a segunda ocasião em que o Bom Velhinho a decepcionaria. Não aconteceria uma terceira vez.

Na noite do dia 24, o jantar foi servido mais cedo, e o cardápio, preparado com carinho pelas funcionárias, reproduzia parcialmente uma ceia tradicional. Em seguida, houve uma missa, e as crianças foram então conduzidas ao dormitório. Lá havia, em frente a cada cama, um presente embrulhado. Muitos eram donativos em bom estado, e os novos e seminovos eram cuidadosamente embrulhados, para que as crianças tivessem a sensação de ganhar um presente e não uma doação, aplacando minimamente as diferenças entre o orfanato e o mundo de fora.

Jéssica desembalhou o seu e imediatamente abriu um sorriso: o cachorrinho de pelúcia era *beagle*, como o chaveiro que a avó lhe dera um dia. Feliz, ela interpretou isso como um sinal de que estariam sempre juntos: ela, a mãe, a avó e o cãozinho de estimação. Não precisava de família de propaganda comercial, a sua já era perfeita, e lhe bastava.

Sua cama ficava bem abaixo de uma das janelas góticas enfileiradas ao longo do cômodo, e ela sempre dormia procurando a lua com os olhos. Havia noites em que ela invadia o aposento, trazendo tanta luz que a menina ficava encantada.

Mesmo sem ela nunca ter sido ensinada a rezar, aquele orfanato possuía uma orientação religiosa muito forte, sendo, inclusive, assistido por grupos pertencentes à

paróquia do bairro. Além disso, o jardim interno do lugar tinha uma imagem em tamanho real da Virgem Maria. O olhar doce e compassivo de Nossa Senhora lhe trazia alento, e não foram poucas as vezes em que ela fugiu para o jardim para conversar com a imagem, o que acabou lhe trazendo o hábito de rezar antes de dormir.

Em suas preces, que eram na verdade uma espécie de monólogo, em vez das repetidas e conhecidas orações, ela agradeceu pelo fato de aquele orfanato não ser como outros dos quais tomara conhecimento pelas outras crianças. Em alguns, segundo os relatos aterrorizantes que ouvira – feitos pelas próprias crianças dali, muitas vezes vindas de outras instituições –, havia abusos sexuais, maus-tratos, castigos físicos, e isso talvez explicasse a apavorante estatística de que 30% da população carcerária no país é formada por pessoas oriundas de orfanatos e abrigos, num ciclo de rejeição e abandono que culmina na criminalidade.

Mas ela não pensava em nada disso. Ela só se lembrava do quanto fora amada pela mãe e pela avó, e essas lembranças reconfortavam-na. Não trazia consigo o estigma de abandono que imperava ali.

Era uma noite quente, pois o Verão tinha se iniciado havia apenas três dias, e ela não conseguia dormir. Não acreditava mais no Papai Noel que a esperava dormir para deixar o presente. Não podia sair para conversar com a imagem do jardim, pois as regras ali eram bem claras, e as portas, trancadas à noite. Se fosse apanhada perambulando do lado de fora da casa, ficaria de castigo por um bom tempo. Algumas funcionárias eram carinhosas; outras, nem tanto, mas, de qualquer modo, a disciplina era mantida de forma rígida por ali.

Com o calor intenso que fazia, não demorou muito para que uma tempestade tivesse início. E ela, que de sua cama olhava a lua, observou-a ser escondida enquanto nuvens tomavam o seu lugar, antes de o temporal desabar.

Como em sua primeira noite ali, a tempestade era intensa, e o vento fustigava as árvores que, por sua vez, revoltavam-se, formando grotescas sombras nas janelas do dormitório. Era uma tempestade de raios, e cada clarão era seguido do rugido de uma trovoadas. Sempre tivera medo de tempestades, mas lembrou-se de algo que a mãe dizia para acalmá-la: *quando você escuta o barulho, é porque o raio já caiu. Ele caiu no momento do clarão, mas o som só é ouvido depois.* Não havia o que temer, portanto. O pior já passara. Nesse momento, rezou por um milagre de Natal e desejou ter a mãe a seu lado, só um pouquinho, só naquela noite.

— *Papai Noel, se você existe, traz a minha mãe pra mim* – ela pediu, baixinho, dando-lhe uma última chance.
– *Se você existe, desculpe por ter duvidado de você, tá?*

Uma trovoadas rugiu lá fora, fazendo eco ao pedido da menina.

– *Nossa Senhora, eu sei que você também é mãe. Deixa a minha mãe vir aqui, por favor. Ela também deve estar com saudade de mim.*

Uma nova trovoadas, ainda mais alta, se fez ouvir naquele aposento.

— *Meu Deus, Papai do céu, Nosso Senhor, por favor, se você existe, me deixa ver minha mãe. Eu prometo que não peço mais nada, nunca mais!*

A trovoadas dessa vez foi tão forte que iluminou todo o cômodo, deixando entrever um vulto que parecia, de longe,

com a avó. Morrendo de medo – da solidão, do escuro, dos raios, de fantasmas –, ela levantou-se e caminhou em direção ao vulto, que desapareceu.

Nova trovoadas, novo flash. Pegou o chaveiro de beagle e a pulseira, seus talismãs de saudade, e aguardou.

Na trovoadas seguinte, Jéssica viu a mãe. Que sorria para ela e fazia um gesto com os braços, como se quisesse recebê-la num abraço.

— Mãe, eu só posso pedir pra você agora. Eu já pedi pra todo mundo. Fica comigo, por favor. Eu só quero ficar com você – pediu, soluçando.

A mãe estendeu-lhe novamente os braços. Nesse momento, a menina já não tinha medo.

No dia seguinte, ao recolherem o corpo da criança, todos comentavam o estranho sorriso que ela parecia trazer no rosto, enquanto protegia, com as mãos, suas maiores relíquias: uma pulseira e um pequeno chaveiro, do qual pendia um singelo cachorrinho.

Joela

Uma ambulância rasga o silêncio da noite.

As horas escuras em uma cidade são frágeis, nelas a pressa dita os passos. Uma cidade carrega suas ruas como veias escuras; e quando os carros cortam estas horas, em seu fluxo de borracha e anseio, os passeios são como varizes prontas a romper a qualquer momento. No asfalto uma mancha de óleo sob a luz do poste lembra sangue. O bueiro escuta o *trottoir* das putas e engole um rato assustado. A cidade se esgota em sua multidão, na sua capacidade de gerir o seu tumulto. É assim todo dia. Uma cidade é um romper de cordas. É um jogo de equilíbrio permanente. Nos esconsos dela também o amor resiste.

Joela, somente uma toalha na cabeça, sai do banho. A gilete já retocou suas virilhas. Corta seu corpo, 40 anos de solidão. A mãe é só uma sombra na lembrança, quando o lúpus a consumiu. O pai não consta na identidade. Morou em abrigo para meninas. Hoje é somente alguém só. Dentro de sua coleção de abandonos, a beleza lhe deixou na puberdade. Certo que tem um quadril generoso, mas falta-lhe certo gracejo ao andar. Seios rijos, a benesse do pouco tamanho. Os óculos atrapalham a beleza dos olhos. Fez curso de secretariado no SENAC, também datilografia. Na parede da sala ostenta com orgulho e uma moldura dourada seus dois diplomas. Mesmo sem conhecer o artista, uma reprodução de Cézanne completa sua pinacoteca afetiva.

A sorte de Joela começou a mudar quando conheceu Moacyr. Almoçava um prato-feito no intervalo do escritório contábil no qual trabalhava. Ele, rosto quadrado. Viril. As mangas da camisa arremangadas. E um brando pedaço de couve pênsil no bigode farto. Mesmo tentando encobrir com a mão, ela não segurou o riso. Ele percebeu e foi em direção a ela. Olha para os lados rezando que não seja com ela. Suspirosa, no seu mais recôndito desejo, quer que seja com ela. Então, aquele cheiro acre e intenso se para a poucos palmos. A moça ri muito, diz Moacyr. Joela derrama vermelho pelo rosto, transparece. A moça é muda?! Põe a mão sobre a dela e senta a sua frente. Liquefeita, permite.

Retorna do almoço com o estômago cheio e um convite para um chopinho depois do expediente.

Horizonte se estica, um sol de esperança se deita. Joela e Moacyr se encontram e um bar pouco convidativo do ponto de vista dos sonhos românticos dela. Sob a toalha xadrez da mesa ele, sorrateiro, ensaia um ataque: a mão desliza pela saia até o cume das coxas. Constantinopla ainda resiste. Joela afasta a mão com alguma violência. Moacyr sabe que aquela é a mulher de sua vida.

Já dentro de um *hobby* atoalhado, Joela caminha pela sala. Liga o som 3 em 1. “*Ne me quitte pas Ne me quitte pas Ne me quitte pas On a vu souvent Rejaillir le feu De l’ancien volcan Qu’on croyait trop vieux Il est paraît-il Des terres brûlées Donnant plus de blé...*” na voz de Maysa. Pouco sabe de francês. Se engalfinha com a linguagem e acompanha a música. Hoje é um dia especial, aniversário de Moacyr. Fez lasanha e doces e comprou vinho e uma sidra para brindarem. Sob o roupão, uma fita mimosa faz laço no cós de sua calcinha. É presente para seu homem.

Uma flor rubra. Rosa em pétalas. A primeira noite do resto de sua vida. Abre um vinho. É preciso relaxar. Enquanto isso, se esmera em tenros e ternos detalhes. Olha o relógio na parede, agora são 9 horas e 8 minutos. Pelo horário combinado decreta-se o atraso: 9 horas. Ansiosa, dá pouca importância. O tempo aumenta junto com o álcool. Um suspiro a mais de ira lhe vem na voz. Aquele desgraçado! Sente um cheiro quente que vem da cozinha. A lasanha que sirva de adubo! Com dificuldade, arranca a rolha da segunda garrafa. Que nunca mais apareça! Pra mim você morreu, Moacyr!

A cidade é um grande leito pedregoso coberto por um rio de piche. Nela barcos negros com cascos de aço singram velozmente. Atravessar uma rua é diferente de cruzar um rio. Contudo, se repete aquela máxima, do filósofo, mudamos a cada travessia. Na urbe, as luzes mortíferas desvendam qualquer cheiro e qualquer choro. A cidade de todos, sobrevive. Morre um anônimo e ela, benevolente ou irônica, pari (num barranco ou entre macegas) outra vida.

Moacyr, nu, sai do banho. Arreganha as gengivas e confere os dentes. O bigode está bem aparado. Acompanha a linha quadrada da maçã do rosto. Lá na *boite*, que frequenta com certa assiduidade, as meninas o chamam de Charles Bronson. Pensa que não voltarão a chamá-lo assim. Agora, seu desejo é ter uma família. Cresceu pelas ruas. Muito cedo fugiu de casa e do pai bêbado. Está escrevendo uma nova história para si e para os seus. Os olhos de Joela o comoveram. Olha com admiração a caixinha preta a sua frente com um par de alianças.

Perfumoso, embarca no ventre do ônibus que o levará até a sua futura esposa. Os devaneios, no caminho,

nocauteiam o tempo. Já é hora de desembarcar. Da parada onde está, ao longe, vê a luz pálida que emana, solitária, do quarto andar do prédio escuro e antigo e pequeno em que mora Joela. O Opala-oito-canecos ébrio não percebe a distração e os olhos idílicos de Moacyr. Esquece de frear, ou mesmo parar!, sua carcaça letal, e segue seu caminho de pressa e morte. Um cão se aproxima e lambe a cor vermelha (que lembra óleo) que escorre pela perna retorcida de Moacyr.

“*Et quand vient le soir Pour qu’un ciel flamboie
Le rouge et le noir Ne s’épousent-ils pas Ne me quitte
pas Ne me quitte pas Ne me quitte pas...*”, pela quinta vez a voz embriagada de Maysa percorre o quarto de Joela. Sentada no sofá, olha merencórica para o quadro junto a seus diplomas. O que passa pela cabeça de uma pessoa quando decide pintar uma caveira em meio às frutas, se pergunta. Joela nunca ouviu falar de Cézanne. Nem nunca soube que o nome do original de seu quadro se chama *Nature Morte au Crâne*. E sabê-lo talvez pouco mudasse sua vida. O contraste de luzes ela percebe quando, ainda no ônibus, a caminho do trabalho, vê os primeiros raios de sol cortarem as sombras que se esfarelaram da noite. A vida e a morte são somente um quadro. Indissociável. Absoluto.

Sem notícia alguma de Moacyr e esperando a raiva desaguar no último copo de vinho, pede – em pensamento – que o seu homem também não a deixe só. Não me deixe, não me deixe, não me deixe. *Ne me quitte pas...*

Fernando Jesus Nogueira Catossi
- Jundiaí /SP - 1ª Menção Honrosa

Ecos de uma estrada

Não que o mundo não soubesse antes, nem que os livros não nos apontassem a toxidade do espírito humano ao longo dos séculos, mas naquela terça feira o céu cor de chumbo pairava com singular peso sobre a cidade luz. Uma luz que se esquivara indefinidamente dos olhos parisienses, mas subsistia corajosa no cenho de expressões mornas de Umberto. Sua primeira vez em solo francês era como uma brochada na noite de núpcias. Os ecos torpes do Le Bataclan retumbavam pela Rue de Rivoli e alcançavam o sorriso enigmático da Monalisa, que por sua vez olhava para o inédito vazio da ala italiana do Louvre com uma amargura que não nascera dos pincéis de Da Vinci. Excitado pela proximidade ímpar com a obra mais famosa do planeta, deixou-se abduzir pela irresponsável ousadia de estacar diante de um dos alvos mais óbvios da barbárie terrorista, quando os olhares da mídia ainda choravam seus mortos.

Seu magro orçamento de músico da noite e as poucas reservas financeiras, espremidas ao longo do ano como o bagaço farelento de uma laranja estorricada, lhe haviam proporcionado o sonho de se aventurar pelo centro nevrálgico da cultura ocidental. Um sonho que nascera do senso comum e atingira a maturidade nas páginas tempestuosas de Victor Hugo e nos compassos imprevisíveis de Chopin. Dois anjos que se desprenderam da abóbada celeste para semear a genialidade nos áridos

campos da sensibilidade humana.

Despede-se de La Gioconda com o peito em constrição de quem sabe que jamais pisará novamente aquele solo sagrado. A intimidade com o pequeno retrato, inda que exposto à distância e atrás de um vidro blindado, marca suas impressões na mente como um ferro em brasa patenteia o couro de um bovino. Segue para as instalações de Napoleão e para o luxo que nascera das conquistas sanguinolentas. Percebe, nos corredores, a veneração aos dois pilares absolutos que sustentam o acervo nas paredes e embasam a própria história da espécie humana. Guerra e religião, o eterno antagonismo que se completa tentando se aniquilar. O cálice de sangue erguido em nome do poder esteja ele no fio de uma espada ou nas letras mal lidas de um evangelho. Marcas indeléveis da escuridão que vem no encalço das gerações desde a perda de seu ingênuo primitivismo intelectual.

O soldado à porta olha atento para o nada enquanto aperta contra o peito o fuzil FAMAS de trinta cartuchos, talvez ansioso por descarregar seu medo contra algum fanático islâmico de passagem, talvez preparado demais para um mundo que já não suportava tão bem as armas. A verdade é que sua presença ali feria pelo simples fato de ser necessária. Umberto é a personificação da discricção quando cruza sua frente em direção à saída. São dias de incerteza.

A beleza de Paris sangra. As luzes da Champs Elyseés são agonizantes vagalumes perdidos numa noite fria de novembro. O Natal escorre em cascatas luminosas pelas vitrines mais caras da cidade, disfarçando a escuridão nos cenhos e nos passos apressados do contingente humano que trafega na avenida. Colarinhos altos que afugentam o frio e

os demônios invisíveis que os perseguem desde a fatídica sexta feira 13.

Umberto termina seu tour na imensa roda gigante da Place de La Concorde, que, assim como tudo mais, pisca no contraste tricolor da bandeira francesa. Ela gira com a lentidão das eras e produz nele um transe quase hipnótico. Ao longe vê a torre que se ergue como um punho fechado e furioso, soberbo e ao mesmo tempo fragilizado. Seus holofotes percorrem uma rota circular incansável e perfuram as nuvens que se acotovelam no domo cinzento. O olho de Sauron perseguindo qualquer rastro de uma nova investida contra seu império. São dias de incerteza.

O frio assevera seu afago lúgubre e a caminhada de volta até o hotel toma a rota do metrô. O subsolo da cidade luz não acompanha seu glamour nem seu apelo histórico, mas é um refúgio eficiente para almas sem rumo que vagam a esmo. Sombras de carne e osso, paridas em guerra e genocídio.

Crianças lindas de queixos trêmulos e olhares azuis. Estômagos que conheceram muito cedo o vazio da humanidade, mas que, a despeito de tudo, sentem a sorte ao seu lado, simplesmente pelos parâmetros que foram forjadas suas orações. Presenças que resistem à cáustica indiferença dos que preferem a tela de um celular. Estão todos com medo, e o medo costuma flertar com o que há de mais selvagem em nosso DNA. Regimenta a dinâmica da aceitação pelo desconhecido e blinda corações com ímpar primazia.

A pobreza e o desamparo não são novidades para Umberto ou para qualquer um que venha de países onde a desigualdade se agrega à própria história como uma praga

onipresente, mas percebe rapidamente que beleza e miséria são combinações heterogêneas em sua paleta de percepções. Homens e mulheres de traços impecáveis e modos polidos ali, sentenciados à indignidade. Vê nos imigrantes a gleba de uma cultura que ruiu sob o peso do fanatismo e de uma minoria ensandecida que destila sua natureza ofidiosa como uma serpente num aquário de ratos. Olhares onde o pranto já esgotara suas reservas, vagando pelas órbitas num insólito contemplar da realidade, caçando num deserto de compaixão algum sonho perdido no acaso.

Safia é uma das princesas sem reino que o destino quis ali. As pegadas da dor cruzam seu semblante como os relâmpagos no céu acusam a aproximação da tempestade. A manta surrada que a envolve raspa no chão viscoso da estação Place de La Concorde e faz a vez de um casulo que abriga uma linda borboleta de asas mortas. Algo que nasceu pra não voar. Os cabelos louros não se destacam na grande massa de cabeças douradas que aguardam a chegada do próximo trem, mas refletem como um farol aos olhos de Umberto. Ele se atém a ela num magnetismo inexplicável, enquanto desvenda o funcionamento de uma das muitas máquinas de junk food espalhadas pelo corredor. Ela caminha lentamente em sua direção, ziguezagueando e observando com furtiva discrição os compartimentos de lixo em busca de, talvez, algo que emudeça os sons desagradáveis em sua barriga. Roncos que fogem de seu controle e a constroem sobremaneira.

Por duas vezes cruzam olhares. Ela mordisca o lábio inferior enquanto busca seu tesouro de criança faminta. Ele luta contra um estrangulamento interno que embarga suas ideias. Dois mundos tão distintos se aproximam, como se

de repente a vida fosse uma equação de números inquestionáveis. Umberto não consegue relevar a angústia que engessa suas pernas. Nega-se a aceitar o acaso como enredo para estar ali naquele momento e reage ao encontro com um ligeiro sorriso. Safia percebe a acolhida sutil e finge se ater à maquina de doces, enquanto vislumbra na visão periférica o estranho simpático aproximando-se e ficando de joelhos.

— Bonsoir ma chérie. Quel est votre nom?

O mutismo da jovem síria denuncia seu desconhecimento do idioma, ao mesmo tempo em que um sorriso alinhava-se em seus finos lábios como um cartão de boas vindas universal.

— Faim? – Dessa vez a mão espalmada na barriga não deixava margem para interpretações.

— Oui. – Respondeu a pequena, num fiapo tímido de voz.

Umberto apontava para as opções coloridas na vitrine e sentiu-se subitamente cativo do antagonismo que disputava seu peito. Se fosse possível garimpar tristeza na própria felicidade, era como definiria o entusiasmo da pequena síria escolhendo sua janta da noite. Naquele instante um hiato se interpunha entre os traumas do passado e a noite gelada que a esperava nas ruas, florescendo nos lábios inocentes a primavera de um sorriso. Algo poderoso o suficiente para desarmar corações desprevenidos e salvar da indiferença quem nela se atolava. Na fragilidade aparente daquele rosto, que o vento frio tingira em tons rosáceos, um regozijo havia, capaz de comportar em si a vacina para a humanidade.

Tão logo se viu com seus biscoitos em mãos, correu

para longe, deixando que a cena agradecesse por si só a gentileza do estrangeiro benfeitor. As passadas trôpegas se desvencilhavam com dificuldade da manta encardida e da euforia que a tomara sob seu jugo. Sumiu entre as pernas que aguardavam a chegada do trem, como um coelho que se embrenha numa floresta de eucaliptos. Umberto administrava o vazio que subitamente o enlaçou, trazendo a tempestade pra dentro de seus olhos. Recebeu tudo de quem nada tinha, e isso apenas lhe custou um pacote de biscoitos. Safia era a força da vida que resiste ao soco mais forte. A luz de uma vela quando as noites asseveram sua escuridão. Era o chamado divino para que os valores humanos fossem postos em ordem de importância, mesmo quando as armas em punho ainda cantassem hinos irascíveis. Era a virtude angelical que germina quando arada em compaixão. A resposta pra muitos porquês que nos chegam como farpas sob as unhas quando a insônia nos acusa de culpas inconfessáveis. O perdão pelo descaso com a dor quando esta não aponta em nossa direção.

Logo estava novamente a caminho do hotel na velocidade elétrica da serpente de metal. A voz feminina nos falantes fala em tom gentil que a estação St. Paul se aproxima e que a descida é pela lateral direita.

As portas se abrem para um novo horizonte a ser percebido e o frio já não mais incomodava como outrora.

José Wilson Oliveira Fntinele - Rio de Janeiro / RJ
- 2ª Menção Honrosa

Teatro das Câmaras

Naquele jantar, dispensaram a salada. Estavam sem tempo ou sem palavras um com o outro. Pediram lagosta com vieras Sant Jacques de prato principal e Chardomay para harmonizar o paladar marítimo. Garçon longe, ela observou a decoração do restaurante sem far comentários. O lustre pedia algum adjetivo, mas ela permanecia quieta, por vezes retraindo os braços junto ao corpo. Ele buscou a taça de água como quem pretende começar algum assunto, mas não soube qual. Ambos sorriam azedos, apenas minimamente confortáveis, enquanto o prato não era servido.

Alguns minutos de insônia, ele resolveu ousar: estendeu a mão à mesa e a deixou aberta como quem chama a parceira ao salão. Ela observou os dedos dele esperando, encostou o cotovelo na mesa, algo não orientado pela etiqueta, e deitou o braço a poucos centímetros do acompanhante. Ele sorriu com sinceridade. “Algo a preocupa?” Ela fez um movimento negativo curto e rápido com a cabeça e pequenas ondas deslizaram no cabelo escorrido “É só que...” Antes dela administrar a resposta, o garçom reapareceu com o Chardonnay e os serviu sem som algum. “*Bon appetit*”. Recomendou ao final. Eles olharam as taças e mecanicamente encaminharam um brinde. “Saúde Amor”. Ela repetiu as palavras sorrindo com covinhas nos cantos do rosto e as taças se tocaram discretamente, como também desconhecidas. “Mas você dizia...” Ele recomeçou o assunto. “Bem”... “Produção, isso

é água? Que absurdo!”

— Corta!

“Água numa garrafa de Chardonnay? Que falta de respeito!”

As câmeras próxima ao casal, registrando a cena, se afastaram do cenário e logo um homem careca de pouco mais de trinta anos, vestido à esportiva, levantou da cadeira negra com a inscrição “ Diretor” em letras brancas.

— Mas o que esta acontecendo com minha cena? Rogério , foi você?

“Meu nome artístico é Rafael Del Toro. Tenha um pouco de profissionalismo, homem.”

— Del Toro, desculpe que houve de errado? A cena estava perfeita, o som a iluminação...

“Mas o Chardonnay é falso. É água pura. Isso é um desrespeito com o vinho com o filme e o ofício de ator.”

— É claro que é falso, estamos em horário de trabalho e a cena é difícil. Não podemos embriagá-los.

“Cada elemento cênico transfere vivacidade ao ator, e justamente por essa cena exigir uma carga dramática pesada, o Chardonnay tinha que ser autêntico, Já não basta esse cenário em chroma key todo verde sem nenhuma alma? Por Deus, isso aqui é uma cena interna de restaurante e nenhum quis oferecer espaço ao filme?”

— Carmem o que aconteceu com a locação do restaurante?

— Diretor, a verba era insuficiente e fomos pressionados pela produtora utilizar complemento digital nesta cena. E sobre os figurantes, o cachê dos atores minimizou o elenco de apoio. Só deu para manter o Ananias.

— Ananias, Carmem?

— O garçom.

Recostado à direita da cena, próximo a câmera dois, o figurante levantou a mão devagar, envergonhado, por todos os olhares no set de filmagem.

“Olá, diretor, aqui é Laura, aqui ó. Detesto parecer mal-educada ou inconveniente, mas eu tenho que concordar com meu colega de profissão. O cenário chroma key não ajuda na experiência de imersão do personagem e a água no Chardonnay é coisa que dificulta a interpretação.”

“Não disse? Aliás, adorei a sua atuação na novela das sete admiro o seu profissionalismo por ter feito aquele comercial de creme de cabelos.”

“Obrigada. Foi o que disse ao meu agente, alguns atores recusam comerciais para não serem subestimados pelo público e outros colegas, mas uma é demonstração de profissionalismo, não é? Comercial também requer preparação, ensaio...”

— Oi, diretor aqui chamando atenção, vamos voltar ao trabalho? A Carmem me colocou a para da situação. Del Toro? Laura? Vocês estão sendo pagos, não estão? Correto, Carmem?

A assistente fez que sim com a cabeça e em seguida apertou o ponto de comunicação preso na orelha para dizer alguma coisa.

— Então não vai ter Chardonnay autêntico. É água. Aqui também é puro profissionalismo e não podemos dar álcool no trabalho.

“Mas soa quase oito da noite e é a última cena do dia.

— Del Toro, quem é o diretor aqui? O senhor foi contratado e deve acatar as decisões do diretor responsável, no caso, eu mesmo.

“Corta!”

— Corta? Quem disse isso?

“Aqui em cima.” Os atores olharam para o teto e logo uma cadeira branca com a inscrição “Diretor” em preto descia presa por dois cabos de aço ao chão do estúdio. A figura do outro homem surgiu devagar; primeiro o mocassins marrons com linhas vermelhas, a calça de sarja bege, o paletó preto encobrimdo uma camisa branca sem qualquer palavra ou imagem. Na cabeça, uma boina sufocava os cabelos ralos, e nas mãos um megafone.

“Finalmente no solo”. O outro diretor pousou os pés no chão do estúdio e ultrapassou as câmeras e os câmeras.

“Vamos começar do zero com Chardonnay autêntico.”

— Quem é você?

“Eu sou o diretor!” As pessoas ao redor tampavam os ouvidos às pressas quando ele erguia o megafone.

— Impossível, e sou o diretor. E tenha respeito, abaixe esse megafone.

“Errado”. Você é um diretor em teste, eu o supervisiono de cima. Vê que desci naquela cadeira? Enxerga meu megafone?

Não aguardou a resposta do primeiro diretor.

“Agora, produção, vamos providenciar o Chardonnay autêntico, estou de acordo com a sugestão dos atores: a cena exige álcool. Isto é um drama para adulto, não uma comédia teen. Água é para adolescente. Daí aos atores o que é dos atores.”

Del Toro e Laura mudaram a fisionomia, de surpresa para felicidade. Ambos aplaudiam a deliberação do novo diretor e estenderam sorrisos satisfeitos.

O primeiro diretor fez um movimento de cortar o ar para que as palmas cessassem. O *script* pendia esquecido na mão direita.

— Produção, a última palavra aqui é minha. Eu não sei que é o senhor ou como entrou aqui, mas acredito que a comédia de onde fugiu é do outro lado da cidade, perto do asilo para ser mais claro.

O segundo diretor fez gesto de apontar o megafone na boca e os outros trataram rapidamente de colocar as mãos nos ouvidos, Contudo, o homem mudou de ideia. Fora apenas uma ameaça.

“Muito cuidado com as suas palavras, rapaz. Te contratamos, modestamente é claro, para que adquira experiência fora da academia, mas quando comete um erro de direção com os atores que maneja, sou eu quem limpa a sujeira. Ou você acha realmente que alguém recém chegado ao mercado já começa assinando como diretor de um longa financiado por mais de dez empresas?”

O primeiro diretor engoliu as palavras com receio de tudo ser verdade. Deitou o script na cadeira e buscou na memória as poucas reuniões em que estiveram presentes os mandatários da produtora.

“Entenda como um estágio supervisionado. Toda a empresa tem isso, aqui na seria diferente. Apenas não o avisamos.”

O outro homem, desolado, sentou-se na cadeira por cima do roteiro e buscou a garrafa de água mineral pela metade que sua assistente providenciara. Imediatamente olhou para mulher.

— Você sabia disso Carmem?

A assistente fez que sim com um gesto mínimo,

cruzou os braços e sorriu desajeitada sem mostrar os dentes. O homem levou as mãos à cabeça.

“Que bom que entendeu”. Produção, o Chardonnay, onde está?”

— Oi, por favor, Laura aqui. Queria agradecer imensamente por ter ouvido o nosso apelo, e se me permite outra sugestão eu não quero parecer muito vaidosa ou egoísta, mas essa a luz amarela do estúdio esta derretendo meu o rosto. Poderia mandar a maquiadora subir, por favor?

“Maquiadora atenda a moça”.

Imediatamente uma mulher com sinto de cosméticos, pinceis e maquiagens diversas, subiu ao restaurante improvisado de *Chroma key*.

— Eu gostaria de um retoque depois, por favor. _ Pediu Del Toro com o dedo em riste.

A maquiadora reforçava a maquiagem com movimentos circulares e retos nas maçãs de Laura. Vez ou outra colocava mais intensidade nas pinceladas e as pernas, metidas na calça de yogue preta, gingavam guiadas pelo esforço dos braços. Qualquer um que observasse, e eram muitos, dizia que ela rebolava enquanto cumpria a tarefa.

O novo diretor admirou acena. Ai veio o Chardonnay .

“O quê? ãh? O vinho? Terminou maquiadora? Pensando bem, faça o seu trabalho sem pressa Ananias, homem.” E com o megafone ligado:” Ananias, apareça.”

O figurante cerrou o hipnotismo e andou rápido até o diretor.

“A cena vai continuar a partir do memento em que você serve o casal. Entendido?”

Com o megafone: “maquiadora? Som? Carmem?”

Todos responderam de forma positiva ao novo diretor e voltaram aos seus postos atrás das câmeras.

Com o megafone: “Câmeras? Claquete? Do momento que o garçom serve o vinho. De uma tacada só. Texto? Ok! Del Toro! Laura!” Os atores murmuravam curtos exercícios de dicção entrelaçados com as frases do *script*, em seguida fizeram sinal de positivo ao diretor. Ambos se desejaram boa sorte com um toque suave de mãos sobre a mesa.

Com megafone: “Vamos fazer cinema”!

— Como é?

Com o megafone: ‘Quem perguntou? E como logo reconheceu que a pergunta viera do diretor em teste, abaixo o megafone.

“Desculpe, o que perguntou?”

— Você ouviu exatamente o que eu perguntei.

“Olha, garoto, mais respeito.”

— Você esta insinuando que o que eu fazia não era cinema? Só você sabe fazer cinema? É isso que esta insinuando? Dar álcool aos atores é saudável à sétima arte.

“Eu não quero ameaçar, mas eu te disse que aqui como um estágio supervisionado, não disse?”

Os dois diretores trocavam intimidações e toda a produção parou. Os atores tentavam enxergar a discussão por trás das câmeras, e , como apenas Del Toro conseguia, Laura fez o sinal pata maquiadora subir ao cenário novamente. Ananias permanecia ereto à esquerda aguardando o sinal de entrada.

— Estágio uma ova. Não há esta clausula no meu contrato. Eu reli os papeis pelo celular e não existe qualquer menção à supervisão direta. Sabe isso significa?

“Que você esta me chamando de mentiroso.”

— Que o meu responsável direto é apenas o produtor executivo da empresa . Quanto a sua resposta, se a carapuça serviu.

— Oi, Oi, Laura aqui de novo. - As câmeras se afastaram até que os acenos da atriz de braço esguio fossem vistos pelos diretores. A maquiadora descia do cenário. - Eu não quero parecer rude de novo ou insensível, mas essa discussão será longa? Estamos cansados, trabalhando desde as dez da manhã. E agora oito da noite tenho tratamento de pele. Poderiam se decidir, por favor?

— Eu tenho que concordar com minha parceira. Quem, afinal, vai nos dirigir? Não fomos informados de dois diretores, mas o estilo arrojado dos donos dos mocassins me fascinou. Repetindo as palavras dele, água é para adolescentes.

Todos os rostos encontraram os dois diretores. À exceção de Ananias repetindo “Bon apetit” para ele mesmo, o silencio varria o estúdio.

— Ei, vocês dois, profissionalismo significa guardar ordens também.

“Mas que crápula, uma falta de respeito...”

Com o megafone: “Silêncio.”

Sem o megafone: “Cuidado com as palavras, garoto”.
Você é um diretor Junior, Entendeu? Diretor Junior.

— Junior? Não. Meu nome é Eduardo. Diretor Eduardo Vila Novas.

— Corta? CORTA?

O agudo metálico reverberou pelo estúdio e todos se protegeram como atingidos por um raio invisível.

— *Mas que é isso comédia no meu drama?*

Todos procuravam a fonte do som sem sucesso. A voz preencha o estúdio em todos os cantos e a incógnita os assombrava. Os câmeras apontavam para o próprio crânio como quem afirma que o som era uma transmissão direta para dentro da cabeça deles.

— Quem esta falando.

Sem o megafone: “Quem esta falando?”

Com o megafone: “Quem esta falando?”

— *Você acha que vai sair impune por soltar uma piada no meu drama. Você é um diretor Junior, Eduardo. O homem ao seu lado é o diretor de supervisão, mas aqui é o diretor-dono-dessa-porra-toda. Você esta demitido.*

Esechias Araújo Lima - Vitória da Conquista /BA
- 3ª Menção Honrosa

Benjamim Beija-Mão

Benjamim Beija-mão morava num barraco. Tinha olhos de sono, jeito de peregrino, alheamento de quem procura diamante solto da garra e perdido em formigueiro de monturo. Madrugador, ia buscar as manhãs ainda no colo do horizonte, bem antes de a passarada alvorecer.

Fazia uma via-crúcis diária pelas vielas de Cachoeira das Araras. Era este o nome daquele lugarejo, ao sopé de uma serra resplandecente, dizem que de ouro e diamantes, e em cujos arredores as araras se algazarravam em sonoros gritos, tingindo o azul do céu de cores brilhantes e várias.

A meninada do lugarejo não dava sossego a Benjamim, aos gritos como bandos de aves humanas, dentro das suas molequices:

— Bejamim Bejamão, beija meu pé que eu te dou um tostão.

Benjamim... Benjamim...ben... esse “n” nariz adentro, é coisa de seu Libarino do armazém, que, com seu jeito parrudo de astuciar nomes, um dia emendara: - Bejamim não; o nome certo é Ben-ja-mim, soletrava. Vira assim escrito no Almanaque do Pensamento, que Nezinho da farmácia lhe dera de Natal. Mas a molecada e demais no arraial o chamavam mesmo era de Bejamim, seguido do epíteto.

Repetiam à exaustão:

— Bejamim Beija-mão, beija meu pé que eu te dou um tostão.

Benjamim fazia cara de bravo, desenhava imprecações na boca larga, resmungava um tiquinho, ameaçava catar uma pedra para lhes atirar, mas, acostumado àquilo há muito tempo, seguia nos seus afazeres diários: capinar quintal e beira de calçadas, carregar lenha para fogão, dar recado, estalar a língua no gosto do café – quando lho davam – e mesurar – claro! – quem lhe deixasse beijar a mão.

Benjamim chegara ali em Cachoeira das Araras já fazia quase 20 anos. Tinha um jeito peregrino, um olhar de lonjuras, de quem esquadrinha memória, ou busca, em si, um liame que o levasse à sua origem, até para ele desconhecida. Afinal, quem não tem origem não se estabelece, diz, com ares de filósofo, seu Libarino.

E por falar em seu Libarino, consta que é espichado na ganância e franzino na piedade. Tudo tem de ser à luz da moeda. Vez em quando, vai a Riachão das Arancoãs, centro comercial da região, para fazer compras, saber das novidades do mundo, tomar novos ares.

Diuturnamente, à tarde, na mesinha colocada estrategicamente na parte externa daquele estabelecimento, reúnem-se os homens para pitar e jogar fora um punhado de prosa. Aquilo era como que um jornal, uma estação de TV. Por ali, passam todas as notícias do lugarejo. Da moça que fugiu pela calada da noite, ao filho do dentista que veio se desintoxicar da cidade grande e outros vícios. Enfim, o que não se discute naquele espaço não existe de fato.

Bem... Foi também ali em que se discutiu muito sobre Benjamim. Não se sabe se por uma certa diferença

que guardava entre os andarilhos comuns que passavam pela rodagem (como era chamada estrada por aquelas bandas), não se sabe se por outra razão, o certo é que o maluquinho que falava palavras estranhas e compridas dominou, um bom pedaço de tempo, as conversas dos frequentadores do empório.

Benjamim chegou do nada e incorporou-se à paisagem do arruado como uma árvore, um velho platibanda, uma pedra tomada de musgo. No início, foi um Deus nos acuda. Quem era o intruso que se atrevia a quebrar a rotina milenar daquelas paragens tão calmas, onde se dormia de portas e janelas abertas, e todo mundo se conhecia e não havia um grão de temor? Sem dúvida, que até se acostumarem àquele homem alto, porte de cavaleiro, barba desgrenhada, rosto desfigurado – sabe-se lá por quê – foi um bom tempo. Mas todos se acostumaram, e o certo é que Benjamim já é patrimônio do lugar. Ninguém mexe com ele, tampouco ele com ninguém.

Um dia, numa incursão que a polícia fazia pelos lugarejos e fazendas da região para apurar um crime, Benjamim foi inquirido por um policial. Segurou-o pelo braço e começou uma revista. Pediu documento, quis saber de pormenores, ao que Benjamim ficou parado, sem entender muito... Chegou até a se agitar. Foi quando os homens do lugarejo se acercaram e pediram que o soltasse, pois era inofensivo e já fazia parte dali como árvore.

Benjamim voltou para o rancho e, naquele dia, não trabalhou mais. O rancho que era sua fortaleza inexpugnável. Feito de varas, tinha papelões por parede e coberto por uma lona velha e semirrotas, por onde o céu filtrava gotas de estrelas e luar, quando era noite de lua - claro! Ali, estava

seu mais íntimo território, sua porção uterina, seu sacrossanto refúgio, imune a curiosos e bisbilhoteiros. A bem da verdade, ninguém, exceto Damião, um menino de uns 10 anos, adentrou, até então, aquele espaço. Resistia a todas investidas da curiosidade daquele povo aquela fortaleza de duvidosas acomodações. Só Damião – não se sabe por quê – tinha a bênção de Benjamim, gozava desse privilégio, ainda assim quando por lá estivesse.

A mãe de Damião, viúva pobre e muito recatada, sempre estranhou aquela amizade, mas até a bendisse. Não era que Damião, do nada, pegou a ler tudo que era papel que via com escritos? Ora, para alguém, cuja família - até onde se lembra - não registrava uma pessoa sequer que soubesse ler... O certo é que ninguém tinha qualquer dúvida de que Damião aprendera “a leitura” com ele, o maluco do Benjamim. Vez por outra, o menino até danava a falar alto umas palavras que ninguém entendia, mas jurava que era a mais fina flor da Li-te-ra-tu-ra. Êta nomezinho terrível e carregado de segredos. Era assim que Damião dizia.

Bem... vez por outra, Benjamim parava no meio do que estava fazendo, lançava para o horizonte um olhar de colheita, de quem esquadrinha o passado, de quem atira uma rede na lâmina d’água para buscar o peixe entocado. Que segredo Benjamim escondia? Quem teria o condão de adivinhar? No meio daquele transe em que se mesclavam nomes desconhecidos de todo mundo, Benjamim se alheava da realidade, saía literalmente do ar, a ponto de, um dia, cair em tremores convulsivos. O segredo de Benjamim – se é que havia, óbvio que sim – até então ninguém desvelara.

— Benjamim, o meloso brotou de novo. Também você não arrancou a raiz!

— Capim é que nem “mundiça”, sinhá; não sossega: medra, medra, medra.

— Essa lenha tá verde, Benjamim; não vai dar fogo!

— Que o quê, sinhá! Ela chora um bocadinho, mas pega.

Seu Libarino do “Armazém Barateiro” vivia jurando que, um dia, ele ainda descobriria de onde surgiu Benjamim, de que norte teria vindo aquele homenzarrão que, nos antes, dava aparência de “gente de bem”. Tinha, inclusive, um paletó de casimira, com que chegou vestido, que, com jeito e uns tostões, acabou lhe “comprando”.

— Gostou, seu Libarino, pode ficar pro senhor. Depois ela me dá outro.

Esse “ela”, frequentemente repetido, ninguém sabia de quem se tratava. Se tivesse sem comida, não haveria de ser nada: “ela” lhe arranjaria. Se adoecesse, não se preocupassem: “ela” lhe traria o remédio certo e estaria à cabeceira até que ele recobrasse a saúde.

Um dia, com certeza, ele levantaria esse lençol que velava a história de vida de Benjamim, garantia seu Libarino. Ah, se iria... Repetia isso para si e para quem quisesse ouvir. Essa certeza trazia consigo, seguia-o como uma cicatriz, uma sequela.

— Seu Libarino, tá ouvindo o que eu disse? Pode ficar pro senhor. É seu. Eu não vou precisar mesmo...

— Nada, Benjamim, toma aqui este dinheirinho. Gosto de tudo meu muito bem tratado, sem explorar de ninguém.

— Pra que eu quero dinheiro, seu Libarino. Pode me dar em querosene, pão...

Era tudo que o dono do empório queria ouvir. Tirar um centavo do bolso era uma tortura inimaginável. Na verdade, nem precisava pagar – pensava. Mas como era um homem muito honesto...

Um dia, seu Libarino esteve prestes a descobrir. Esteve ali, bem pertinho. Era já tardinha, quando Benjamim chegou até ele. Sem lua, a noite prometia ser de um negror sem-fim. Benjamim estava naqueles dias de conversar muito, falar, gesticular, retirar da cabeça restos de cenas acomodadas há anos sem dar a luz da graça. Começou a falar de uma mulher importante, cheia de riquezas e bondades, senhora de uma região. A referida mulher, pelo entusiasmo mesclado de ternura com que descrevia, deveria ser sua musa, namorada, esposa, sabe-se lá quem. Era tudo que Libarino sempre esperou para dar o bote.

— Vamos, Benjamim, fale o nome dela. Deve ser nome de princesa. Puxe pela cabeça, homem. Vamos lá, que tudo vai ficar muito claro. O nome? Maria, Adelaide, Rosa, Tereza?

Benjamim batia na cabeça como se quisesse chacoalhar os pedaços de sílabas soltas no entrançado dos neurônios. Misturava sons guturais e desconexos a gestos, como se buscasse, no ar, alguma palavra. Nada. As palavras não vinham. Uma densa cortina as protegia ou sonegava do dono da voz e dos interlocutores o direito de ouvir, em alto e bom som, o que talvez fosse um roteiro, uma pista, um...

O velho olhou bem pra Benjamim, tocou-lhe o ombro, cercou-o e fê-lo se sentir bem seguro. Que ele pudesse levar bolachas, querosene, pão, o que quisesse. Pagaria com serviços, quando fosse possível. O quintal andava cheio de gramíneas, sem tempo que ele estava de

campinar. Precisava que o limpasse. Parou. Pigarreou. Que tinha uma curiosidade, fez suspense. Que papéis mesmo guardava em casa. Que nomes ficaram estancados ali nos lábios prontos para saltar à luz da conversa? Onde estavam seu passado e todos os seus parentes?

O pobre Benjamim fez um gesto de lhe beijar a mão, ao que foi rechaçado por seu Libarino, que a encolheu, não sem uma clara reprovação. Mas não deixou de tentar, mais uma vez, trazer à tona o que tanto lhe instigava a curiosidade. “E então, Benjamim?” Colocasse os miolos para funcionar. Se pudesse puxar um fio da meada todo o resto era consequência. Fluiria como pedras de dominó enfileiradas após se derrubar a primeira. Certo é que atinaria com sua história. Quanto à recorrência de uma mulher na sua vida, expresso no “ela vai me salvar”, “ela vai...” quem seria?

Benjamim tentou mais uma vez lembrar-se. Mas era densa a cortina que separava o consciente daquilo que se enfundara no mais profundo da inconsciência. Saíram umas palavras, mas sem qualquer nexos.

— Ela vem me buscar, tenho certeza. Ela vai trazer muitos... muitos... Ai minha cabeça. Não posso, não consigo, eu...

Saiu numa carreira desabalada. Não levou pão, nem bolachas. Mas deixou a curiosidade de seu Libarino pendurada no começo de noite de Cachoeira das Araras.

O dono do empório voltou a arrumar as prateleiras e se preparar para fechar o ponto, posto que a noite já se insinuava na corrida das aves para os ninhos e nas sombras que esmaeciam o azul.

O dia seguinte já se inaugurava com a meninada solta na poeira das ruas e sob os mangueirais lampejando

róseos pela copa bordada de frutos maduros.

Seu Libarino não desistia do intento. Quando não havia freguês, até que dava um dedinho de prosa com Benjamim. Oferecia-lhe um café amargo e morno e perdia horas a ouvir as, segundo ele, “papagaiadas” do maluco. Um dia, como gostava muito de cordel, parou admirado pois Benjamim danou a recitar um que ele jurava que era um “martelo”, versos de 10 sílabas com estrofes de 10 versos de rimas emparelhadas.

— Sei muito mais, seu Libarino, é que a cabeça anda fraca. Tenho que buscar lá no fundo para trazer alguma coisa pra fora. Mas às vezes vêm aos borbotões e inunda tudo. Palavra é bicho matreiro, seu Libarino, só vêm quando a gente nem precisa mais delas. Na calada da noite, lá no meu palácio, elas saltam por cima de mim, arreliam de um jeito e até me fazem careta.. Mas...

O homem do armazém parava tudo e tentava tirar de Benjamim uma pista que fosse para deslindar seu destino. Benjamim bem que se esforçava. Ficava um tempo como que cutucando passado, remexendo memória, mas, como dizia bem, esbarrava num vazio de agoniar qualquer “filho de Deus”.

— Oi, seu Libarino, se eu continuar, parece que vou tombando, tombando até tudo escurecer nas minhas vistas. Se insistir, caio. Parece que tudo está rolando, rolando por um abismo com trincar de vidro quebrando dentro da cabeça.

— Tá bom, Benjamim, mas gostei muito da sua fala. Como é mesmo o negócio do cordel?

Benjamim se empertigava, olhava de uma forma teatral, impostava a voz um tanto rouca e disparava:

— “As armas e os barões assinalados. Que da ocidental praia Lusitana”...

Parava um pouco como a buscar luz, ar, ou sabe-se lá o quê. Suspirava:

— Oh, Taprobana... Oh, Taprobana. Oh, Taprobana! Saía repetindo já num começo de surto.

Seu Libarino, mesmo dentro de olhos cheios de cifras e de ganância, tinha um segundo de compaixão daquele homem que, não sabia muito bem, lhe parecia que foi alguém importante. Ora que bobagem... pensou.

Parou tudo porque uma mão havia espalmado no balcão o anúncio de que ali estava. A pancada forte o trouxe de volta à realidade.

Era o representante de uma marca vendida no seu armazém.

O homem, em tom de brincadeira, mas com uma velada admoestação, pergunto-lhe se aquelas eram horas para seu Libarino estar dormindo, ou a sonhar com alguém, o que parecia, importante, tal era o estado de êxtase, pois havia chegado e ele não lhe dera qualquer atenção.

O dono do empório pediu desculpas ao representante e prontificou-se a fazer mais uma compra. Não é que a mercadoria tinha saído que nem água. Queria o dobro de caixas.

Fizeram os pedidos, acertaram preços e entabularam uma conversa mais amena, coisa de vendedor para agradar clientes.

No fim do papo, seu Libarino disse a Nicodemos – era esse o nome do representante – que aquele dia foi

diferente. Há pouco tempo, estava com Benjamim a escarafunchar segredos...

Nicodemos interrompe com uma pergunta.

— O senhor se refere àquele maluquinho que beija a mão de todo mundo, não é?

— Ele mesmo. Responde. Mais uma vez, é interrompido.

— Não é que um dia ele beijou minha mão. Ficou me olhando assim de um jeito...

Nicodemos disse que ficou tão impressionado com aquele olhar, que, ao chegar em Riachão das Aracoãs, onde mora sua família – esposa, filhos, mãe – teve que relatar a experiência.

— Sabe, seu Libarino, fiquei a matutar sobre a vida.

Eis que chega um freguês, pede determinada mercadoria, paga e sai debaixo da sulina que parava o ar e o cenário.

Retomando a conversa, Nicodemos pigarreou, olhou para os longes da serra, chegou-se mais perto do dono do empório e, em modos de confiança, contou uma história comprida... algo que chamou a atenção do interlocutor e o fez esquecer, por instantes, os negócios. Disse que perdeu um irmão num acidente há muito tempo. Sua mãe, com a morte do filho, perdera o gosto pela vida. Andou com banzeira e repetia uma busca que durou por cerca de 15 anos até descobrir que a procura era inútil, pois... Parou de falar, marejou uma pequena lágrima, retomou, meio reticente, a conversa como se estivesse sozinho. Desculpou-se pela ausência de atenção. Mas acabou continuando. Sua mãe havia perdido este seu irmão que, se vivo fosse, poderia ter pouco menos que a idade desse maluquinho. E olha que

muito tempo depois é que a família ficou sabendo de uma ossada pelos arredores do local do acidente.

Contou ao dono do armazém que seu irmão era muito inteligente, estudou na capital, falava francês, conheceu a Europa.

Não atinava bem por que estava a esmiuçar a vida para aquele quitandeiro, ou melhor dono de empório, que deixou tudo para escutá-lo. Mostrou-lhe a foto da sua mãe, que agora, dizia, está muito envelhecida, por conta da saudade e de tanto tempo de luto.

Informou que era quase 20 anos mais novo que o irmão morto, mas lembra ainda do dia em que acharam o carro todo queimado, restos de livros espalhados pelas margens do rio. Disse a seu Libarino que o irmão surtou, pegou o carro da família e saiu em disparada. Claro, não conseguiu fazer a curva e caiu na ribanceira. Garantiu que sua mãe ainda procurou por mais de 10 anos o corpo ou o irmão vivo. Sabe como é mãe, sobra sempre uma ilusão a que se agarrar para acender um laivo que seja de esperança.

Em intervalos havidos para respiração do interlocutor, seu Libarino só se manifestava com um “meus sentimentos”, “coitada da sua mãe”, “será que não resta mesmo esperança?” e assim por diante.

Que não havia, informou Nicodemos. A família havia reconhecido o corpo e feito os funerais com a honra que o morto merecia. Inclusive com efusivo discurso do prefeito de Riachão das Aracuãs e um telegrama do governador.

Nicodemos agradeceu a seu Libarino a atenção dedicada, prometeu que voltaria, como fazia sempre em começo de mês. Desejou-lhe bons negócios e partiu.

O lugarejo tocou seu resto de tarde entre o

anonimato de ruas poeirentas, um canto de arara lá pelos lados da cachoeira e bagos de suor porejando frentes e sovacos. Era sempre assim aquela monotonia de recanto de mundo. Nada de novo, a não ser um automóvel que passava em solavancos pela estrada, o padre que vinha fazer um batizado ou dar extrema-unção a alguém, parentes que vinham de São Paulo para visitas e, vez por outra, um viajor que seguia a estrada de chão batido rumo a não se sabe onde.

Novo mês chegado, novas expectativas e continuava o vilarejo nas suas reticências, numa modorra rotineira.

Seu Libarino viu quando o carro de Nicodemos passou em frente à pequena capela e veio parar à porta do seu armazém.

O homem saltou. Dirigiu-se ao balcão à espera das costumeiras saudações do dono do estabelecimento e suas medidas de café requentado.

A menina brincava com uma bola de meia recheada com algodão, no meio da praça descalça e empoeirada. Um papagaio gritava “gooooooooool” com imitação de locutor de TV. Tudo caminhava para o prosaísmo de sempre. Nada de novo, nada que tirasse o marasmo daquele lugar encravado numa esquina de mundo.

De bonito mesmo havia a paisagem. Uma cachoeira de cartão postal. Sobrevoos de araras conversando com o dia em gritos estalantes de metal.

Nicodemos tirou da pasta alguns papéis com relação de mercadorias. Mostrava animado a seu Libarino que gesticulava em pechinchas. O representante falou que esteve na capital e que lá só se falava daquele produto.

De repente, chega Damião, branco como uma ceira, ofegante como um fole. Acercou-se de seu Libarino com

— Virge, Maria, Seu Libarino! Uma tragédia! Bejamim... Parece que Bejamim morreu.

Como é que ele sabia, perguntou seu Libarino, ao tempo em que cerrava a porta de ferro do estabelecimento e pedia que Nicodemos fosse com ele até o rancho de Benjamim, ao que foi atendido de pronto.

Durante o transcurso, Damião limpou uma lágrima nas costas da mão e, tremendo como vara verde, despejou um monte de informações. Desembestou a falar, a contar o que vira. Que ele chegou cedo à porta do barraco, gritou por Benjamim, insistiu, mas que o silêncio continuava. Empurrou o papelão que fechava a entrada e viu o amigo caído perto do catre. Tinha uma das mãos fechadas e a outra sobre o peito. Parece que da boca saía um filete de sangue, ou alguma coisa que não sabia bem identificar. O menino entrou em soluços e só sabia dizer “coitado!”, “será que morreu mesmo?”, “vai fazer falta”, “quem, seu Libarino, vai capinar como ele? “Quem vai me apresentar aquelas escritas tão bonitas?”.

Não deu tempo concluir a conversa, pois já estavam no rancho. Entraram.

Era interessante como é que Benjamim cobria suas paredes de papelão com folhas de livros com linhas inteiras sublinhadas, coisa de quem havia lido mesmo. E eram poemas. Nicodemos constatou tratar-se de Neruda, Quintana, Homero... Mas como cabia, num rancho de maluco, tanta preciosidade? Alguma coisa, que não entendia muito bem, havia ali. Nicodemos lembrou a frase filosófica do filme sobre as ceguinhas de Campina Grande: “-A pessoa é para o que nasce”.

Aproximou-se do cadáver, olhou-o profundamente.

O rosto, desfigurado por cicatrizes antigas, estava sereno, com um quase sorriso nos lábios, perceptivelmente tomados de calos de tanto beijar. Viu que, da mão direita, pendia um cordão de ouro e, nele, um pingente. Seu Libarino acendeu olhos de cobiça pro lado do ouro. Nicodemos abriu o pingente. Empalideceu. Encostou-se ao tronco da árvore que servia de cumeeira para o rancho. Dentro da joia, a foto da sua mãe estava amarelada, suja de suor, mas ele a reconhecia. Foi tudo que ficou de lucidez e saudades na vida de Benjamim, cujo nome verdadeiro era...

Desse dia em diante, as mãos ficaram um tanto viúvas e os estalos de beijo minguaram pelas vielas empoeiradas e tortas de Cachoeira das Araras.

**XL CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA, CRÔNICA E CONTO

41ª Edição

**Santa Maria/RS
2018**

137

XLI CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA
Edição 2018

Jorge Cladistone Pozzobom
Prefeito Municipal de Santa Maria

Sergio Cechin
Vice-prefeito

Alexandre Pinzon Vargas
Presidente da Câmara de Vereadores de Santa Maria

Marta Zanella
Secretaria de Município de Cultura Esporte e Lazer

Márcia E. Teston
Secretária Adjunta da Secretaria de Município de Cultura
Esporte e Lazer

Cassio Corbellini
Superintendente da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora do Concurso Literário Felipe D'Oliveira

João Carlos Lima - Fabricio da Silva - Gustavo Lau
Druzian - Tania Regina S. Bomachar
Equipe

Participaram do XLI CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA – edição 2018 - 18 Estados e o Distrito
Federal - RS,SC,PR,SP,RJ,MG,BA,MT,MS,GO,PA,PE,CE,ES,
SE,AL,RN,AP - DF e 3 Países: Portugal – França – Japão num
total 705 trabalhos inscritos, assim distribuídos: Conto: 276,
Crônica: 159, Poesia: 270

XLI CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA
POESIA

Comissão Julgadora:
Evandro Weigert Caldeira - UFN
Ilse Maria da Rosa Vivian - PUC
Moisés Silveira de Menezes - ASL

Premiados

1º Lugar:

Genealogia Do Mundo

Gabriel Santos de Araujo - Santa Maria/RS

2º Lugar:

Febre

Cefas de Carvalho Silva - Parnamirim/RN

3º Lugar:

Anotações Para Uma Epifania

João Nery Pestana - São Paulo/SP

Menções Honrosas

1ª Menção:

A Mala Da Mulher Que Foge

Júlia Parreira Zuza Andrade - Belo Horizonte/MG

2ª Menção:

Desfiladeiros

Thássio Gonçalves Ferreira - Rio de Janeiro/RJ

3ª Menção:

Poesia Simbolista Da Boca Do Monte

Fernando Ernesto Baggio Di Sopra- Porto Alegre/RS

Gabriel Santos de Araujo - Santa Maria/RS -1º Lugar

Genealogia do mundo

A.C.

O que o avô fazia
com uma enxada na mão
germina até hoje.

As sementes que ficaram fora da terra
foram as lágrimas que aguaram o porvir.

D.C.

Chamamos pelo pai
porque a dimensão do mundo
não comporta nosso pedido de natal.

Pai, esperei suas barbas brancas crescerem
para diferenciá-lo do resto da família.

Os dinossauros

Pai, já pescamos em tempos remotos no Mediterrâneo.
O mesmo peixe afiou nossos dentes com sua espinha
ancestral.

141

Os vikings

Meu primeiro dente foi monstro.

A partir daí pensaram que eu podia dar conta dos ossos de domingo.

Os monges tibetanos

Cadê meu pai?

Será aquele ponto no alto da montanha
que posso cobrir com a ponta do dedo?

As Amazonas

Caibo numa teta.

Kundalini

A altura do céu tem 33 vértebras.

Uma a menos
e a oficina do diabo
abre aos feriados.

O discípulo

Debaixo das asas
ninguém voa.

142

A mãe

Ela cobre nossas camas
como quem refaz um telhado
após a tempestade.

O mestre

Quando meus pés sobraram para fora da cama
vi que o mundo era grande.

Cefas de Carvalho Silva - Parnamirim/RN - 2º Lugar

Febre

em meio a este torpor
esta tontura
este calor

dê-me vinagre, vinho

esqueça a cura
jogue ao solo a armadura
fermente esta dor

seja flor e espinho

esqueça-me febril
desfaça essa sutura

nesta sua armadilha
intempestiva e opaca
canalha, inútil, vil

que cheira a fel e morte

da febre, serás a filha
e cuidado, sê segura:

No corpo, vem o corte:
a carne é faca!

João Nery Pestana /São Paulo/SP - 3º Lugar

Anotações Para uma Epifania

pensar não me pesa obrigação
mas me sinto impelido a fazê-lo
porque me liberto do mundo
e me palavro em mim mesmo
embora isso não diga nada
sobre a relatividade da vida
viver é ser outros passados
por isso me guardo em todos
como quem de si desaparece

outras vezes me sinto falto
de tudo o que me basta
sento-me diante das horas
e bendigo a histeria dos deuses
suas mãos de vidro me lambem
sem o pragmatismo das pedras
retomo a reza e atravesso a rua
nada é tão transcendental
como a metafísica das flores

quando beira o prenúncio letal
minha existência de dentro

mas é fora de mim que me tenho
metade rito outra parte hipótese
sou a distopia que exaspera
e me árvore e me cega e me grita
feito o silêncio dos mortos
rogando vida ao firmamento
como quem soubesse a verdade

minha carne tem boca adâmica
mil braços e ouvidos na garganta
mas tudo a seu redor é ausência
uma ausência faminta e sem nome
que se oculta na memória do mar
onde se guardam os olhos do céu
enquanto a morte afana a fuga
e o mediterrâneo a inocência
como cúmplices sem respostas

doem-me os pés o peso da terra
e suas inutilidades de amanhã
em nacos presumíveis de ânsia
quando vaga no limite do vômito
o frágil homem de barro
de mãos vazias e alma retorcida
imerso em seu ventre tímido

ambicionando a dinastia do mundo
como quem se esqueceu de sonhar

se penso suponho-me existir
porque é na existência do pensar
que me invento me minto me sinto
sem que me caibam certezas
ontem *homo habilis* — quiçá feliz
posto que o não ter consciência
(possivelmente a sensação de tê-la)
faz-me irremediavelmente alheio
pois sendo o que sou sei-me não ser.

Júlia Parreira Zuza Andrade - Belo Horizonte/MG
-1ªMenção Honrosa

A mala da mulher que foge

uma mulher vai fugir
com seu amante
posso vê-la fechando a mala
colocando as roupas com pressa
os cabides jogados em cima da cama
o relógio marcando 10h32

uma mulher vai fugir
e só vai levar uma mala de mão
vai levar o perfume que ganhou da sogra
mas não levará nenhum dos presentes
que o marido lhe ofereceu no aniversário
escova de dente, pente, brincos falsos de pérolas
isso sim
casaco velho de couro e documentos

uma mulher vai fugir
e não sabe bem o que fazer
com a foto das duas filhas
foi nas férias de verão
criança adora o mar, meu deus

são muito bonitas, puxaram o pai
quem disse que Mariângela
iria se casar com aquele pão
15anos não são 15 dias, hein?
O porta-retrato na mesinha está indeciso
A mala de mão está quase fechada
a mulher para
e sente enfim muito medo
porque quando passar
daquela porta
não poderá mais ver
as suas meninas
as suas duas lindas meninas
a foto no criado mudo
não leva a fotografia
fecha a mala às 10h52
vai no quarto das filhas
e chora, chora muito
se deita na cama da caçula
coloca a foto na cama dela
escreve uma comovente carta de despedida
se levanta

uma mulher vai fugir
e agora não olha pra trás
fechou a porta
pegou o elevador

uma mulher está fugindo
não saberemos se será feliz
não saberemos se o marido traído
irá queimar o resto de suas coisas

não saberemos
se as filhas um dia
irão entender
não saberemos nada
apenas sabemos
que para cada mulher que foge
uma vela precisa ser acesa
não se conjuga o verbo fugir às mulheres
a elas cabem tantos outros
parir permanecer guardar sustentar jurar ficar padecer
engolir ignorar entender calar aceitar
mas fugir não
fugir é um luxo
destinado aos homens

uma mulher fugiu
10h59
corre com sua pequena mala de mão
o amante a espera na esquina
com o carro ligado
eles se beijam ele acelera

não consigo mais ver o casal
só ficou o barulho do ronco do motor

uma mulher fugiu
e se esqueceu de cancelar
o buffet para a festa
do clube de dança
talvez haja festa
talvez as amigas comemorem
talvez a foto da mesinha
seja substituída pela foto da mulher
que fugiu
com apenas uma bagagem de mão
e que nem levou os presentes
que o marido deu
não saberemos nunca
não saberemos nada
apenas sabemos
que uma mulher fugiu
às 11h02
e é isso que basta

Thássio Gonçalves Ferreira - Rio de Janeiro/RJ
- 2ª Menção Honrosa

Desfiladeiros

De uma árvore ao alto da ravina
(bailarina debruçada
à contraluz do sol de abril)
caiu-me nas mãos um fruto.
Impávido entre soluços de vento
veio firme, reto, todo desejo
de se abrigar no calor da minha palma.
Guardei-o inteiro comigo
casca, polpa e semente liquefeito
entranhado em minha pele fértil.
E a cada beira sobre o espaço
(por onde passo)
cada contraforte da imensidão
(em que se desequilibra o chão)
eu o retranspiro todo
eu o ressangro nas mãos
para que decida se fica
comigo ou cria
asas de resina e fibra
e se lança à amplidão.

Por enquanto, por sete abismos
ainda o trago comigo
abraçado ao ritmo
de minha pulsação.

Fernando Ernesto Baggio Di Sopra- Porto Alegre/RS
- 3ª Menção Honrosa

Poesia Simbolista da Boca do Monte...

...os silêncios escondiam-se no monte...
exibindo sua boca sempre cheia
de palavras imponentes, ao horizonte...
poesia simbolista a pulsar na veia

literatura não sobrevive em nossas bocas
não resiste aos dentes afiados da razão
degustando palavras vazias, ocas...
com aroma de plástico e notas de intuição

o menino Felipe vivia na farmácia
levava sua poesia a passear na praça Tiradentes...
não lhe faltava coragem nem audácia
tampouco ideias inovadoras ou pensamentos diferentes

assim como o corpo é curado por medicamentos
Felipe descobriu que poesia simbolista cura a alma
subiu então o monte para curar seus ferimentos
declamando seu remédio literário, que acalma

no entanto, uma vida esbranquiçada carece sol
grita por experiências, por uma aventura literária distinta

cansado de ouvir milongas surdas em ré bemol
Felippe toma outro rumo e declara essa vida extinta

depois de desbravar o monte inteiro
e de curar o corpo e a alma santa-mariense
Felippe resolve cruzar o rio, em janeiro
e se mudar para a Baixada Fluminense

mesmo depois da poesia ganhar vida, tomar pulso
e cavalgar com seus cavalos líricos pelos campos...
campos semânticos, bosques espirituais e rebanho avulso
rodopiando torto a piscar poesia, feito pirilampos

e quando os símbolos estiverem pesados demais...
e a rotina chorar lágrimas encardidas
só nos resta a escuridão das palavras viscerais
a Lanterna Verde ilumina nossas vidas

bebendo seus últimos goles existenciais
Felippe deita-se nos lençóis poéticos da França
imortalizado em folhas de livros e de jornais
num retrato de Portinari, ele descansa

da Boca do Monte e de suas ribanceiras...
D'Poesia, D'Oliveira... do mundo inteiro...
Felippe transcende palavras e fronteiras...
santa-mariense, riograndense, brasileiro...

**XLI CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CRÔNICA

Comissão Julgadora:

Leticia Raimuidi Ferreira - ASL
Maribel da Costa Dal Bem - E.E.E.M Cilon Rosa
Nilsa Terezinha Reichert Barin - UFN

Premiados

1º Lugar:

Olhamo-nos com nossos olhares sem olhos
Úmero Card'Osso - São José dos Campos /SP

2º Lugar:

Mãos

Luis Cunha Pimentel - Rio de Janeiro/RJ

3º Lugar:

Velejares (veleiros parte II)

Paulo Cezar Alves Monteiro - Florianópolis/SC

Incentivo Local:

A Última Tarde de Agosto

Athos Ronaldo Miralha da Cunha - Santa Maria/RS

Menções Honrosas:

1ª Menção:

Porto Alegre ao meio dia

Valentina Ceolin Gindri - Porto Alegre/RS

2ª Menção:

A Pequena Luz

Ronei Francisco Tadeu Gulke - São Paulo/SP

3ª Menção:

Palavra

Ademir Moreno Aguilar - São Caetano do Sul/SP

Úmero Card'Osso - São José dos Campos /SP -1º Lugar

Olhamo-nos com nossos olhares sem olhos

{*Dedicatória: A Gilmar Antônio Cardoso*}

O fogo crepitava manso.

Veio se arrastando no capim franzino, empurrando a bicharada fugitiva, ao passo que eu, e os meus, remanesecemos eretos e inabaláveis.

O fogo crepitava manso e eu pensei – pois penso, logo existo – que justamente aqueles que guardam meu secreto e imóvel ódio efetivaram a dolosa ignição.

Os curiosos apareceram um a um, se esbarraram em mim com suas barriguinhas vermelhinhas, se espicharam no cerrado.

Numa toada boa, lobos-guarás e tamanduás-bandeiras passaram com afoiteza.

Um beija-flor de topetinho vermelho, com seu baba-dor carijó como galinha, descansou-se e partiu como um tiro na mata.

Um pequeno mico-leão-dourado – ou seu fantasma – se exacerbou ao pé de mim, mas por sorte se embrenhou na trilha das sucupiras, escapou para o grotão do ipê rosa.

Quando restaram uns poucos por salvar, justamente os mamíferos, répteis e invertebrados de irrisória locomoção, o fogo lambeu perto.

Vi uma família de rãs se contorcendo no bafó excruciante da queimada.

Urutus belíssimas, corais notáveis, cascavéis sem

brilho, teiús pesados, nossas queridas jararacuçus, guardiãs da floresta contra os vermes engenhosos na ciência da destruição, todas debandam em comunhão; entrementes, uma ou outra cessa o aflitivo rastejo, elas se perdem no além do brejo, calcinadas no lampejo – todas correm; algumas, porém, estertoram e morrem.

Senti medo, confesso, mas é aquele medo que a vocês, que são imperfeitos e insatisfeitos, não é dado ter.

É um medo sereno, medo de inabalável criatura... Medo humilde.

Senti esse medo sem careta nem escárnio que somente em nossa espécie é recorrente.

Medo sem “vontade negativa” nem “força reativa”.

Com medo ou sem, o fogo canalha foi queimando tudo o que via pela frente.

O primeiro a queimar, ao pé de mim, foi o jovem barbatimão.

Sua galhada gemeu em cheio!

O inferno da dor extrema se apossou da frondosa verdura...

Desclorofilou meio mundo.

Mangabas e muricis arderam fácil e total.

Sucupiras, cagaitas e angelins arderam difícil e desigual.

Todos arderam no fogo do inferno... “Levai as almas para o céu, e socorrei principalmente aquelas que mais precisarem”... Palavras que um dia ouvi.

Chegou minha vez.

O fogo chegou.

Experimentou-me à sorrelfa, engolfou-me no rastro

da brisa!

Aderiu-se à minha superfície, entranhou-se em meu âmago!

Eu ardi terrivelmente, queimei até o ardor penetrar minha mais interna fibra!

O fogo escalou-me na verticalidade de meu desafio!

Eu permaneci ereto!

Esmaecido na fumaça, minha penumbra testemunhou a total e natural incapacidade de tombar!

Por um momento, poder-se-ia supor que eu me jubilava de minha condição maior, minha dignidade cósmica, minha lendária capilaridade!

No entanto, o carvão se instaura sob a sombra daquilo que eu era!

Meus prolongamentos posteriores murcharam com o calor, depois crepitaram, e enfim despencaram, para se unir a esta matéria preta que o fogo nojento coleciona sob sua varredura facínora.

Senti que minha epiderme inteira se ultimava tostada à guisa do imprestável!

Pensei não haver jeito para tão extremo abate!

Pensei que a vida se desligava de meu corpo imenso!

Aventei hipótese cabal.

O flamboyant florido, esse sim, morreu calcinado: o fogo torpe encarapitou-se em sua vermelhidão florida!

Sem embargo, o fogo não alcançou a rama seca do buriti isolado.

Queimou a restinga de seu chão, passou adiante para a várzea do boqueirão.

Ficamos de pé, em silêncio, imersos na eterna tris-

teza de um trauma.

O buriti permaneceu intacto. Eu permaneci irreconhecível – um ser preto, erigido como símbolo de algo que já não tem valor, por conta do preço de tanta dor...

Olhamo-nos com nossos olhares sem olhos.

Um silêncio de doença se implantou na tarde sem animais.

Eu perdurei vivo.

Eu, e os meus, remanescemos eretos e inabaláveis.

Por debaixo de minha tênue suberificação, a epiderme foi comida pelo fogo.

No entanto, meu cerne mais recôndito perdurou incólume, portador de água e guardião de meu tesouro: minha genética.

Meu coração, meu caule.

Minhas garras, minhas raízes.

Tudo em meu íntimo corrobora a mais pura certeza de que eu vou viver – e junto de mim, alguns dos meus, lindos guapuruvus, e tantos outros que, de pé e altivos, foram carbonizados pela ação do antropocentrismo bestial...

O fogo passou.

Sequer o vi passar, pois estava ocupado em pensar em morrer. Também pensei nos homens, raça pernóstica de tolos seres, e senti muito ódio.

O sol beirou o chão.

Entrou em seu limiar desfolhado.

O crepúsculo adquiriu outra cor – talvez por reflexo da parda cor do chão – talvez por reverberação de nossa dor.

O ar quente estendeu o suplício.

Não há multibarulhos de insetos.

Não há trilados de aves.
Calou-se a plurissonoridade.
Anoiteceu tristonhamente.
Um grande vazio ressoou no gemido cósmico da
noite.

A grande tristeza que os malditos homens trazem a
este orbe se instaurou de forma insofismável.

A natureza inteira escreve em sua memória a
omniviolação pela humanidade praticada.

A natureza escreve.

Escreve para se lembrar sempre, para esquecer nunca – para que um dia possa responder fortemente ao opróbrio.

Um dia teremos nossa doce dose de Justiça.

Em nome de todos os guapuruvus calcinados, eu estou sonhando.

FIM

Luis Cunha Pimentel - Rio de Janeiro/RJ - 2º Lugar

Mãos

As mãos de minha avó tinham veias azuis em alto relevo, córregos entre couro e osso, cobras inflamadas nos desvios das rugas. Eu percorria lentamente a ponta do dedo sobre a elevação inchada nas mãos murchas de minha avó, e pedia a Deus para que as mãos de minha mãe jamais ficassem assim.

As mãos de minha mãe também se tornaram azuis, com os barbantes mergulhados na pele murcha que ficou seca e cheia de manchas escuras. Os meus dedos faziam carinho, evitando o contato das unhas, achando que de uma hora para outra poderiam rasgar a película e o jato azul inundar tudo, pensando que minhas mãos, minhas lindas mãos, jamais teriam aquele desenho.

Agora percorro com os dedos de minha mão esquerda fio por fio as costas da mão direita, invertendo depois a ordem do movimento, revendo em meu corpo de mãos murchas e manchadas os córregos de minha avó, sentindo novamente o temor de que explodissem no céu as nuvens em cordas das mãos de minha mãe, olhando as mãos jovens e saudáveis do meu filho, pensando que a vida – com o seu corolário manuscrito de mistérios – não passa de um eterno esperar pelos sinais que as mãos nos reservam.

Passear de mãos dadas. Quietar de mãos dadas. De mãos dadas apreciar o mar, o céu, o vento, o voo dos urubus (até urubu é bonito quando estamos de mãos dadas). Mãos dadas com um amor, uma esperança, um sonho, um ideal.

Mãos dadas no meio da noite, de mãos dadas acordar para dar a mão à palmatória e segurar as cordas do mundo. Mãos dadas porque é Natal, porque o ano se acaba, porque a montanha treme e o caminhão se desgoverna. Mãos dadas especialmente no que não é bom; abraçamos a árvore, mas também o pedregulho.

“O presente é tão grande, não nos afastemos / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”, pedem os versos de Drummond (o que tinha apenas “duas mãos e o sentimento do mundo”), a nos guiar. “A mão que afaga é a mesma que apedreja”, pragueja Augusto dos Anjos, prevendo que entre a palma e o contraverso há os dois lados da moeda. As mãos de Eurídice levaram o amante à ruína pelas mãos de Pedro Bloch. Ah, essas mãozinhas tentadoras e relaxantes dos amantes. Que “na hora da morte haja uma mão humana amada para apertar a minha”, pedia Clarice, com as mãos e os olhos mergulhados em seus mistérios.

Com a mão, também, todo cuidado é pouco! Dom Hélder recomendou que ela nos ajude no voo, “mas que jamais se atreva a tomar o lugar das asas”. A mão é músculo, é boba, é sonsa e sabida. A mão que traz a comida decide quem se aproxima. A mão e o coração não são apenas uma rima.

Há, ainda, a contramão; mas esse é outro descaminho.

Paulo Cezar Alves Monteiro - Florianópolis/SC
- 3ºLugar

Velejares: (Veleiros Parte II)

Amanheci leve e nostálgico, saudoso dos muitos amigos que em tantos e tão variados cais quis a vida que eu pudesse aportar. Desfraldei a mezena dos afetos e lancei-me, peito aberto, por vasto oceano de sentimentos a velejar.

Direis que sou perdulário, célere demais no julgar. Que amigos se contam nos dedos, que nem sempre é a vida tão pródiga em encontros, e tampouco é gentil no gostar. Quem sabe sejais severos no olhar, avaros com o sentir, medrosos em excesso com o vogar. Questão de perspectiva, pois tudo é a forma de encarar.

Singrei a rever amigos. Amigos que duraram o tempo exato de uma estação e amigos que vão e vêm com as marés, exatamente da mesma forma que estão ondas no marulhar. Há sempre um ir e um voltar e a alma cigana afeita a diferentes pendores sempre encontra novo ânimo para perseverar.

E revi amigos que se surpreendem a cada reencontrar e amigos que nem mais cuidam de se espantar. Amigos ao alcance de uma fala e outros somente da escrita e do pulsar. Revi amigos que imaginam na ilusão do tempo e da distância se ocultar e os que não mais se permitiram a me identificar. Amigos de carteadado, filosofia e papos-cabeça, e amigos da fuzarca, da zoeira e de muito bebericar; amigos quase ermitões, pouco dispostos a se socializar e amigos que preferem o caos urbano e “shows” de jazz, em

Curitiba, Nova Iorque ou Barcelona, com vinhos finos e caviar; amigos que optam por no Carnaval de Aracati se esbaldar e outros que só bebem Ayahuasca, gostam de trilhas ecológicas, banhos de cachoeira no coração da floresta amazônica e ao som de uma flauta de Pan meditar.

Amigos com laços e afetividades musicais, esses então perdi a conta de querê-los rotular: do fã de música sacra que se fantasia de Papa para suas apresentações musicais ilustrar, ao amigo ex-roqueiro que me apresentou à banda Mountain, no som incrementado de um fusquinha a estridular; do violeiro cujo toque tinha o dom de fazer qualquer mudinha falar aos amigos enciclopédicos que curtem Connie Francis, Grieg ou Radiohead com igual extasiar; do fã de Whitney Houston ao clone de Frank Sinatra, do tiete de Roberto Carlos aos veneradores de Jobim, Cole Porter ou Piazzolla, a todos ofereci pedaços do coração como lar.

Revi amigos negros, magros e umbandistas e amigos brancos, gordinhos e ateístas. Amigos de “coaching”, terapeutas e mestres ou amigos discípulos, coxinhas ... e até mortadelas, para meu imenso pesar. Amigos do quintal da esquina e amigos de outros sóis, outros mares e de outro pensar. Educados amigos e “hermanos”, aplaudindo constrangidos mais uma vitória brasileira num daqueles inesquecíveis “derbies” futebolísticos sul-americanos e compenetrados amigos europeus, soltando a franga na cadência sestrosa de uma “cabocla” a gingar.

Dizem elas que os homens são todos iguais; já eles, afirmam convictos que mulher é tudo igual, só muda o lugar. Vai saber quem tem razão! Um olhar mais acurado à paisagem milhares de “verdes” irá desvendar. Mas isso é pra quem

tiver tempo e vagar para contemplar.

Homens são mercenários apenas com seus corpos. No entanto, renitentes e pudicos ao com a alma lidar. Assemelham-se a crustáceos encasulados em seus grotões a lagartear. Pesadas naus semi-estáticas em seus portos seguros, que exigem fundo e calado máximo para fundear, mas nem sempre a rasa superfície lhes permite o prumo e o equilibrar. E como são instáveis os humores do mar.

Já, as, mulheres!... Ah! As mulheres! Como são mais sábias e mais generosas com o ousar. Leves e ágeis veleiros, sempre prontos para um renovado navegar. Sempre enfeitadas a cada novo porto, ávidas por um novo ancorar. Gaivotas cruzando serelepes os mares e pousando apenas aonde as transporte o desejo de bicar.

Retocam a maquiagem e refazem a progressiva. Lançam âncoras e da mesma forma as içam, com a mesma rapidez com que renovam a quilha, o visual e também o aparentar. Permitem-se mais trocas e afetos, são mais maleáveis até para disfarçar. Por isso, tive amigas aos borbotões. Depressivas, eufóricas ou bipolares, ardeiras ou recatadas, discretas ou espalhafatosas; dedicadas ou independentes, sofisticadas, cultas e inteligentes, lindas ou “bonitinhas”, e até as nem tanto assim, para um pouco variar. Existe sempre algo em alguém, digno de se apreciar. Mesmo quando isso requer uma lupa para enxergar. Ou a delicadeza de saber reverenciar.

Usei e abusei de tal privilégio, mas, como qualquer um que se julgue um cavalheiro, deixo à criatividade, ao decoro ou à malícia de cada um o querer imaginar.

Revi, enfim, amigos de todos os gêneros, quando a nenhum gênero se impunha cartilhas, quando era mais leve

e incorreto o expressar. Quem almeja percorrer o círculo do Yin & Yang deve estar apto a qualquer fluir e em vários mundos transitar. Abri porteiros, mas já mais queimei navios. Acessei espaços oceânicos de convívio, aonde adentrou quem comigo quis e ousou velejar. Espaços democráticos, fluídicos onde o tempo está à distância do pensar e até a morte é apenas um sutil transmutar.

E hoje, este coração marinheiro, corsário combalido de tantas lides pelejar, de com tantos navios pelos mares da vida cruzar, baqueia, mas não aderna nem deixa de pulsar ao escutar o bramir do mar, e, ao ver horizontes e velas a hastear, sonha ainda com quantas e quais amuradas ainda se irá debruçar!

Athos Ronaldo Miralha da Cunha - Santa Maria/RS
- Incentivo Local

A Última Tarde de Agosto

Sinto saudades do último agosto.

O agosto que deixou de ser vivido. A tarde foi derradeira e a foto fixou o último instantâneo. A última luminosidade do lugar. O derradeiro reflexo na tela escura do computador.

Hoje senti os pingos de uma chuva numa manhã que parecia primavera, e quis molhar meus pés na sarjeta de uma ruela ou nas correntezas de outras vertentes. Queria sentar numa pinguela e contemplar o amanhecer distante naquele agosto nem tão distante. Sinto 501 saudades de todos os agostos vividos de forma intensa. E jamais esquecidos.

Mas eu desejo um agosto inteiro com dias finitos para vê-los, tê-los, acariciá-los, todos os dias e noites quando outros agostos vierem. Aquele agosto ruiu e sorriu pra mim. E me desejou boa sorte.

Nunca mais desejei as águas de março e nem os sóis de maio. Também não vislumbro o “carná de feverê”. Sonho com as tardes de agosto. Ou a última tarde de agosto que foi para sempre. Mas com a ciência do não retorno.

Aquele agosto não voltará. E o dia 14 foi o último dia de agosto daquele ano.

Outro dia caminhei pela relva em trilhas que nunca havia cruzado. Encontrei terras que jamais pisei e vislumbrei cascatas que vieram de agosto. Num outro dia chovia

torrencialmente numa manhã de outubro, virei para o lado e dormi todas as manhãs daquele mês numa única manhã, coisa que em agosto não conseguiria. Mas me faz falta essas manhãs de agosto para enfrentar a tempestade.

Não encaro meu último agosto com desgosto e nem de agourento. Sinto saudades de meu agosto derradeiro. O meu último agosto foi simples. Dedicado. Rotineiro. Sorridente. Coloquial. Cândido, tenro e bondoso. Afetuoso, muito afetuoso.

Deixei naquele agosto uma folhagem no balcão. E, às vezes, me vejo regando nas minhas noites mal dormidas.

Sinto saudades dos sóis de agosto. E do gosto do chá sem açúcar e da barrinha de cereal light.

Hoje acordei com vontade de dar bom dia.

Bom dia!

Bom dia!

Bom dia!

Agosto adentro. Mas esse agosto terminou sem mim. E eu fico no reflexo dos sorrisos eternos e na eternidade dos dias que estarão sempre disponíveis para cruzá-los livres, mas sempre com a lembrança daquele meu último agosto.

Ah! Naquele meu último agosto tive muitos abraços, uma garrafa de vinho tinto e uma caneta com que rubrico as minhas saudades presentes e futuras.

Valentina Ceolin Gindri - Porto Alegre/RS
- 1ª Menção Honrosa

Porto Alegre ao meio dia

Ao meio dia de um vulgar quatorze de dezembro de um ano banal, um pontinho humano caminha na Avenida Ipiranga. O sol escaldante atormenta o concreto dos prédios, o piso das calçadas e o cercado de ferro que separa a via do arroio Dilúvio. Eles gritam em silêncio, agonizando como bruxas na fogueira. As árvores, com seus galhos distorcidos pelos cabos elétricos, com suas raízes oprimidas pelo asfalto e seus troncos pintados de branco, prefeririam estar mortas. Até a andorinha repousando em um poste reflete: seria melhor machucar as asas e cair no Dilúvio do que aguentar a tortura daquele calor. O pontinho passa por um homem de pele escura, barba comprida, pés descalços e imundos. O homem veste apenas uma bermuda jeans e carrega um saco de lixo nas costas, desce até o nível mais próximo do arroio e se instala embaixo de uma das passarelas. Lá ele acomoda-se junto a pedaços de papelão e de garrafas pet, cortadas com uma variedade de objetos dentro. O pontinho sente pena do homem durante toda uma quadra e depois esquece. Os carros passam com uma velocidade arrasadora e jogam lufadas de ar quente que penetram nos ouvidos, ferem a face e corroem os pensamentos.

Um cheiro desagradável vem do principal curso de água da capital, onde esgoto, entulho e despejo de todas as espécies se misturam. Naquele líquido cinzento existe matéria orgânica e elementos químicos que formam um caldo vital capaz de criar um monstro da podridão. Um monstro perverso, com garras de lodo, olhos de sangue e dentes afiados. Talvez esse monstro saia todas as noites para passear na avenida Ipiranga. O pontinho vê um pedaço de cadeira de plástico saltando para fora das águas. O pontinho passa pela central de energia com suas paredes grafitadas, um colorido que parece deslocado. Não há poesia em Porto Alegre ao meio dia. O pontinho teme pela mochila que carrega nas costas. À qualquer momento alguém poderia surgir com uma faca e reclamá-la para si. Pediria o celular também. Era como se caminhasse num deserto. Uma terra sem lei nem rei; esquecida, abandonada, inóspita. Passa por três vira-latas, um bêbado, outros dois mendigos e um malabarista de sinaleira. O pontinho pinga suor, sente-se só e gostaria de ter um boné. Também experimenta a sensação de ser um aventureiro, um desbravador ou um mártir cumprindo uma pena.

O lixo foi uma constante no trajeto: papéis, plásticos, garrafas, sacos e restos de comida pipocavam entre a grama, a terra e o concreto. Animou-se quando começou a identificar no meio de tudo aquilo caixinhas de Bigmac e copos de refri com um “M”: estava próximo ao seu destino. O pontinho tinha a barriga oca. Deixou o pensamento viajar pela cidade. Foi até o centro que fervilhava de gente, barraquinhas de pastel frito, espetinho e cachorro-quente. Pensou nas filas para os restaurantes de buffet na avenida Independência, com suas lotações vermelhas, e na avenida

Oswaldo Aranha, com suas palmeiras. Imaginou os aposentados e os desocupados jogando damas na praça da Alfândega e, já naquela hora, tomando uma cerveja choca. Foi até o bairro Moinhos com seus empresários engravatados almoçando em restaurantes refinados. Pensou na praça de alimentação dos shopping centers contrastando seus enfeites de Natal cobertos de “neve” com o calor humano de um horário de almoço. Encerrou seus devaneios e retornou para sua Ipiranga desolada. Não há magia em Porto Alegre ao meio dia. Nenhuma bicicleta cruzou a estreita ciclovia, nenhum grupo de estudantes, nenhum dono de cachorro, nenhuma criança e nenhuma risada passou por ele.

Por fim alcançou o seu oásis urbano. O ar condicionado gelou o suor que empapava o rosto e o peito. Sentiu-se atordoado e tonto com a troca abrupta de temperatura, mas aliviado. Enquanto comia seu hambúrguer e tomava sua coca cola gelada próximo à janela, viu uma casa improvisada junto ao dilúvio. Era um quadrado de madeira aberto na frente e coberto na parte de cima por papelão e sacos de lixo. Ficava logo abaixo de uma fileira de pneus pintados servindo como vasos de flor. O provável morador daquela mansão da calamidade estava sentado em sua varanda da ruína, curtindo os ares de seu jardim insalubre. Tinha olhos claros, cabelo comprido, pele curtida pelo sol e suja. Um cachorro cor de trigo aninhava-se em seu colo. O homem acariciava a cabeça do cachorro, passando o polegar entre os olhos e atrás das orelhas. O cachorro tinha os olhos semiabertos. Às vezes roçava sua cabeça na barriga do homem como se quisesse se abrigar ali ou acariciá-lo de volta. Quando alcançava o ápice do prazer fechava e apertava

os olhos, balançava o rabo. O homem concentrava-se inteiramente nas carícias, como se não houvesse nada mais no mundo. E talvez não houvesse mesmo nada mais em seu mundo. O cachorro estava no êxtase da tranquilidade e do aconchego. Nem o mais nutrido carrapato era capaz de perturbá-lo, sentia-se eterno e preenchido. Em um vulgar quatorze de dezembro de algum ano banal, um pontinho humano descobre o amor na Avenida Ipiranga. Há um tantinho de poesia em um severo verão, em Porto Alegre, ao meio dia.

Ronei Francisco Tadeu Gulke /São Paulo
- 1ª Menção Honrosa

A Pequena Luz

Era uma noite de fim de outono. Podia-se perceber uma pequena incipiência de uma madrugada fria e enevoadada. Tudo contribuía para que aquele inverno fosse um dos mais rigorosos.

Pessoas apressadas passavam indiferentes ao caos instalado na grande metrópole. Pedacos de fragmentos, do que fora outrora uma cidade provinciana, já era quase imperceptível. Percebia-se apenas, uma singela turbidez no ar. Não uma turbidez de água impura ou barrenta que colocamos em um copo, mas uma turbidez sensorial, como de quem entra em estado glaucomatoso e mesmo assim produz uma visão clara sobre tudo.

A casa, amarrada ao barraco, equilibrava-se, deixando escapar uma ladainha que remetia a tempos imemoriais.

O cheiro ocre de velas baratas enchia o único cômodo com um negrume metálico.

Uma jovem senhora de vinte e poucos anos, aparentando quase o dobro de idade, soluçava sentada em um caixote no canto da sala.

De repente fez-se o silêncio.

No centro da sala, o pequeno corpo, estático, esboçava um sorriso em seu rosto. Notas de uma música

celestial ouviam-se ao longe, como uma singular chuva no telhado.

Na rua, casais trocavam olhares de conforto e paz.

A sala, e o seu cheiro, haviam mudado. Um leve buquê de flores do campo acalmava todos os presentes. E o pequeno corpo ainda esboçava um sorriso.

Ao menor descuido dos presentes, sem menor gesto perceptível, ele já não estava mais ali.

Virara luz.

Ademir Moreno Aguilar - São Caetano do Sul/SP
- 3ª Menção Honrosa

Palavra

Palavra. Falada. Escrita. Pensada. Verdadeira ou vazia. Comprometida ou insequente. Dizemos: “São só palavras”. Mas palavras são tudo.

Com a palavra se decreta voz de prisão. Cerceia a liberdade. Mas também liberta, na voz de um juiz. É faca de dois gumes. Pode dar conselhos positivos ou provocar intriga. É faca de múltiplos gumes. Pode ser interpretada de muitas maneiras, gerando consequências que vão do céu ao inferno. A lei está cheia de palavras. Com elas os advogados dos poderosos encontram caminhos para defender os interesses de seus clientes. Porém, para quem não tem condições, a palavra só tem a oferecer a sua mais fria interpretação.

Palavras que travam, que não saem. Mas nem por isto menos palavras. Valem pelo que deveriam dizer. Porque muitas vezes a palavra pensada tem mais força que a palavra falada.

Palavras precipitadas, a causa de muitos males.

Palavras esquecidas, que fogem da mente. Deixam-nos no vazio. Sentimento e raciocínio sem expressão.

Palavras que mentem, manipulam, distorcem a realidade. Habilmente veiculadas por quem quer dominar. Os seus alvos são pessoas simples, que se deixam enganar.

Palavras que rimam. Dizem que na prosa elas não podem rimar. Então já não sei como este texto classificar.

Para tudo há palavra. Nossa mente racional não admite que nada exista sem nome, rótulo ou explicação. E, para explicar, amontoa palavras. Como se não bastasse as que já existem, de vez em quando surge alguma nova. É a gíria inventando novas palavras.

Elas não acabam. Mesmo em silêncio elas são pronunciadas em nossa mente. O nosso próprio pensamento, parece que ele não vive sem elas. Mas será que Helen Keller, enquanto estava mergulhada em seu isolamento, sem nada ouvir ou ver, criança ainda, será que ela não pensava por não conhecer palavra alguma? E depois, quando Anne Sullivan conseguiu fazê-la entender o que é palavra e para que serve, após dominar maestralmente uma infinidade de palavras, conseguindo entendê-las e expressá-las em maravilhosos discursos, será que só aí ela passou a pensar? As palavras são o pensamento ou elas atrapalham o pensamento? Você já pensou sem palavras? Ou isto não seria pensamento, mas sim sentimento? São só perguntas. Mas perguntas também são feitas com palavras.

Não dá para escapar delas. Cercam e inundam o nosso ser. Mas, mesmo assim, muitas vezes parecem insuficientes, quando nenhuma delas diz o que queremos dizer. Por outro lado, há momentos em que encontramos a palavra exata, quando elas fluem de uma maneira impressionante, encaixando-se perfeitamente umas às outras. É quando elas contornam perfeitamente o pensamento, como uma fina máscara que cobre um ser etéreo. É quando as palavras não atrapalham. Enfim, o que posso dizer com certeza é que lidar com as palavras é uma arte... Na qual me sinto um eterno aprendiz!

**XLI CONCURSO TERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO

Comissão Julgadora:

Daniel Arruda Coronel - ASL

Grisiê de Mattos Gründling - E.E.E.M Manoel Ribas

Rodrigo Jappe - UFN

Premiados

1º Lugar:

Dízimos, Mentiras e Credeuspadres

Danilo Drumond Avelino - Belo Horizonte/MG

2º Lugar:

Óleo de Coco

Isabel Tereza de Araujo Galvão - São Gonçalo do
Amarante/RN

3º Lugar:

Um Conto Nada Perfeito

Hector Lumen - Volta Redonda/RJ

Incentivo Local

Em Busca de Exílio

Felipe Clos Bassedone - Santa Maria/RS

Menções Honrosas:

1ª Menção:

Sorte Grande

Danilo Drumond Avelino - Belo Horizonte/MG

2ª Menção:

Max

Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Rio de Janeiro/RJ

3ª Menção:

A Coroação

Ana Luiza de Figueiredo Souza - Niterói/RJ

Dízimos, Mentiras e Credeuspadres

Chegara a seu limite. Aquele imóvel custara-lhe muito trabalho e suor. Ademais, precisa pagar taxas, tributos, manutenção — pintara-o recentemente, dera-lhe um belo trato no piso —, afora a cervejinha, sagrada, e despesas diversas. Portanto, a cobrar menos do que acha justo prefere nem alugar. Mas aí não terá recursos para quitar todas as contas. Que são muitas. E ele não é rico. Sujeito trabalhador, em que pesem discordâncias, esmera-se em cumprir todas as obrigações de um cidadão de bem, notadamente as de ordem religiosa.

Devoto de Santo Antônio, quando precisa alcançar alguma graça — mais precisamente, algo de graça — não abre mão de uma promessa, cumprida quando dá. Vai sempre à missa, confessa, reza pelo menos duas salve-rainhas e um terço por mês, às vezes, dois, eventualmente três quando a confissão lhe sobrecarrega a consciência ou não cumpre a promessa, pratica boas ações habitualmente — vá lá, de vez em quando — e, mais importante, nunca se esquece do dízimo, sobretudo de incluí-lo nas despesas diversas.

É o que se pode chamar de bom cristão, sempre disposto a repartir com o próximo — havia pouco, autorizara um vizinho a puxar uma perna de seu gato. Não do bicho, que seria uma maldade, mas do gato de água. Por tudo isso, mesmo tendo certo gosto por dinheiro — ocasionalmente muito, em especial quan-

do o dinheiro também o é —, sente-se compelido a moderar. E ultrapassa os próprios limites comprometendo-se a não aumentar o aluguel antes de seis meses. Ainda que demonstre interesse em fechar negócio, o pretendente a inquilino não se empolga.

— Ora, isso não é vantagem, é obrigação legal. Aliás, a lei determina que só pode aumentar após um ano.

— Essas leis... — desconversa, meneando a cabeça, antes de propor:

— Olha, o valor não dá para diminuir, mas posso fazer o seguinte, cobrarei apenas dez por cento de taxa extraordinária. Está bem assim?

— Isso não existe! E seu preço está fora da realidade, ninguém vai pagar! — protesta novamente o senhor corpulento e grisalho, revelando-se bastante informado sobre a demanda por imóveis no mercado.

— Mas olhe só o tamanho do apartamento! Com esse preço o senhor não achará oportunidade igual em nenhum lugar do mundo! Pode acreditar.

— Do mundo? Tem certeza? — sopesa o senhor, com certo sarcasmo, num tom professoral, olhando-o por cima dos óculos de aros finos como se pretendesse fazê-lo refletir sobre o inequívoco exagero.

— Do mundo! — reafirma, demonstrando não se sentir acuado pela insinuação, tampouco bem informado acerca da demanda por imóveis no mercado.

— Mentir é pecado... — pondera o senhor grisalho, ajeitando discretamente o colarinho engomado, abotoado até o pescoço, após tocar levemente os óculos, fazendo-os escorregarem até a ponta do nariz proeminente.

Eu... eu sei... — gagueja, baixando a crista, pen-

sando seriamente em crescer mais um terço mensal como penitência preventiva, embora não tenha passado por sua cabeça decrescer um centavo sequer do aluguel.

— Decerto sabereis também que a mentira nos levará ao fogo do inferno! — adverte-lhe, elevando o dedo indicador.

A manifesta censura, em voz pausada e grave, provoca-lhe arrepios na espinha. Claro que a oferta do aluguel por valor que lhe soa mais ou menos justo — mais para menos, é verdade — não era a melhor oportunidade do mundo. Talvez nem mesmo da rua. Utilizara-se obviamente de uma força de expressão, artifício de marketing. Por isso não contava com aparte tão pungente. Ainda mais partindo de senhor aparentemente tão distinto que lhe batera à porta atraído pela placa dependurada na janela do imóvel. Ainda que procure não se abalar, fica bastante incomodado.

— O que o cavalheiro quer dizer com isso?

— Eu não, meu senhor... Apocalipse, capítulo vinte e um, versículo oito...

O incomodo vira preocupação. O episódio lembra-lhe de imediato os intermináveis sermões inquisitoriais do velho cônego teutônico de uma paróquia do interior que frequentara anos atrás. Dentre outras amenidades, o Torquemada alemão assegurava que Sodoma e Gomorra seriam brincadeira do jardim da infância perto do que se tornaria o mundo onde se procurava ludibriar até o tinoso, profetizando um fim trágico a quem não assumisse e pagasse por seus pecados.

Não tendo como negar seu quinhão, que seguramente nunca fora pequeno, tampouco insignificante — ainda que não incluísse passar o dito-cujo para trás —, adotara, a partir dessa

época, o infalível expediente de ir crescendo terços à medida que acumulava pecados e pesos à consciência. Até perder a conta ao passar de dezessete por mês, tirando salve-rainhas e crendeuspadres, obrigando-o a procurar paróquias com sacerdotes que se dispusessem a abrandar-lhe a culpa sem necessidade de tanto drama, preces e sermões medievais.

Ademais, o senhor de aparência distinta, corpulento e grisalho, com o colarinho abotoado até o pescoço, de fala pausada, um tanto soturna, leva todo jeito de padre — e principalmente fala como um. Novo arrepio chega a estremecê-lo. E o faz pensar em crescer mais dois terços, duas salve-rainhas e um Credo. Preventivamente. Mas ainda acha pouco. Caso seja mesmo padre ou, ainda pior, cônego, não tem dúvida de que dificilmente terá algum perdão. E ainda que o tenha por aqui, por certo não será homologado pelo chefe lá de cima.

Temendo possíveis, e prováveis, sequelas de seu ato inapelavelmente pecaminoso, quase um sacrilégio, começa a reavaliar sua pedida. Refaz cálculos, pesa a mão um pouco menos, exclui valores inexistentes — sabe não haver sentido em taxas extraordinárias, muito menos acrescidas do próprio dízimo — e conclui que pode, sem perder muito e auferindo de troco algum perdão, dar um desconto entre trinta e quarenta por cento.

— Ok, dou-lhe um abatimento...

— De quanto? — indaga o senhor, esperançoso.

— Dois por cento — informa, demonstrando não ter tanto temor assim, a não ser de perder dinheiro; e certamente disposto a adicionar mais dezessete terços e outras tantas salve-rainhas à penitência preventiva caso almeje

alguma possibilidade de absolvição.

— Vamos abater pelo menos o dízimo? — propõe o senhor, deixando-o ainda mais confuso.

— Por acaso o senhor é padre? — inquire, apreensivo, esquivando-se da proposta.

— Bispo...

O temor volta à cena substituindo a apreensão. Avaliando que as circunstâncias já lhe seriam francamente desfavoráveis ainda que fosse padre, ou cônego, ameaça virar pânico. Dúzias, centenas de terços, credos e salve-rainhas fossem talvez insuficientes para devolver-lhe qualquer possibilidade de clemência. Ainda que fique o resto da vida rezando e penitenciando-se, cogita, dificilmente escapará de queimar sem dó nem piedade, ao lado do coisa-ruim, nos quintos dos infernos, tal a insensibilidade por não reconhecer a notória magnificência do senhor corpulento e grisalho.

Que decerto não se devera à falta de indicativos. A insigne nobreza do núncio episcopal é patente, não só por suas vestes e modos, mas por sua postura altiva e sóbria, ainda que modesta — mesmo quando ensejara meter-lhe a faca. No bom sentido, evidentemente, embora, convenhamos, inexista qualquer sentido ou bondade na expressão. De qualquer modo, uma coisa fica clara: sua situação se complica. Pelo menos no que diz respeito à questões de natureza, digamos, litúrgico-misericordiosas.

— Vossa santidade não quer entrar? Sentar um pouco, tomar uma água, um chá, um café com biscoito, um vinho, ficar por uns dias? — arrisca, tentando reparar o que provavelmente já não tem conserto.

— Não precisa me chamar assim, não sou Papa...

— Pura questão de tempo... — extrapola, deixando a entender que se utilizaria de quaisquer armas que tivesse à mão, incluindo a própria para puxar-lhe o que achasse por bem.

E de fato puxa, fazendo com que o futuro Papa, embora agradeça o vinho e deixe o biscoito para outra ocasião, acabe por aceitar, mas apenas o convite para entrar e tomar um café. Ele exclui das despesas diversas o que acrescera de taxa extraordinária e do próprio dízimo, reavalia, abate mais um pouco à guisa do dízimo episcopal e reduz outro tanto como estipêndio visando abrandar sua culpa — e amortizar algumas das centenas de terços e salve-rainhas da dívida acumulada. Mas, antes da oferta, tenta obter algum troco.

— Se você, desculpe, vossa eminência pudesse aproveitar e benzer o imóvel, acho que poderia oferecer-lhe um desconto maior...

O bispo o olha enviesado e não responde. É possível que tenha estranhado, e condenado, a proposta de permutar mero desconto financeiro por algo tão etéreo. Ou talvez não tenha aprovado o tratamento de você; ou mesmo vossa eminência — quem sabe devesse chamá-lo por vossa reverendíssima? Ou vossa eminência reverendíssima? Para que não restem dívidas, não hesita em esclarecer. Ou confundir.

— Se bem que uma coisa nada tem nada a ver com a outra, imagine! Vossa eminência reverendíssima já deve ter notado que sou muito desprendido de coisas materiais...

Não muito convencido, o Bispo desconversa, hesita, porém acaba topando. Mas só um descarrego. E nele, não no imóvel. Ele lamenta a oportunidade perdida de

valorizá-lo, estranha — Bispo metido em descarregos? —, mas aceita. E oferta-lhe um desconto de quinze por cento. E quase cai no choro. Não que tenha sido tomado por algum tipo de comoção espiritual ou algo parecido, devendo-se tão somente à inabilidade em lidar com a própria, e possivelmente desconhecida, generosidade.

Preenchem um contrato em formulário simples, apenas com as bases mais importantes, não pede fiador, fato raro — constrangido, não tem coragem; ademais, a própria igreja já é um e dos bons —, assinam e apertam-se as mãos. Ainda bastante sentido, esforçando-se para esquecer a estipúlia episcopo-econômico-financeira, emenda a primeira pergunta que lhe vem à cabeça.

— Quando vossa eminência reverendíssima se muda?

— Conversarei primeiro com Irmã Imaculada. Logo que ela decida, retorno-lhe...

A resposta o deixa tão intrigado que o faz olvidar, ainda que momentaneamente, o recente melindre. Precisa se segurar para não falar asneira. Talvez fosse sua secretária, irmã de caridade, senão, de sangue. Ou a responsável pelas finanças da diocese. Mas a única coisa que fica em sua cabeça, além de um intenso e profundo sentimento de perda, é o talvez — e mais um peso na consciência pelas elucubrações e desconfianças suscitadas pela resposta inesperada.

Uma semana depois o Bispo faz a mudança. Nunca fora muito de fofoca, mas, à boca pequena, contam-lhe que no meio de muitas caixas, bolsas, pacotes, eletrodomésticos, móveis, livros e roupas, teriam sido vistos alguns trajes femininos. Lembra-se da Irmã Imaculada. Talvez seja

realmente sua irmã e tenha vindo morar com ele. Não vê nenhum problema. Dentre os móveis sóbrios, alguns montados, outros não, alguém identifica uma cama de solteiro e outra de casal. Começa a estranhar.

Num misto de curiosidade e desconfiança, passa a acompanhar, ainda que à distância e com discrição, os passos igualmente discretos do Bispo. Ao contrário da vizinhança, que também o observa, mas com incontida e obstinada excitação. Não demoram a descobrir que a Irmã Imaculada praticamente mora no imóvel. Fica dia e noite, quase não sai de casa a não ser, muito bem-arrumada e vestida com sobriedade, para acompanhar o Bispo em algum compromisso.

Justamente o compromisso, ou o tipo do compromisso — não dele, mas entre eles —, torna-se o principal tema das conversas na vizinhança conservadora, a cada dia mais desassossegada com o que vê, ou pensa ver, como ameaça aos tradicionais costumes religiosos. Começa a achar que precisa tomar alguma providência. Antes que certas ações capazes de deixar Sodoma e Gomorra assemelhem-se a brincadeiras do jardim da infância venham a ocorrer justamente nas dependências de seu imóvel.

Mas ainda tem muitas dúvidas. Até encontrá-los juntos no elevador. E qual não é sua surpresa ao descobrir que Irmã Imaculada não parece ter cara de irmã de caridade — tampouco cabelo, quadril, pernas ou qualquer outra parte de seu corpo bem torneado. Aliás, a julgar por sua maquiagem, olhar, meio sorriso, roupas, roupa, melhor dizendo — trajes tão minúsculos no plural seria exagero —, vem-lhe, de fato, à cabeça, algumas coisas com que possa se parecer, mas nenhuma delas irmã de caridade...

— Bom dia — responde ao cumprimento do religioso, esquadrinhando-o com cautela, atinando-se, com raro senso de observação, que uma de suas mãos não se encontra a vista.

— Aonde encontro seu superior! — encoraja-se, ofendido, ou possivelmente com uma ponta de inveja, ao perceber que a mão extraviada parece envolver a transgressora cintura da Irmã Imaculada.

Com o elevador aproximando-se do térreo o Bispo afasta a mão da posição comprometedora em que se encontra, volta-se em sua direção e, sem dizer palavra, aponta-a para o alto. Quem sabe a presumir que o superior do Bispo resida na cobertura, ou, a depender das pretensões do mesmo, alguns andares acima, é justamente para onde dirige seu olhar. Quando o elevador chega, o religioso dá um leve toque na mulher, que o acompanha. E esta, ao afastar-se, revela amostra abundante de que irmã, seja de que espécie for, ela não deve ser. Enquanto busca resistir à pecaminosa tentação de cobiçar a irmã do próximo — ou mulher, ao que parece —, dá-se conta de que não há muito o que fazer.

Chega até a cogitar uma espécie de protesto formal, todavia, diante das incertezas, além do risco de o mandarem reclamar com o bispo, desiste. Porém, repensa: por que não averiguar? Movido mais por curiosidade, ainda que com algum espírito inquisitorial, possível herança do cônego alemão, resolve procurá-lo. Sabendo que algumas beatas que o visitaram logo que se mudara teriam sido gentilmente convidadas a assistir uma celebração em sua igreja, resolve informar-se com as mesmas sobre o endereço. Apesar de distante, na periferia, decide ir num domingo, no horário em que as convidara.

Lá chegando, surpreende-se com a quantidade de fiéis. E mais ainda com as promessas que vão de fortuna e prosperidade à cura de doenças incuráveis, olho gordo, bebedeiras, solidão, desilusões amorosas e impotência estampadas numa faixa encimando a entrada de um amplo e bem decorado galpão. Dentro, centenas de bancos, lotados de fiéis, rodeiam um palco monumental onde o Bispo brada contra os infiéis e o coisa-ruim, anunciando a maior campanha de descarregos de todos os tempos.

Embora a pregação lembre os sermões inquisitoriais do cônego alemão, nada leva a crer que a Igreja dos Avatares do Senhor, titulação estampada logo abaixo das promessas, tenha algo a ver com a igreja que imaginara encontrar. E afora ao próprio Bispo, que tudo indica ser a autoridade máxima, não teria mesmo com quem reclamar. Aliás, sequer motivos teria. Logo, que o Bispo e a Irmã Imaculada fizessem o que bem entendessem, à hora e local em que melhor lhes conviessem.

Lembrando-se contudo de que este local seria — fora, melhor dizendo —, com grande probabilidade de acerto, seu imóvel, observa a fila do descarrego onde identifica conhecidos, incluindo-se as beatas da vizinhança, recorda a promessa angariada como troco ao desconto ofertado — que já considera perdido — e, seja em que credo for, resolve desfrutá-la. E entra na fila. Mas não demora a perceber, ou melhor, demora, quase uma hora para ser mais exato, que desfrutar não seria exatamente a expressão mais adequada.

— O senhor paga o dízimo? — inquire a mocinha, abrindo-lhe um sorriso.

— Mais ou menos...

— Tem recibo?

— Não... Mas o Bispo prometeu... — gagueja.

— São duzentos... Dinheiro ou cheque? — indaga-lhe, pronta a preencher a papeleta do recibo.

Surpreso, pensa em questioná-la, argumentar que o preço está fora da realidade, duvidar que alguém pague aquele valor, mas por completo desconhecimento da demanda no mercado de descarregos, prefere calar-se. Sentindo sua hesitação e claramente disposta a arregimentar mais um fiel, ou cliente — melhor, cliente fiel —, a mocinha, sempre confiante e sorridente, parecendo adivinhar seus pensamentos, volta à carga.

— Com esse preço o senhor não achará outra oportunidade em nenhum lugar do mundo! Pode acreditar...

Escaldado com a estratégia — e admirado com o preço —, sente um ar de *déjà-vu*, nada diz, vira-se e vai embora. No caminho de volta, perde-se em reflexões acerca de cônegos alemães, sermões inquisitoriais, bispos, romanos, capítulos, versículos, dízimos, mentiras, pecados e, sobretudo, descarregos. E deduz que talvez precise mesmo de um. Mas não só ele, infere, considerando a quantidade de pessoas que esperavam na fila. Por curiosidade, tenta quantificá-las. E chega a um número aproximado.

Quase instantaneamente, multiplica esse número pelo valor cobrado pela mocinha. Impressionado, estima também o total de fiéis presentes no templo, o valor do dízimo e a oportunidade, multiplicando-os um pelo outro. Em seguida, soma os resultados, arregala os olhos até o branco, relembra atributos da Irmã Imaculada, antecipa como penitência um sem número de terços, salve-rainhas e crendeuspadres, avença-se em mais uma promessa a Santo

Antônio — a ser paga quando e se der — e toma a decisão de propor ao Bispo a permuta da cessão graciosa de seu imóvel em troca de uma pequena participação societária na Igreja dos Avatares do Senhor.

Isabel Tereza de Araujo Galvão
– São Gonçalo do Amarante/RN - 2º Lugar

Óleo de Coco

Maria das Dores estava ansiosa desde que acordara. Não deixara transparecer para o marido, João. Levantara como nunca mais o fizera, às 5 horas, passou o café dele, coou o pó, assou o pãozinho francês de ontem na frigideira. O cheirinho bom tomou os cômodos da casa simples onde moravam. Aluguel caro, três cubículos por aquele preço, um absurdo! Mas precisavam de um lugar para morar. João não se continha de felicidade, fazia tempo que não recebia um carinho assim.

Quando descobrira a gravidez aos dezesseis anos, a mãe, na sua vida sofrida com cinco filhos sem pai, não entendera. Cace rumo. Caçou. João era um rapaz bom, servente de pedreiro, não quis ver Dasdores humilhada em casa, tirara-a de lá, alugara um quartinho na Vila Paraíso e foram viver juntos. Era o pai do filho dela, mexera com ela aos treze anos, nada mais justo. Além disso, gostava da mulatinha, de corpo esbelto, ancas generosas, cabelo crespo cheiroso a óleo de coco, sorriso branco sempre aberto.

Conhecera o João no caminho para a casa da patroa da mãe, quando ia ajudá-la no serviço doméstico. Casa grande, sobrado de dois andares, dona Celina não se incomodava que a empregada levasse a filha. Saíam madrugada, escuro, para chegar a tempo, duas conduções até o destino no bairro de ricos.

No trajeto até o ponto do ônibus tinha uma obra, estavam construindo umas casinhas para alugar, diziam que era de seu Tião vendeiro, homem mesquinho, ruim, vendendo víveres pela hora da morte, anotando tudo na caderneta ensebada e suja, tanto quanto suas mãos e unhas, os olhinhos suínos perscrutando a cara e o bolso daquela gente.

A lida na obra começava cedo, e numa das passadas na frente, Dasdores notara um rapaz forte, moreno, puxando traço de massa, cantarolando um samba, sem camisa, as calças enroladas nos tornozelos, as botinas gastas, no movimento de levantar e abaixar o tronco enquanto revolia a mistura cinzenta no solo.

Olhara mais do que precisava, e seus olhares se encontraram. A mãe bem lá na frente.

- Anda, menina, hoje tá piada! Se perdermos esse, o bicho vai pegar, visse? Só me faltava perder esse emprego! Avia!

Passou a amar a ida ao emprego da mãe. Levantava sozinha, se ajeitava, passava o óleo de coco caseiro no cabelo, cheirava gostoso. Adocicado, com um jeitinho assim de quase querer comer. Punha sempre uma fita, ou uma tiara, um broche, um enfeite que fosse. Os olhares sempre se cruzavam, os sorrisinhos começaram a se formar nos cantos das bocas, inicialmente discretos, depois a meia boca, até abrirem-se em dentes brancos de alvas vontades.

João descobrira onde ela morava, escondera-se por trás da construção e, na volta delas para casa, à noitinha, seguira-as a uma distância segura. Em um domingo, quando ela saiu para ir à venda, ele saiu de trás de uma árvore, armado de um sorriso e uma flor silvestre, colhida há pouco no canteiro da praça.

O namoro engatou, Dasdores levou-o para conhecer a mãe e irmãos. Era isso mesmo, pensava a mãe. Idade já tem, e além do mais, o rapaz trabalha. Mais cedo ou mais tarde, isso ia acontecer.

Namoraram três anos, os alvos sorrisos foram se transformando em purpúreos desejos, em dourados beijos de mel viscoso escorrido, o cheirinho de óleo de coco do cabelo de Dasdores, adocicado, mexendo com as vontades do João, dos dois. Então, ela engravidara.

O quartinho na Vila Paraíso ficara insalubre, Dasdores, já com quase dois meses, enjoava da catinga da água sempre correndo na porta, do cheiro ruim dos viralatas e seus escarafunchados nas sacolas de lixo, dos bêbados fedendo a cachaça que passavam e a vendo sozinha, quando João estava no batente, lançavam cantadas e assobios desavergonhados.

Saíram de lá. Com muita dificuldade, João alugara a casa de três cômodos, apertaram aqui um pouco, ali um pouco mais e se mudaram. Quando fazia duas semanas que estavam na nova casa, Dasdores acordou com fortes cólicas, chamou o marido, um vizinho os levou ao hospital público na madrugada, ela perdeu o bebê. Estava então com dois meses.

Não se soube o motivo, pobre não vai atrás dessas coisas, principalmente das que causam mais sofrimento do que o que já passam. Chegaram num consenso e não quiseram mais ter filhos por enquanto. O que João ganhava era pouco, mal dava para as despesas, viviam pensando em como fariam para comprar as coisas do menino novo.

— Dasdores, quem sabe não é a vontade de Deus, nêga? Como iríamos sustentar o bichinho?

— No peito.

E saía ainda ressentida com o ocorrido. João entendia, o pedacinho de carne tava dentro dela, que sabia ele dessas coisas? E a vida seguia.

Dasdores, com a perda do filho, sentira bastante. Fazia os afazeres domésticos sem vontade, mecanicamente, muitas vezes uma lágrima teimosa rolava e misturava-se à água no tanque onde lavava as roupas. Ou pingava no prato ainda sujo com os restos do feijão com farinha sobre a tosca mesa de pernas bambas da cozinha.

Até as vontades de deitar com o João tinham mudado. Várias vezes o repelira, gentilmente, retirando a mão dele do seu ombro, afastando seu corpo do dele, fingindo dores de cabeça, na verdade dores de alma.

Passara a relaxar com a casa. Sempre por varrer, a louça acumulando-se na pia, a roupa do marido enxovalhada, o feijão com gosto de queimado.

João sentiu a mudança. Passou a demorar a vir para casa. Após o serviço, demorava-se no bar, a pinga quente aquecia-lhe a alma. Chegava tarde, Dasdores dormindo, muitas vezes não tinha janta, fritava um ovo e comia com farinha, os olhos perdidos nas estrelas que enfeitavam a janelinha da cozinha, sonhando com o tempo em que eram um casal feliz, e que ao chegar era recebido por dois braços quentes e um beijo caloroso, quando então afundava o rosto no cabelo cheiroso a óleo de coco da sua nêga. Perdera as contas de quantas vezes o jantar ficava para depois, as urgências de amor tendo que ser saciadas, muitas vezes ali mesmo na cozinha.

— João, cuidado, assim caio no fogo, nêgo!
Gargalhava Dasdores, entre beijos.

Embriagado, demorava a acordar. Dasdores deitada, sabia-se lá se dormia, se estava de olhos grelados pensando no menino perdido. Ele coava seu próprio café preto e saía. Começou a chegar atrasado no serviço. O mestre de obras reclamou uma, duas, três vezes. Perdeu o emprego.

Começaram a brigar, ressentimentos e choros vieram à tona.

Com o desemprego, começou a faltar tudo: desde o aluguel da casa e dinheiro para pagar as contas, como também os mantimentos na cozinha. João arrumou uns bicos, limpou mato nos quintais, catou recicláveis nas lixeiras dos bairros dos ricos, podou árvores, ajudou vizinhos quando precisaram fazer puxadinhos, muitas vezes por um prato de comida, um não, dois, deixava claro que tinha que levar a comida de Dasdores que, dia após dia, mais se entregava à tristeza.

Até que, um dia, depois de muitas provações, um companheiro da obra o avistou e falou que uma firma estava pegando gente para a construção civil, tanto é que ele próprio já estava empregado junto com o Inocêncio, lembrava dele? A prefeitura ia construir mais de mil casas populares e estavam precisando de gente. Disse o endereço, fosse lá amanhã.

João correu em casa, entrou abruptamente, Dasdores estava na rede no quarto, os olhos fitos no nada da parede nua. Deu-lhe um beijo afobado na boca, enrubescendo em seguida, fazia tempo que não se beijavam. Ela levantou os olhos para ele.

— Nêga, tem uma promessa de emprego, emprego bom, firma, carteira assinada, olha só, vamos sair dessa, Dasdores, se Deus quiser! Louvado seja Nosso Senhor Jesus

Cristo, e o Armindo, que encontrei por acaso e já tá lá trabalhando! Pois bem nêga, se tudo der certo, podemos pensar num meninim de novo, e então? Bonitim que nem tu! Trabaiadô que nem o pai!_ João ria, os olhos brilhavam, andava pelo aposento num frenesi de fera ouriçada.

Dasdores o olhava fixamente. Um pedacinho de sorriso, só uma nesguinha, começou a aparecer no canto da boca, um lampejo rápido passou pelos seus olhos pretos, iluminando-os.

— Vai lá quando?

— Amanhã, nêga, 7 horas já vou estar lá! Quero ser dos primeiros! É longe, viu, só devo chegar à noitinha.

Naquela manhã, atravessada por uma noite insone dos dois, depois que o João saíra, Dasdores pegou os apetrechos de limpeza, sacudiu as teias de aranha e pôs mãos à obra. A casa ficou um brinco! Com um restinho de dinheiro do último bico do João comprou um franguinho, fez do jeito que o marido apreciava, temperinho caseiro, cheirinho de ervas no ar. O jantar estava pronto. Anoitecendo, após o banho, pegou o vidrinho com o óleo de coco esquecido no fundo da caixa de papelão sobre a cômoda onde guardava seus produtos e enfeites de mulher. Uma lua, menina ainda, dava as caras na janelinha da cozinha.

Estava na sala, perante o espelho, trançando o cabelo, quando ouve o ranger das dobradiças da porta. Teve um sobressalto! O João empurra a porta devagarzinho, pára no umbral. Lá está sua nêga, linda, cabelo trançado, vestidinho florido delineando montes e vales, meio sorriso subindo para os olhos, onde dançam chamas de querências. Sentiu o cheirinho do óleo de coco vindo dos seus cabelos.

O olhar de Dasdores baixa para as mãos do marido,

ele segura algo azul. É a carteira de trabalho, um troféu de verdade, não para um atleta olímpico, mas para um homem trabalhador. O meio sorriso do seu João, malicioso, disse tudo. Conseguiu.

Com duas passadas largas, a distância entre os dois é vencida. A carteira de trabalho escapa da mão do homem e rola para o chão de cimento queimado, caindo aberta no tapetinho de retalhos sob a mesinha com a imagem da santa. Faltam mãos e olhos e bocas para todas as urgências esquecidas há muito tempo. A lua, enrubescida, olha pela janela, discretamente, só um pequeno semicírculo no céu.

Era período fértil.

Hector Lumen - Volta Redonda/RJ - 3º Lugar

Um Conto Nada Perfeito

Um título pode não definir muita coisa, vamos combinar. Sabemos, mas nem tanto assim. É um começo. O coração se agita e me diz que nada garante um final, muito menos o começo. Não liguem pra ele, é um título apenas. Se é que me entendem? O problema é que não sai da cabeça e agora dos olhos. Já digitei. Está no papel aí no alto, me olhando. Lembrei-me, ainda não é papel. Aparece no branco eletrônico da página. Finjo que não ligo pra essa imposição, digital ou não, daquilo que se intitula.

Nomear sempre foi o grande perigo para não se ver. Perigo de distrair, confundir, conduzir, na maioria das vezes, ao reverso do coração daquilo que se quis dizer. Coisa de prestidigitador. Espere... Encomenda é encomenda. Profissionalismo. Profissionalismo significa que já me deram um adiantamento. A mim, um homem pio, um tostão que seja me obriga ao ofício. Então, vamos ao tema que o tempo é curto, o espaço é curto e a intenção é... Podemos dizer, clara o bastante - para mim pelo menos.

Eu disse intenção. Sim, aquela do Inferno lotado. Lembram? Vamos devagar que ninguém gosta de final no início. O que seria da nossa inesquecível Xerazade se isso acontecesse? Perderia a cabeça por seu amor na primeira noite das mil e uma, e entraria anônima e acéfala na coleção macabra de esposas do Xei que. O Xei que sofria e por isso matava. Eu não tenho mais que uma noite para o começo, meio e fim e, enfim, matar, não, matar, não, entregar tudo.

Eu tenho um contrato, só isso. E um contrato não se importa com o que acontece dentro da noite. Um contrato não tem remorso, só tem cabeça. Chega. Vamos! E o que conto?

Tomo o resto de café. Abandono a xícara de lado. “Os dedos subiam roçando a parte de dentro da coxa até que a respiração dela se perdeu num gemido incontido no toque masculino.” É isso! “Lá fora, o pulso do fluxo dos carros. O ritmo dos sinais de trânsito. O ruído da rua chegava enfraquecido ao décimo quinto andar. Os sons dos faróis, das lanternas, dos motores. Eram a cidade e a noite.

Movimento, som, respiração suspensa. Quebrando a dança, vez ou outra, ouviam-se pneus numa freada brusca, mas sem grandes consequências. Luísa assim mesmo se assustava, imaginando algum acidente mais grave e levava as mãos ao peito. Era do mesmo modo sempre.

Rodrigo a tocou. Descanso de gozo relaxado dentro do abraço acolhedor. Despediram-se com um beijo. Agora, ela olhava parada, nua no escuro diante da janela. Acompanhava o homem que saiu há pouco, pegando um táxi na portaria lá embaixo. Ele acenou para a silhueta à meia luz lá em cima. Quando o carro sumiu de vista, Luísa voltou para cama e se enfiou sob o lençol com uma preocupação enrolada no corpo nu, uma preocupação sem motivo aparente, que acabou entorpecida no meio do sono.”

O que começa tem que continuar. Não, não tem. Continua porque não pode parar. O celular toca e digito em resposta que estou mandando o texto amanhã bem cedo. A mentira mantém os negócios e as instituições em pé e eu, sentado, agora vou ter que trabalhar a noite inteira e mesmo assim, não sei não. Escravidão. Estar conectado, estar acorrentado ao tempo do outro nessa rede sem escape, sem

horas extras a receber, expondo o fígado à ave de rapina. Portabilidade escravocrata e eu nesse solilóquio maluco. Meu Deus, estou perdendo as palavras lúcidas e essas aí me aparecem, tenho que voltar, voltar ao tema. Tá bom... o adiantamento. Eu sei.

“O táxi rodava pela madrugada quase sozinho. O motorista tinha a cabeça raspada contrastando com a barba longa e preta que ia quase até o peito. Jovem, ele passava a mão pela barba até a ponta e olhava pelo espelho o passageiro. Abriu um sorriso tranquilo e não era mais o homem das cavernas com a clava escondida debaixo do banco como pareceu à primeira vista. Atrás, bem confortável, Rodrigo relaxou e disse o endereço ao motorista, deixando-se lembrar de Luisa por mais um momento, largando a maleta ao lado. Reparou, ainda, quando tomou o táxi, na camiseta amarela com o símbolo hippie do sujeito estranho ao volante, os anos setenta estampados em preto, estilizado o desenho como que escorrendo camisa abaixo, o que não combinava em nada com o sertanejo universitário que tocava no rádio. Com certeza, o menino de barba não tinha idade pra entender aquele signo, contracultura que virou cultura rara que virou produto nesses tempos boçais. Quem diria: a contracultura “viralizou”...Consumo de massa!Esse menino só tinha barba mesmo – pensou o passageiro sonolento dentro do bocejo.”

Não acredito. Hoje não. Só hoje, não. O vizinho dando passos no andar de cima a essa hora vai me enlouquecer. Quero mais café. Balanço em vão a xícara seca. Não posso sair daqui. Tenho que terminar. Não acredito, fazendo um café agora! O cheiro era um tiro de misericórdia na minha atenção já moribunda de cafeína ou outra coisa com “ína” que me mantivesse com os olhos fixos dentro da

tela. Não é um vizinho, é aquela mulher maluca. Se sabe que tem insônia, vai tomar café agora? Ao menos podia tirar a sandália de salto. Pra que psicanálise se toma café nas horas mais impróprias? Se anda de salto alto impróprio? Vai pescar. Por que não? Pega o molinete e desce agora e vai pescar! Já vi mulher pescando na beira do rio à noite. Aliás, duas, uma ao lado da outra. Era quase madrugada. Sinistro. Isso não é coisa de mulher direita. Nossa, meu pensamento dobrou muito à direita.

“O motorista acelerou bruscamente fazendo Rodrigo acordar e olhar em volta. Não reconheceu o trajeto. A princípio, pensou que era só seu sono. Ei, amigo, você passou direto. Aquele caminho ia pro morro e sem a ajuda de nenhum GPS programado em outra civilização. Aliás, programado na civilização. O careca ignorou os protestos do homem e já não mostrava o sorriso no meio daquela barba toda. Impassível, entrou na rua estreita. Freou de repente e três motos cercaram o carro. Sai, sai, sai logo, seu bosta! Arrancaram o sujeito do carro e o jogaram na calçada com pasta e tudo. Apontaram duas armas para a sua cabeça como aparelhos de choque elétrico, enquanto o motorista/barbudo/sertanejo/universitário aumentava o som do rádio. Luísa rolava na cama num pesadelo premonitório”.

Não, esse cheiro de café vai descer até a portaria, com certeza. Vou chamar o Síndico. Sim, não, quero dizer, a Síndica. Caramba, é tudo mulher aqui. Colonização alienígena. Vai ver TV, mas esse cheiro, não. Mal estar na civilização tem esse sentido que Freud nunca experienciou. As pessoas não podem viver umas em cima das outras, umas ao lado das outras o tempo todo ou a essa hora. A vida privada do outro andar não me deixa em paz. Esse café está

aromatizado com... Chocolate! Não pode ser! Alijado do meu tema desse modo como um cão no cio. Humilhante. Essa mulher deveria acabar na cisterna do edifício com molinete e tudo. Eu sei, pareceu Allan Poe. Já passou. Vou matar só o gato dela. Desculpem-me, Poe de novo e ela nem tem gato. Eu sei também que café não faz barulho, mas esse cheiro é uma broca, fura o meu silêncio, furadeira invadindo a minha cabeça.

“De joelho seu bosta, de joelho. Perdeu! A carteira, o celular, a pasta, vamo, vamo! Calma, já tá tudo aí, calma. Rodrigo tentou argumentar. As motos aceleravam. Um dos motoqueiros recolhia os objetos e jogava dentro do táxi. Depressa, é melhor apagar o cara logo. E a maleta? Abre isso aí. Só tem documento, meu amigo. Tem um computador aqui. Só documento, né, Mané? Enfiaram agora o cano de um dos revólveres dentro boca de Rodrigo que fechou os olhos na liberdade do desespero que lhe cabia naquele momento. Isso aqui também é documento, seu otário! Engatilhou.”

Apertei. Apertei a campainha. Eu precisava acabar com isso agora. A porta se abriu. Era quase uma dor... CRÔNICA. Nunca tinha reparado nessa vizinha direito. Estava de camisola e com o maldito (nem tanto, agora lindo) salto alto. Eu precisava resolver isso de uma vez por todas: A senhora poderia me servir um pouco desse café?

Felipe Clos Bassedone - Santa Maria/RS
- Incentivo Local

Em Busca de Exílio

A começar, verdade seja dita, fui e continuo a ser um inveterado amante de Neruda. Em meus anseios de pesquisas acadêmicas sempre procurei revelar algo inovador de sua poesia. Por isso, por algum tempo, tomei as palavras de Enrico Santí e de Harold Bloom como que dogmáticas, ao avançarem contra Borges, acreditando que o conto ‘El Aleph’ era a sátira poética do épico proletário ‘Canto General’. Na época, durante os anos de faculdade (eu cursava Letras), o poema havia despertado o meu espírito crítico e social, pois prestava-se a reclamar uma realidade latino-americana a qual desconhecia. A constatação logo seria, então, de que Borges havia ferido o cânone da Literatura universal com picuinhas políticas. Imediatamente, tomado pelo meu senso de neutralidade do fazer literário, passei a alimentar, sob o fértil terreno do ódio, meu desprezo total para com a obra do contista argentino.

Confesso que em determinado momento cheguei a cogitar a ideia de trabalhar o tema mais detalhadamente em seminários e simpósios da área, entretanto, por receio de meu inexperiente arcabouço teórico, acabei por simplesmente defender os argumentos de Santí e Bloom entre alguns colegas em conversas despreziosas. Logo o debate polarizou-se pelos corredores da faculdade, ganhando força, inclusive, nas mesas dos bares e dos cafés,

provavelmente, muito em virtude de um momento político onde cada palavra pública assumia um contorno ideológico irreversível. Em pouco tempo, para minha total surpresa e rejeição, o assunto precedeu o meu nome e passei a receber os créditos de uma análise que jamais deixei de referenciar a autoria. Desse modo, submetido a uma série de boatos desenfreados, passei a ganhar apoiadores dispostos a defender-me com unhas e dentes. Entretanto, piores foram os que se opuseram, dada a força da rivalidade e o prazer com que se satisfaziam em suas sabatinas por onde quer que eu fosse.

Minha vida teria se resumido ao isolamento doméstico não fosse pela sorte de encontrar um exílio entre o caminho de casa e a faculdade. Um lugar onde todo estudante era bem-vindo independente de suas convicções literário-partidárias. Era o Sebo Daneri, nome que para meu infortúnio fazia nítida menção ao famoso conto de Borges. O local possuía a estereotípica atmosfera dos sebos, alguns volumes raros, que custavam os olhos da cara para quem mantinha os estudos a custo de muito esforço financeiro, além de uma centena de milhares de outros títulos, que jamais recebiam a atenção de um espanador. Carlos e Beatriz, dois argentinos que haviam adotado o Brasil como morada (o que aumentava a minha zanga a respeito de Borges) eram os proprietários. Ambos haviam construído a vida em torno do ofício, uma história patética de paixão que começara ainda quando cursavam filosofia em Buenos Aires. Resistiram às crises e às recessões vendendo livros quase que a preços irrisórios com o objetivo de fugir da violência que assolava o seu país. Chegaram ao Brasil com as roupas do corpo e uma caixa na qual meia dúzia de livros. Em épocas

assim, diziam eles, a leitura e a cultura acabam sendo artigos de última necessidade. Por essa razão, para que conseguissem reconstruir o caminho das pedras longe da terra natal, elegeram o hábito de não permitir manifestações políticas dentro do seu estabelecimento. Era uma regra sagrada que garantia a permanência em território brasileiro e a constante presença de leitores, não importando o espectro político que por ventura defendessem.

Embora a cláusula máxima fosse dura para muitos dos frequentadores, Carlos e Beatriz faziam questão de serem flexíveis para com todo o resto, desse modo, era comum que muitos dos títulos nunca estivessem em ordem nas prateleiras, ou que se fumassem cigarros, enquanto uma leitura era saboreada numa das inúmeras saletas abarrotadas de quinquilharias, por onde se deitavam os gatos com suas posturas preguiçosas e insolentes. De fato, maior que o desafio de encontrar o que se desejava ler, era, sobretudo, respirar o ar rarefeito, por vezes, insuportável, que pairava no ambiente, ainda mais se o leitor fosse alérgico ao ácaro ou ao tabaco.

Para mim, nada disso tinha a menor importância, os conterrâneos e ávidos leitores de Borges me recebiam sempre de braços abertos e me tratavam como a um filho. Eu respirava o mais puro ar da neutralidade, sem os adeptos de minhas paixões acerca de Neruda, melhor que isso, sem os algozes que não se cansavam de vociferar contra mim, ao me reconhecer pelos bares e cafés. De fato, nunca fui de me importar com a conjuntura política do país e as disputas ideológicas, ao meu entendimento, deveriam se manter no campo do debate teórico e longe das ruas e do convencimento pelo uso da violência física. Meu

posicionamento filosófico supremo, era o do pacifismo e do respeito às ideias que se contrapunham. Em verdade, não havia desejado nada daquilo que apregoavam tanto a favor ou contra a minha pessoa. E para ser mais franco, eu odiava os irracionais extremistas que haviam tomado partido a respeito dos meus estudos literários. Portanto, era natural a minha indiferença diante de passeatas favoráveis ou contrárias ao governo fervilhando pelas ruas da cidade, pois, o exílio oferecido pelo sebo Daneri, me mantinha livre daquela caótica situação que se agravava rapidamente.

Aconteceu que, devida a extrema complicação da conjuntura política do país, em pouco tempo, os bares e os cafés ficaram vazios e os debatedores trocaram o ócio e os livros engrossando o caldo das agitações pelas ruas. Como nenhum daqueles que se dispuseram em favor dos meus argumentos fazia parte do meu restrito círculo de amigos, não notei a razão de seus inexplicáveis desaparecimentos. Quanto aos meus adversários, estes se mostravam cegamente enfurecidos, defendendo a teoria de que eu havia me tornado um inimigo a ser aniquilado. Não eram raras as vezes em que telefonemas anônimos exigiam que eu abandonasse a dita subversiva literatura de Pablo Neruda. Mesmo assim, tentei evitar que o medo tomasse conta das minhas ações e continuei a rotina dos estudos, pois, o melhor remédio para toda a insanidade daqueles dias, estava no fato de jamais abrir mão do direito de exercer a minha neutralidade política e, para todos os efeitos, a Literatura, minha paixão suprema, deveria estar acima do bem e do mal.

No entanto, pouco a pouco, as saídas de casa foram tornando-se insuportáveis, dado o fato de que as ruas já não eram seguras a mais ninguém. A repressão armada instaurada pelo governo, arbitrariamente, se utilizando de seus

princípios de neutralidade, dissipava toda e qualquer manifestação, fosse ela pacífica ou violenta. Quanto aos defensores da ordem urbana, estes se organizavam em pequenos comitês, a fim de caçar suspeitos que pudessem aplacar uma vingança na qual há muito deixara de possuir motivações concretas. Finalmente comecei a suspeitar que a minha neutralidade estava ameaçada e eu necessitava me sentir à parte de tudo aquilo.

Foi nessa ocasião que decidi recorrer ao sebo Daneri, em busca de um pouco de paz e de liberdade. Enquanto caminhava, notei que alguns rapazes me seguiam à distância. Eram aqueles que se diziam meus opositores. Aguardavam o momento em que eu fraquejaria e assumiria a posição que tentavam me impor. Apressei os passos, convicto de que não me intimidariam. Sem que eu pudesse controlar, por nervosismo ou instinto de preservação, intercalei pequenas corridas com passadas largas pelas calçadas. O sebo ficava próximo de casa, não havia necessidade em tomar qualquer transporte. Se acaso o fizesse, logo saberiam que eu estaria me colocando em fuga. Em minutos, alcancei a avenida principal, pensei que estaria a salvo no meio de uma multidão que se aglomerava pela via. Os cartazes “Pátria, Família e Fé” completavam os gritos de ordem que se elevavam contra a corrupção no país. Achei que seria engolido pela multidão e quase desisti de chegar ao sebo. Resolvi afastar-me da manifestação com o receio de que Carlos e Beatriz me vissem e impedissem a tentativa de exílio. Já na calçada pude avistar o balaio com os livros em promoção. Antes de me entregar à corrida final, olhei para trás e reparei que o grupo de rapazes gesticulava em minha direção, apelando para uma multidão que clamava por um fato político. Um soldado que escoltava os

manifestantes se posicionou em defesa dos rapazes e avançou de cacete em mãos em meu encalço. Quando consegui por fim entrar no sebo, já estava sem fôlego e sem condições de proferir uma palavra em minha defesa. Inflamado pela multidão, o soldado investiu porta a dentro como se tomado por uma questão de honra. Naquele momento, na iminência de sofrer a violência gratuita que se levantava diante dos meus direitos, senti que, injustamente, sofreria as represálias por algo que havia evitado durante meses. Caí, sem forças e coagido. Beatriz, de semblante inexpressivo, saiu de traz de uma pilha de livros e fechou as portas passando uma grossa corrente pelos trincos. Pensei por um instante na pretensa neutralidade dos argentinos e quis chamá-los de traidores. A passeata do lado de fora estacionara o cortejo diante do Daneri, possivelmente à espera do momento no qual o soldado me arrastaria para fora num triunfo da moralidade. Devido aos gritos e aos slogans positivistas, que reverberavam pelas paredes do sebo, ninguém escutaria meus apelos por socorro. Foi aí que, finalmente, entendi como tantos haviam inexplicavelmente desaparecido. O meu destino passava cristalino diante dos olhos. Eu estava fadado ao fim idêntico de tantos outros. O soldado, incendiado pela vibração da torcida, esbravejava insultos inaudíveis por entre um ranger de dentes raivosos. Inutilmente levantei um dos braços, acuado no chão à espera do primeiro golpe. Então notei por baixo do braço a sombra que se aproximava pelas costas do homem. Era Carlos. O corpo do soldado se estendeu ao chão dada a precisão uma coronhada na nuca. Sem entender o desfecho da situação, soltei o ar que prendia nos pulmões e respirei pela primeira vez o ar espesso do Daneri.

Na madrugada do mesmo dia, Carlos e Beatriz entregaram o soldado para militantes que tratariam de trocá-lo por presos políticos. Seguimos de carro para fronteira, abandonando de uma vez por todas a ingênua neutralidade que tentara sustentar durante aqueles dias de juventude. Após algumas horas na estrada, encontramos um sujeito que nos levaria ao Chile, em busca de exílio. Já em terras chilenas, notei que, aos pés do banco traseiro do carro, o casal havia reservado uma caixa de livros. Entre os títulos, a primeira edição de “O Aleph”. Quanta gafe! Convicto de que Bloom e Santí estavam certos, nunca havia me dado ao trabalho de conferir que o livro de Borges teve sua primeira edição publicada um ano antes do lançamento de “Canto General”. Busquei pela página do conto que dá nome à obra do argentino, acendi um cigarro e saboreei a minha primeira leitura em busca de exílio.

Danilo Drumond de Avelino - Belo Horizonte/MG

- 1ª Menção Honrosa

Sorte Grande

Enrolado, fofoqueiro, trambiqueiro, cachaceiro, até caloteiro... Muito dizem a respeito de Quindim. Segundo seus companheiros com quem costuma se reunir para jogar buraco na mesinha de cimento sob a sombra da mais frondosa castanheira da pracinha, nunca gostara de nada que desse muito trabalho. Nem pouco, garantem, explicando que o amigo vive de rolos, favores e fiados. Um pouco diferente de sua própria versão de que, embora vivendo comedidamente de pequenas transações negociais, goza de confiança e farta disponibilidade de crédito no mercado.

Daqueles tipos que estão sempre duros, sem um tostão, e pouco se esforçando para o contrário, nunca se esquece de invocar sua descendência supostamente nobre para não gastar energia e recursos em atividades que, segundo diz, não se encontrem à altura de sua sagacidade. Justamente o atributo, ou sua falta, responsável por fazer com que Nonô reaja com tanta desconfiança diante da boa notícia — ou que deveria ser. Como também deveria ter sido a que recebera semanas atrás, proveniente da mesma fonte.

Na ocasião, confidenciara-lhe timidamente sua antiga, e platônica, paixão por Maria. Garantindo-lhe todo apoio e discrição, Quindim prometera fazer o que pudesse para ajudá-lo. E de fato fez, trazendo-lhe, dias depois, a tão

esperada notícia. Maria gostara e muito da ideia. Todavia, solteirona, quase convicta — há muito passara da hora, pouco faltando para se acostumar à ideia de ficar para titia — só toparia se fosse para casar. No que Nonô não pestanejou. Caso, sim, à hora em que ela quisesse, animara-se. E, de quebra, prometera um tourinho gordo e um leitão como prenda.

Houvera, contudo, pequeno e inesperado mal-entendido com Maria. Marias, melhor dizendo. Isso porque a de Nonô era uma e a de Quindim outra. Explicando melhor: a que o Nonô queria era Maria de Tatão e a que Quindim lhe ajeitara, a de Severo. Após espalhar-se num piscar de olhos — obra de Quindim, a despeito da prometida discrição —, a história só lhe causa dissabores. Primeiro, foi Maria de Tatão. Mesmo admitindo, ainda que tardiamente, certa queda por Nonô, sentindo-se traída, não quer mais saber dele. E, sobre a vaca leiteira boa de leite — acrescida à prenda também tardiamente —, além de insinuações comparando-a à senhora sua mãe, verdadeira santa, sugere enfiá-la em lugar impúblicável.

Maria de Severo, totalmente arrasada e humilhada, além de recomendar que o tourinho gordo e o leitão tivessem exatamente o mesmo destino da vaca sugerido por Maria de Tatão, de quem era vizinha e amiga de infância — e inimiga a partir de então —, resolve assumir sua vocação para titia e pendurar de vez as chuteiras. E dizem, melhor dizendo, Quindim diz — provavelmente com toda discrição —, que, no lugar delas, passara a calçar sapatos tamanho quarenta e quatro.

E ainda havia os pais das Marias. Severo, conhecido por ser o maior capador de leitões das redondezas, afiando pa-

cientemente as longas lâminas de suas facas, sempre bem afiadas, diga-se de passagem, assegurara que Nonô não precisaria se preocupar. Levando-se em conta, no entanto, a fala mansa e olhar mortiço do sujeito corpulento, e evidentemente severo, seria recomendável, ao contrário do afiançado, especialmente para sua integridade corporal — de certa região em especial —, que se preocupasse... E muito!

Por outro lado, todos apostavam que Tatão, embora sossegado, sereno, de modos simples e poucas palavras, mas tão severo quanto Severo, angustiado com o embaraçante desdouro em que Nonô, com a notável contribuição de Quindim, metera sua Maria, decididamente não perdoaria. E realmente não perdoa. Todavia, passando por certas dificuldades, com algumas contas vencidas e a vencer no açougue, padaria e mercearia, sabedor da generosa prenda ofertada por Nonô, não perdoou foi sua Maria por não aceitar Nonô, homem bom, honesto e cheio de atributos, especialmente seu tourinho gordo, o leitão e sobretudo a vaca leiteira boa de leite.

Por tudo isso e mais algumas coisas, Nonô não deposita muita confiança em Quindim. E só por muita insistência dele concordara em participar de uma vaquinha, que obviamente não era sua leiteira, adquirindo cinco tirinhas de um total de vinte de uma cartela da loteria. E nem lhe passara pela cabeça que fosse sorteada. Mas pelo alvoroço e entusiasmo de Quindim, com os olhos vidrados — decerto já tomara algumas — voltados para cima, mesma direção de seus braços abertos como se quisesse agradecer aos céus pela sorte que finalmente lhe presta as honras, é exatamente o que parece.

— Tem certeza? — insiste Nonô, cauteloso.

— Ganhamos! — garante Quindim, sem conter a euforia.

Teimando em manter-se precavido, narram-lhe a vibração de Quindim ao receber a notícia. Contam que dançara, pulara, cantara, gritara e chorara, antes de jogar fora, no mato perto do campinho, quase todos os seus pertences. Ao saber que não poupara sequer seus mais preciosos bens — um generoso naco de fumo de rolo e o rádio Transglobe, no qual não perde um jogo de seu tricolor alvirrubro prateado, que por sinal não ganha faz tempo —, começa a acreditar. E a se empolgar — com dinheiro para crescer três ou quatro garrotes ao tourinho gordo, o leitão e a vaca, já prevê o sim de Maria de Tatão.

Mané barbeiro, outro parceiro de buraco de Quindim na mesinha sob a castanheira ficara também com cinco tirinhas. E com um pé atrás desde que este lhe ofertara uma máquina de cortar cabelo da NASA — praticamente um robô, capaz de fazer quase sozinha diversos cortes diferentes e modernos em apenas cinco minutos. E, mais importante, enfatizara, era usada pelos astronautas! Ainda que não explicasse por que um sujeito perdido no espaço se ocuparia em fazer cortes diferentes e modernos, a quantidade de botões, luzes e instruções incompreensíveis o impressionara.

Apesar de ser um pouco antigo, famoso por seu fio de navalha — e pelas canas que costuma tomar —, fora, num inesperado arroubo de modernidade e desatino, persuadido a adquiri-la. Chega em uma semana, garante-lhe Quindim. No outro dia, empolgado com a novidade, após encomendar uma faixa para a ocasião, pendura-a bem acima da

porta do estabelecimento. Uma barbearia à frente de seu tempo, anuncia em letras garrafais, vangloriando-se, logo abaixo, de ser a primeira a utilizar tecnologia tão avançada. Com a propaganda antecipada revelando-se uma boa jogada, vários clientes se animam a marcar dia e hora para estrear a novidade.

Bem, a tal máquina, que evidentemente não era da NASA, tampouco usada por astronautas, além de custar-lhe os olhos da cara, quase lhe custa a freguesia. Que nem era muita. Tanto que os vários clientes a marcarem dia e hora totalizaram três — e dois sequer comparecem. Pelo menos dois motivos a menos para se usar uma máquina que realiza um corte a cada cinco minutos. Primeiro, porque o movimento normal da barbearia, quando muito, é um cliente de manhã, outro à tarde. Segundo, consequência do primeiro, porque Mané adora esticar o corte para falar de política e colocar em dia as fofocas em geral.

Consequentemente, caso a geringonça fosse mesmo capaz de fazer quase tudo sozinha, ele ficaria quase sem o que fazer. Pior, teria que ficar quase sem falar de política e quase nada saberia das fofocas em geral. E, é bom lembrar, seus — poucos — clientes detestam cortes diferentes, sobretudo, modernos. Ademais, sendo a única barbearia da cidade, inexistiria sentido em propagandeá-la como a primeira a fazer o que quer que seja. Portanto, toda aquela modernidade cheia de botões e luzes à frente de seu tempo de quase nada servem. Ainda mais se as instruções também não servirem para quase nada.

Como de fato ocorre. E Mané é obrigado a fazer a máquina funcionar sem instrução, afinal o cliente agendado era *seu* Gotardo, militar reformado. Mas até que não foi

assim tão complicado, bastando-lhe apertar botões e esperar as luzes acenderem. Só não contara que fossem logo se apagar, muito menos soltar a fumaceira que soltou. Mas o corte realmente saiu, rápido e diferente. Ao final, ele até tentou acalmar o cliente mas não foi fácil convencê-lo a aceitar que o resultado não fora tão ruim quanto o que se via no espelho. Mas o corte acabou ficando realmente moderno. O que acabara sendo pior... Lixando-se para tecnologias mirabolantes, importava-lhe apenas que fosse em estilo militar.

Portanto, como ocorrera a Nonô, é fácil entender porque Mané não deposita muita confiança em Quindim. Nem pouca. E, afora o renascido sonho de aposentar-se após quase tomar cascudos de clientes insatisfeitos, fora igualmente necessária alguma insistência — e duas ou três pinguinhas — para que topasse aderir à vaquinha e adquirir cinco tirinhas. Como também é perfeitamente presumível que goste pouco de máquinas — *seu* Gotardo quase o fizera engolir a que não era da NASA após a sogra cair na risada quando viu o corte — e prefira utensílios manuais.

Justamente por isso, a notícia de que se livrara de todas as suas ferramentas — enchera um saco com navalhas, pincéis, espelhos, tesouras e jogara tudo numa moita de capim caruru perto do rio — soara estranha. Ou não, reflete Nonô, animando-se com o fato de que o ocorrido só poderia significar que Mané estaria à espera de receber algo mais valioso — quem sabe uma vultosa premiação lotérica? Motivo, aliado ao fato de que *seu* Gotardo já ameaçara botar fogo na sogra e na barbearia, suficiente para que Mané resolvesse fechá-la e esperar por sua cota refugiado em algum boteco...

— Quindim, você conferiu mesmo? — indaga Nonô, mantendo-se prudente.

— Claro!

— Os números? — insiste.

— Conferi. Fique tranquilo.

Ressabiado — tem evidentes razões para isso —, Nonô não fica tranquilo. E propõe que se dirijam à alfaiataria de Zé Bento, detentor de outras cinco tirinhas. Este, sim, de origem comprovadamente nobre e responsável por guardar o bilhete inteiro. Precisa certificar-se de que os números — premiados, espera-se — tenham sido realmente conferidos. No caminho, passam pela barbearia. Ainda que a encontrem fechada, sabem que precisam apenas atravessar a rua para achar Mané, semiencoberto pelas sombras num canto do boteco — aonde aproveita para comemorar. Chamam-no para acompanhá-los. Ele topa, mas, já cheio de cana, não parece ter muita ideia do que se passa.

— Tem cachaça lá?

Na alfaiataria, deparam-se também com as portas fechadas. Zé Bento? Nem trabalhou hoje, informa-lhes com certa contrariedade a vizinha que, segundo Quindim, costuma prestar-lhe favores de corte e costura no serviço e de cama e mesa fora dele. Enquanto Nonô move seu olhar preocupado na direção de Quindim e Mané insiste em pedir cachaça, ela explica que Zé Bento chegara cedo, ordenara-lhe a entrega de dois ternos prontos, a devolução de um alinhavado e orientara-a a dispensar o restante dos clientes — incluindo-se os de um batizado, dois casamentos e um funeral.

— Depois... É fechar... — consterna-se, quem sabe pensando nos favores que deixará de prestar.

— Mas ele deixou um bilhete para vocês...

— Não falei? — exulta-se Quindim após a leitura
— Ele está em sua casa nos esperando para comemorar e decidir quem vai buscar o prêmio!

Ganhamos mesmo, admite finalmente Nonô, baseando-se na reconhecida seriedade de Zé Bento. E pensando na compra dos garrotes, quem sabe mais uma vaca leiteira, para convencer Maria de Tatão. Aproveitando que é sábado, acata a ideia da comemoração e resolve passar no boteco para comprar aguardente. Da boa, exige, sob incondicional apoio de Mané, abrindo finalmente um largo sorriso de alívio e satisfação. E, dado o tamanho da inconfidente língua de Quindim, ao retomarem o caminho rumo a casa de Zé Bento a notícia do bilhete premiado já se espalhara por toda localidade — e boa parte dela os acompanha.

— E aí? Quem vai buscar o prêmio? — indaga Quindim no meio da celebração, apresentando-se como candidato natural.

— Voto em Zé Bento! — devolve Nonô, externando indisfarçável receio com relação a Quindim.

— Eu também... — aquiesce Mané, antes de perguntar se tem mais cachaça.

Quindim reclama, visivelmente chateado — afinal, fora dele a ideia de comprar o bilhete. Sempre discreto, Zé Bento reconhece a importância de sua iniciativa, em especial pela insistência para que comprassem as tirinhas, e, talvez porque nunca fora enganado por Quindim, dá seu voto a ele. A decisão fica empatada. Mas Nonô e Mané, escaldados — e com razão —, alegando que candidatos não podem votar, decretam Zé Bento vencedor. Este, não tendo como esquivar-se, resolve, por fim, acatar a decisão. A partir daí,

ainda que não saibam o valor do prêmio, cada um passa a fazer planos acerca de seu quinhão. E sonhos, como a festa, rompem a madrugada como se não tivessem fim.

No domingo, de tanta ressaca, Mané passa o dia de cama. Na segunda, enquanto Zé Bento parte logo cedo para a capital, Quindim dá as caras na praça e, usando e abusando de sua farta — e recente — disponibilidade de crédito, resolve implementar diversas aquisições. Nonô apressa a negociação de quatro garrotes e outra vaca leiteira, acrescentando-os à prenda original. E obtém consentimento de Tatão. Maria, que tão logo soubera da premiação, antes mesmo do acréscimo, jurara-lhe amor eterno, claro que topa casar.

Na terça, Mané ainda se recupera da ressaca. Zé Bento dá notícias de que chegará à noitinha, sem dizer se hoje ou amanhã. Quindim volta a praça, implementa mais algumas aquisições e promete dar mais uma festa. Umas não, duas — pelo menos. Nonô, após saber que Maria mudara de ideia desde que soubera da premiação, tenta negociar a exclusão dos garrotes ou, quando menos, da vaca leiteira. Sem acordo, ainda ganha um ultimato. Com total apoio de Tatão, sem as duas vacas, os quatro garrotes, o tourinho gordo e o leitão até o fim da semana, ameaça não casar.

Na sexta, Mané finalmente se recupera da ressaca — e planeja a próxima. Quindim, desde quinta, não aparece na praça. Com a disponibilidade de crédito novamente em baixa no mercado, na praça em especial, alguns comerciantes ameaçam surrar-lhe se lá puser os pés e não pagar os fiados. Pressionado pela noiva, Nonô fecha a compra da vaca leiteira e quatro garrotes de um fazendeiro da região. Após juntá-los ao tourinho gordo, o leitão e a vaca prometida, paga a prenda e marca o casamento. Convocada por Zé Ben-

to, a vizinha que costuma lhe prestar favores por aqui, viaja para prestar-lhes acolá.

Na outra semana, após recuperar o saco com navilhas, pincéis, espelhos e tesouras na moita de capim caruru perto do rio, Mané reabre a barbearia e tenta recuperar a freguesia — e recuperar-se de mais uma ressaca. Sumido da praça, Quindim é visto revirando o mato perto do campinho. Atrás do *Transglobe* — seu tricolor alvirrubro prateado finalmente ganhara um joguinho —, contenta-se em achar pelo menos o naco de fumo de rolo. Com incondicional apoio de Tatão, Maria desmarca o casamento — o fazendeiro confiscara a vaca e os quatro garrotes por falta de pagamento. A alfaiataria continua fechada e a falta de parceiros malogra a retomada das partidas de buraco na pracinha.

Depois de três semanas, após mandar a sogra à santa mãezinha que lhe dera a luz, *seu* Gotardo, com seu corte meio *punk*, promete, pela décima nona vez, nunca mais pisar na barbearia. Mané, embora não tenha recuperado toda a clientela, já atende um cliente por dia e volta a atualizar-se das fofocas em geral — e põe Quindim para correr por ofertar-lhe uma máquina japonesa que faz cortes sozinha. Nonô, diante do insucesso em demover Maria de Tatão de sua desistência, retoma o tourinho gordo, a vaca leiteira e um pernil do leitão que acabara de ser passado na faca. De Zé Bento e vizinha há muito não se têm notícias. E a mesinha de cimento sob a sombra da mais frondosa castanheira da pracinha continua vazia. . . De Zé Bento e Vizinha há muito não se tem notícias.

Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Rio de Janeiro/RJ
- 2ª Menção Honrosa

Max

Será mesmo possível que uma pessoa mude assim, tão radicalmente? Pensava Maximiliano, a caminho da casa de Francisco. Não estava totalmente certo sobre as coisas que ouvira a respeito de seu antigo amigo. Talvez a certeza da morte tenha dado a ele alguma humildade, algum arrependimento. Quem sabe? Não se importava. Estava apenas curioso, por isso aceitara o convite.

Para em frente ao portão, hesita diante da campainha. Aperta o botão, finalmente. Dora atende, vem acompanhada de um casal que se despede dela e cumprimenta Maximiliano. Estão todos consternados. Ela se aproxima, os olhos ainda molhados. Faz menção de abraçá-lo, mas Maximiliano se afasta, impassível, e estende a mão para um aperto. Ela o encara por uma fração de segundo, constrangida, oferece a mão fria e mole, convida-o para entrar.

O lugar estava bastante diferente do que se lembrava. Havia um jardim florido no quintal, muitas plantas. O interior da casa estava muito bem decorado, o toque pessoal de Dora estava todo ali: os quadros, as esculturas, as cores.

— Ele ainda está conversando com um amigo no quarto, mas não deve demorar muito – falou ela.

— Não tem problema, eu espero.

Sentaram-se. Da parte dela havia um visível embaraço. Maximiliano observava a mulher por quem um

dia fora apaixonado. Os passar do tempo havia feito bem a ela. Estava um pouco mais magra, seus cabelos encaracolados estavam agora salpicados de fios brancos, que davam um belo contraste com seu rosto ainda incrivelmente jovem. Ela sempre detestou os fios prateados que teimavam em aparecer, mas, por algum motivo, tinha desistido de combatê-los. Sua fisionomia estava horrível, seus olhos muito vermelhos. Enquanto observava Dora, Maximiliano constatava algo de que já suspeitava há alguns anos: estava livre. A mágoa pairava lá, em algum lugar no fundo dele, mas não havia mais saudades, ciúme, nada. Estava livre.

— Li seu conto – ela comentou, inesperadamente.
- É muito bom. Fiquei contente de poder ler alguma coisa sua, depois de tanto tempo.

— Obrigado – respondeu, secamente.

Depois de alguns anos longe de qualquer atividade literária, Maximiliano resolveu inscrever alguns contos em concursos. Foi uma surpresa agradável quando saiu o resultado de um deles, de abrangência nacional, e viu seu nome na lista. Segundo lugar. *Nada mal para quem estava tão enferrujado*, ele pensou na ocasião. O nome de Francisco estava no fim da lista, uma das menções honrosas. Seria igualmente agradável participar da premiação, receber seus exemplares da antologia e poder olhar Francisco do alto do pódio. Mas ele não compareceu. Semanas depois recebeu seu e-mail.

Havia lido o conto de Francisco, e era muito bom, ele reconhecia. O mesmo tom pessimista, quase lúgubre. Francisco era totalmente fiel ao próprio estilo. Maximiliano não se lembrava de ter lido nada dele que fugisse ao seu tom característico. Não que ele não apreciasse, ao contrário.

Porém considerava um defeito essa inabilidade em diversificar a própria escrita. Mas não disse mais nada a ela.

Maximiliano levantou-se e foi olhar de perto a fotografia de casamento deles. Dora estava inquieta, o silêncio parecia incomodá-la.

— O que foi que ele escreveu a você, exatamente?
— ela perguntou.

- Ele foi bem direto. Disse que estava morrendo e que precisava falar comigo. Eu fiquei curioso e decidi vir.

— Câncer. Você sabia?

— Ouvi algumas coisas sobre o estado dele.

—Tive medo quando ele me disse que você viria. A situação dele é muito delicada... A última coisa de que ele precisa agora é de uma discussão, ele...

— Não haverá discussão alguma – disse Maximiliano. - Ou você tem medo que ele diga algo que a comprometa?

— Eu não tenho nada a esconder! Eu... – vociferou ela, mas interrompeu-se, olhou para os lados, receosa, e continuou, agora com a voz mais baixa. – Eu apenas temo pela saúde dele! Não tenho culpa se você nunca aceitou a situação. Você é um maldito rancoroso... Nunca superou nossa separação.

— Rancoroso, diz você. Rancoroso... - Maximiliano media as palavras, procurava dizê-las serenamente. – Tente imaginar a seguinte cena: sua melhor amiga se casa com seu ex-namorado menos de um ano depois de vocês terminarem. Consegue imaginar como se sentiria?

Depois da separação, Maximiliano tentou manter uma relação amigável, levando em conta que possuíam vários

amigos em comum, frequentávamos mesmos ambientes. A iniciativa do rompimento havia sido de Dora, mas, no fundo, Maximiliano nutria esperanças de que ela mudasse de ideia. Ainda gostava dela. Até que, pouco antes de completarem seis meses de rompimento, descobriu, através de um conhecido, que ela e Francisco estavam começando um romance. A notícia foi recebida como um soco inesperado na boca do estômago. Sentiu-se o mais idiota de todos os homens. Passou o restante do dia e toda a noite conectando fatos, fazendo releituras de acontecimentos que, à primeira vista, haviam sido banais. Imaginava os dois flertando pelas suas costas, talvez até se correspondendo, ou se encontrando às escondidas. Então ela decidiu terminar, esperou alguns meses, como precaução, e assumiu publicamente seu novo relacionamento. Era o que Maximiliano achava.

Diante do silêncio dela, ele continuou:

— Será que a palavra que você procura é “rancorosa”? Não sei... Mas sei de uma coisa: você pode ficar tranquila. Tudo que havia para falar com seu marido foi dito em nossa última conversa, há oito anos, quando ele veio tentar se explicar.

Na verdade não houve muita conversa, pensou. Lembrava-se com orgulho dos socos que deu no rosto do seu rival, da imagem dele caído no chão, cuspiendo sangue.

Maximiliano analisava a mudez de Dora. Durante todos esses anos, conviveu com suas próprias suspeitas, seus rancores e mágoas. Nunca teve a oportunidade de despejar suas dúvidas sobre ela. E percebe, agora, que não faz diferença. Seu orgulho ferido há muito havia se restaurado. Seus sentimentos, seus versos e sua prosa já pertenciam à outra pessoa.

O visitante saiu do quarto, entrou na sala e percebeu o clima tenso entre os dois. Dora, com a expressão chorosa, foi levá-lo até a porta. Maximiliano não esperou que ela voltasse. Era hora de terminar com aquilo de uma vez.

Entrou no quarto sem bater. Francisco já esperava por ele, mas, mesmo assim, parece ter sido pego de surpresa. Estava nervoso. Pegou o livro que estava lendo, um exemplar antigo de *Dom Casmurro*, e largou-o na mesa de cabeceira.

— Oi, Max – a voz era quase um sussurro.

Estava irreconhecível. Esquelético, careca, olhos encovados. Maximiliano não conseguia deixar de olhar para aquele rosto pálido, quase que hipnotizado. Por um segundo sentiu pena. A única coisa que Maximiliano temia de verdade era a morte precoce. Morrer jovem, cheio de planos. Buscou então na memória a lembrança do sorriso sarcástico, das piadas maliciosas, do olhar de superioridade. Pensou em Dora. Não podia deixar que a raiva perdesse lugar para a piedade. Manteve-se firme.

— Olá, Franz – conseguiu dizer.

Francisco apontou uma cadeira próxima, Maximiliano sentou-se.

— Eu sei, minha aparência já foi melhor – disse o doente. -”*Suddenly, I’m no half the man I used to be. There’s a shadow hanging over me*”¹ – cantou baixinho, voz hesitante. – A sombra da morte, essa é a sombra.

Silêncio. Maximiliano não tinha palavras. Olharam-se, ambos desconfortáveis, mas Maximiliano manteve fixo o olhar, até que Francisco abaixou a cabeça, respirou fundo e tomou coragem para dizer o que pretendia.

— Deve estar se perguntando por qual motivo eu o chamei aqui, suponho. Irei direto ao ponto - sentou-se na

cama, a camisa larga pendendo em seu corpo magro como se estivesse em um cabide. – Estou morrendo, você sabe. Desisti do tratamento quimioterápico. Quero poder viver melhor esses meus últimos meses, ou semanas. Nunca me imaginei morrendo assim, antes dos cinquenta... Quando pensava na morte, me imaginava como meu avô, bem velho, de cabelos brancos, ainda lúcido, cercado de livros...

“É surpreendente o que isso faz com a gente, Max. De início, quando soube, a minha primeira reação foi chorar. Chorei, chorei por dias. Em seguida, me veio um desejo voraz de viver, viver cada segundo como se fosse o último, por mais clichê que isso possa soar, e de produzir, escrever, amar. Viver, enfim... Por último, senti uma necessidade absurda de redenção. Não no sentido religioso, você sabe o que penso sobre religião... O que eu queria, o que eu quero é me libertar da culpa que sinto em relação a certas pessoas que foram ou que são importantes pra mim”.

Maximiliano ouvia atentamente. Francisco tomou fôlego e continuou.

— Antes de qualquer coisa, eu nunca o traí. Você precisa saber disso, Max. Eu não seria capaz. Eu sempre fui um invejoso, criticava excessivamente tudo que você escrevia apenas porque sentia inveja do seu talento, mas nunca o traí, você precisa acreditar – suas palavras saíam apressadas, atrapalhadas. – Enquanto vocês estiveram juntos, eu me mantive fiel a você. Eu a cobicei, a desejei, e não me orgulho de dizer isso, mas nunca fiz ou disse nada que desabonasse minha conduta como seu amigo.

Falso, pensou Maximiliano. Não acreditava em nada daquilo, mas mantinha-se calado. O silêncio incômodo pairava sobre o quarto. Francisco pegou um DVD-ROM que

estava sobre a mesa de cabeceira, ao lado do livro, e entregou-o ao homem diante dele. Mais calmo agora, continuou:

— Nesse disco há uma seleção de contos premiados que eu tinha intenção de publicar, contos que foram publicados em antologias de concursos ao longo desses anos todos. Com exceção desses contos, ou outros textos são todos inéditos: um esboço de romance, um romance completo, algumas novelas e mais alguns contos. Ninguém ainda os leu, nem mesmo Dora – fez uma pausa, reparou em Maximiliano, que olhava distraidamente o disco em suas mãos. – Max, lembro que, certa vez, você leu pra mim uma frase da Milena Jesenská sobre Kafka. “Ele era envergonhado, tímido, gentil e bom, mas os livros que escrevia eram cruéis e dolorosos. Enxergava um mundo cheio de demônios que guerreavam os indefesos seres humanos e os perturbavam”. Você disse que a frase se aplicava um pouco ao que você sentia em relação aos meus escritos, exceto a parte do “envergonhado, tímido, gentil e bom” – disse Francisco, rindo. – Gostaria que você lesse o material, Max. Gostaria que o publicasse um dia.

Maximiliano viu o exemplar de *Dom Casmurro*. Lembrou-se então de uma frase dita por Bentinho no último capítulo do romance. Levantou-se, olhou o rosto quase morto de Francisco. *Que a terra te seja leve, Franz*, pensou, sorrindo. E saiu sem se despedir.

*

Maximiliano havia deixado o DVD-ROM guardado numa gaveta. E lá ficou por algumas semanas, até que soube da morte de Francisco. Lembrou-se então do disco, lembrou-se do pedido que havia sido feito a ele.

Colocou o disco no computador. Havia uma única pasta gravada nele, dentro da qual havia dezenas de arquivos de texto. Copiou a pasta, colou-a na área de trabalho, depois ejetou o DVD-ROM, partiu-o ao meio e o jogou no lixo. Olhou os arquivos da pasta ao caso, abriu um cujo título lhe pareceu particularmente interessante.

Quase trinta páginas. Margens 2,5, fonte 12, espaçamento entre linhas de 1,5. Numa edição, daria umas cem páginas, talvez. A epígrafe prenunciava o tom da novela: um fragmento de Kafka intitulado *A infelicidade de ser solteiro*. O enredo era simples. Um velho octogenário chamado Robert recebe a visita de Diego, um colega dos tempos de escola com quem não se comunica há muitas décadas. Diego revela o endereço de Julie, por quem Robert era apaixonado na infância. Esses reencontros levam Robert a finalmente ir ao encontro de seu filho, de cuja existência sabia há muito tempo, mas com quem nunca teve nenhum tipo de contato.

A história é narrada em primeira pessoa pelo protagonista. Os diálogos são entrecortados pelas lembranças de Robert, seus monólogos interiores, deixando à mostra para o leitor as divergências entre o que diz aos interlocutores e o que realmente pensa. Tudo é construído de modo a realçar a condição solitária do personagem principal. Diego e sua família grande, cheia de filhos e netos, os próprios irmãos de Robert, que também tiveram muitos filhos. Em contraposição, Robert aparece sozinho em sua casa grande, acompanhado somente de seus remorsos e frustrações, mendigando a atenção do sobrinho predileto.

Havia algo naquele texto que, segundo Maximiliano, fazia lembrar *Memórias de minhas putas*

tristes. Os arrependimentos dos personagens, a solidão extrema no fim da vida, as reflexões sobre os relacionamentos passados. Não havia o mesmo tom lírico de Márquez. O “sábio triste” do escritor colombiano descobre o amor no fim da vida, já o Robert de Francisco encontra seu amor de infância preso a uma cama de hospital, sem memória, abandonada por todos, e o filho de Robert manda-o para o inferno e diz para não voltar nunca mais.

Na última página, após o fim do texto, havia uma nota. Francisco havia colado uma foto, uma imagem de uma litografia de van Gogh chamada *Homem velho com a cabeça em suas mãos*, e diz que gostaria de vê-la como capa de uma possível publicação. Maximiliano olhava a imagem e achava que a desolação que dela emanava representava muito bem as angústias do velho Robert.

Fechou o arquivo. Clicou na pasta na área de trabalho com o lado direito do mouse, selecionou “excluir”. Abriu a lixeira, hesitou antes de excluir definitivamente. Pensou por uns instantes, restaurou o arquivo, que voltou para o seu lugar na área de trabalho. Abriu a pasta, abriu novamente o texto que acabara de ler. Na primeira página, logo abaixo do título da novela, estava o nome do autor: “Francisco Corvo”. Maximiliano levou o cursor até lá, apagou o nome lentamente e, no lugar, digitou: “Maximiliano Vau”.

A Coroação

Um casamento frustrado, que ela ostentava com orgulho. Orgulho de quebrar a tradição de divórcios da família. Quem chegou mais perto da façanha foi a irmã caçula, agora viúva. Mas o casamento era sabidamente conturbado. Bebida, amantes. Chegaram ao ponto de sequer precisarem disfarçar. O fracasso da relação pulsava em toda carícia esquiva, sotaque das palavras monótonas.

Continuou casada, tristonha e carrancuda até o acidente. No enterro, chorou aos berros. A reação confundiu opiniões. Tanto sofrimento, jorrado de forma tão espontânea, só podia ser a prova de que, apesar das ranhuras, ainda havia amor naquele cálice. Apenas ela sabia que os soluços da irmã não eram por afeto, nem por conveniência ou remorso. Suas lágrimas rolavam por um único motivo. Orgulho.

No caso, orgulho ferido.

Esse defeito também reconhecia em si mesma, mas julgava sair-se melhor. O demasiado apreço de Geraldo pela opinião alheia o fazia tratá-la como uma rainha. Bajulações, presentes, ingressos e restaurantes caros. A ela diziam ter sorte, baseados na visão que tinham da pequena fresta que dava para sua intimidade. Sônia só deixava que abrissem até ali. Àquela distância não veriam as broncas, os insultos, a negligência e o desprezo. Dali só enxergariam o que ela quisesse.

Seu êxito.

Quisera a mãe ter tido a mesma sorte. O pai que Sônia adorava não media esforços para causar decepções à esposa. Tanto fez – ou melhor, não fez – que um dia ela saiu com os pertences numa mala grande, puxando as filhas pela manga do casaco.

Às vezes se perguntava se aquela relapsa figura paterna teria sido a responsável por seu interesse em homens atentos aos detalhes, que soubessem reagir ao olhar alheio. O pai não se importava, o que os outros viam correspondia àquilo que era – seco, raso, mal temperado. Talvez essa fosse a maior mágoa da mãe, o marido não sabia atuar. Geraldo era o oposto. Em público, sempre tão gentil e atencioso. Um verdadeiro mestre de cerimônias.

Foi por isso que todo o resto aconteceu. Ela o conheceu em público. Apaixonou-se diante dos olhos de figurantes regados a champanhe. Disse sim no palco de um clube lotado, ao som de *There Is No Greater Love*.

Como iria saber que o homem que fazia incontáveis gentilezas para os amigos de festa, colegas de agência ou mesmo conhecidos do bairro esquecia as medidas toda vez que chegava em casa?

Tinha para si a suspeita de que o marido até acordava paciente, mas logo saía para trabalhar. E então, ao longo do dia, coadjuvantes iam drenando aquela paciência com pedidos, erros e clientes complicados. Quando a porta da frente voltava a se abrir, lá pelas tantas da noite, já não sobrava paciência nenhuma.

Você não faz nada direito! Uma mulher que não consegue cuidar da casa, onde já se viu? Esse arroz não é como o da minha mãe...

E lá vinha a velha nas tardes de domingo, ensinar a

nora a preparar a janta do mesmo jeito que ela. Como o da senhora não tem igual, Geraldo beijava-lhe a mão depois de limpar os lábios com o guardanapo, ao que a velha respondia com um sorriso.

Vivia falando do marido. Homem muito nobre, que morreu de causa injusta, mas teve tempo de criar o filho para o mundo. Mantinha no pescoço a correntinha que ganhara pelas Bodas de Prata. Na sala de estar, um enorme retrato do falecido recebia as visitas. O major ficava ali, emoldurado por tranças de ouro e poeira.

Sônia achava que não lhe cabia medir o apreço da sogra pelo ex-marido. Isso inclusive deixaria Geraldo chateado, coisa que ela evitava da broa da manhã até o chazinho noturno. O fato é que a velha se recusava a tocar nos pertences do morto, nem que fosse para jogá-los fora. Deixava tudo amontoado num armário de portas rangentes, na companhia das aranhas.

Nunca mais quis saber de homem algum. Enviuvou relativamente jovem, ainda mantinha na pele o frescor dos áureos anos. Pretendentes não faltaram. Mas ela dizia, com uma certeza que não lhe era típica – por respeito à lembrança de Honório, não me entrego a mais ninguém.

Sua maior companhia da viuvez era Dona Carlota, paulistana que também havia jurado fidelidade fúnebre. Viviam agarradas, uma na casa da outra, os dedos entrelaçados como se não quisessem mais se separar.

Geraldo via naquilo certo exagero, compreensível pela dor do luto. Sônia sentia certa inveja. Gostaria de ter para si uma amiga, alguém que pudesse tratar como confidante, testemunha das desavenças com o marido morto.

Batia na boca três vezes.

Seu marido estava vivo. Era uma mulher casada.

Justamente por isso, teve com ele uma filha. Amália. Criança linda, o encanto do pai. Sônia sentia o coração aquecido por saber que Geraldo, após um dia agitado, após os apertos no orçamento, após aturar clientes que o faziam recomeçar a campanha do zero, com metade do prazo e o dobro da urgência, guardava toda a pacatez que lhe restava para a menina.

A adolescente. A moça. A mulher.

Amália cresceu daquele jeito, recebendo mimos do herói cujo poder era despejar amarguras sobre a esposa. Por vezes intervinha, chorava que o pai se acalmasse. Depois corria atrás da mãe.

Reflexo na espuma da louça, Sônia negava qualquer aborrecimento. No fundo achava que fizera por merecer. Também havia sido mimada por um pai rude, bem diante das olheiras maternas. Nada mais justo do que receber sua punição tardia.

Nos últimos meses, porém, tinha poucas horas vagas para a reclamação do marido. Ajudava a filha com os preparativos do casamento.

A festa, por conta de Geraldo. A igreja, cortesia do sogro, Doutor Carlos, assim como o apartamento de frente para a praia. As exigências de requinte e perfeição, a cargo do noivo.

Ah, o noivo. Advogado, bem-sucedido, desde cedo engajado nos negócios da família. Amália não tinha muitas aptidões intelectuais – nesse ponto Geraldo dizia ter puxado a mãe. Sua maior virtude era selecionar bons partidos.

Na escola, namorou o filho de um empresário. Na

faculdade, um médico. No ano seguinte se envolveu com um comerciante algumas décadas mais velho, disposto a fazê-la conhecer o mundo. Felipe, o noivo, só foi fazer parte da vida da filha algum tempo depois, na época em que trabalhava no escritório do homem que viria a ser seu ex-patrão e futuro sogro.

Desde o noivado, Amália dispensara a renda fixa. Os gastos eram debitados nos honorários de Felipe, que por isso se dizia muito feliz. A rotina da noiva se dedicava a manter aquela felicidade em conserva, da torrada de bom dia ao sanduíche de boa noite.

Faltavam poucas semanas para o casório e todos os convites já estavam no correio. Salão para quatrocentos e trinta convidados, ratificou a sogra da filha, pendurada no telefone. E espaço para pista de dança, completou, ao que Geraldo abriu um sorriso.

Muito elegante a esposa do Carlos, dizia. Uma mulher que sabe resolver as coisas, tem classe. Geraldo falava muito de Estela. E Estela só sabia falar de Felipe. Do Doutor Carlos, fundador da T&C Escritório de Advocacia, ninguém falava além dele mesmo.

Era uma segunda-feira quando Sônia entrou no quarto da filha. Estava sentada na cama, com a caixa de recordações no colo. Uma antiga embalagem de biscoitos amanteigados – mais um mimo paterno – onde desde menina guardava seus escritos e fotografias.

Ela não a viu chegar, e Sônia diminuiu o passo para estender a discrição. Entre os dedos da moça estavam desenhos de si mesma a bordo de um foguete, num laboratório cheio de tubos e sobre um palco iluminado. Retratos com as avós, as tias e as amigas da faculdade. Sônia

lembrava de uma delas. Estava no exterior, terminando o doutorado. Só não tinha mais certeza do nome.

Tocou o ombro de Amália.

A reação foi um susto. Tinha os olhos avermelhados, a face umedecida. Chorava? Fez a pergunta e obteve uma série de “não foi nada” como resposta. Estava só relembrando umas bobagens, revelou finalmente, esfregando o rosto.

Pendurado diante delas, o vestido branco aguardava imaculado pelo grande dia.

No porta-retratos sobre a cômoda, uma foto de Amália e Felipe. Também estavam juntos no mural da parede, na tela do celular e numa almofada decorativa, ideia de Estela que acabou descartada do casamento.

Sônia ainda tinha os olhos naquela estampa quando a filha soltou um grunhido agudo, que inutilmente tentou sorver de volta à boca. Vermelho salpicou pela face. Entre arrepios e soluços, enrugou-se num choro pesado, capaz de empapar as folhas que tinha no colo.

Foi por reflexo que Sônia as tirou do alcance das lágrimas, envolvendo a filha num abraço. Isso é ansiedade, também aconteceu comigo, sussurrava, o corpo num balanço para frente e para trás. Não saiu da cama até que a jovem adormecesse, embalada por falsas lembranças.

Levantou-se quase em fuga. Nas mãos, ainda manchados, tremulavam alguns desenhos da pequena Amália. Um deles a fez segurar o papel com mais força.

Pintada de rosa, coroa na cabeça, lá estava Sônia a empunhar uma espada bastante torta. Vinha acompanhada pela filha, um garrancho colorido que carregava um escudo maior do que ela. Nos fundos do papel havia um castelo erguido a

giz de cera. Suas defensoras tinham ar vitorioso, de valentia rabiscada.

Rabiscos com borrões de choro.

Às nove horas de um domingo de sol, Sônia entrou na igreja com o desenho amassado na bolsa. Espremia-se entre os comandos de Estela e a tagarelice do Doutor Carlos. Na penumbra do véu, braços dados com o pai, Amália parecia disfarçar novo grunhido. Fale agora ou cale-se para sempre, disse o padre.

Sônia falou.

Disse tudo e mais um pouco.

Agarrou a manga da filha e a conduziu para longe do altar.

Quando Geraldo tentou impedi-la, empunhou sua espada. Apontou-a também para Felipe, para Estela e para a barriga roliça do doutor Carlos.

Abriu caminho entre os figurantes, rasgando seus julgamentos. Mutilou olhares e zombarias, decepou etiquetas. Estava prestes a ser atingida por uma acusação quando uma superfície metálica a defendeu.

O escudo de Amália.

Em tropeços na barra dos vestidos, riscando o verniz com a pressa dos saltos, mãe e filha escaparam das reputações.

Tomaram um táxi.

Enquanto Amália se enfiava no banheiro, Sônia correu para os quartos. Roupas, dinheiro e pertences, tudo abarrotado nas malas.

Tomaram outro táxi, desceram no aeroporto.

Já haviam se livrado da maquiagem carregada, dos coques desconfortáveis, pisaram nas lantejoulas.

Recolheu a espada na bainha. Jogou o escudo de Amália sobre os ombros. Os dedos entrelaçados aos da filha, num esforço de não mais se separar.

Encontrariam seu lindo castelo.

É com grande satisfação que a Editora UFSM, que tem como missão *Contribuir para a difusão cultural e intelectual do conhecimento, propagar ideias e saberes através da publicação de livros de qualidade e ações inovadoras no universo dos livros de forma a envolver a comunidade*, apoia ativamente mais uma edição do Concurso Literário Felipe D’Oliveira, evento o qual cada vez mais vem ocupando um importante espaço no cenário literário e cultural não apenas de Santa Maria, mas também do Estado.

O presente livro conta com os trabalhos premiados nas duas últimas edições do concurso (2017-2018), distribuídos nas categorias de crônica, conto e poesia, sendo todos esses selecionados a partir de uma criteriosa revisão feita por professores e pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da Universidade Franciscana (UFN), da Academia Santa-Mariense de Letras (ASL) e de outros órgãos e associações culturais aos quais agradecemos pela dedicação, pela acuidade e pelo comprometimento.

A Editora UFSM jamais se furtará e deixará de apoiar eventos e ações que visem a promoção da cultura e a preservação da memória de nossa cidade. Isso pode ser comprovado pelas publicações de qualidade que a Editora tem feito e pela participação e apoio em vários eventos locais, nacionais e internacionais, bem como em ações que

visem garantir a qualidade, o melhor *design* e a distribuição dos nossos livros, o que já é reconhecido através de prêmios e várias menções recebidos ao longo dos anos.

Temos convicção que a comunidade de Santa Maria e região está tendo a oportunidade de ler uma obra com contribuições de poetas, pensadores e escritores de várias partes do país, os quais se esmeraram para termos um concurso que honre o nome desse grande poeta, legalista e homem das artes e cultura que foi Felipe D'Oliveira, o qual tão cedo partiu, mas deixou um importante legado para as novas gerações preservarem e honrarem.

A todos os votos de uma boa leitura e o nosso firme propósito de, cada vez mais, por meio da Editora UFSM, apoiar os eventos culturais e literários de Santa Maria e região.

Prof. Dr. Daniel Arruda Coronel

Diretor da Editora UFSM

Membro da Academia Santa-Mariense de Letras (ASL)

Apoio

Paulo Afonso Burmann

Reitor da UFSM

Luciano Schuch

Vice-Reitor da UFSM

Marionaldo da Costa Ferreira

Secretário Geral de Gabinete do Reitor da UFSM

Daniel Arruda Coronel

Diretor da Editora da UFSM

